

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE MINAS
GERAIS – *CAMPUS* FORMIGA
MESTRADO PROFISSIONAL EM ADMINISTRAÇÃO

Andréa Rocha Pereira

**INFLUÊNCIA DA ALFABETIZAÇÃO FINANCEIRA, DO AUTOCONTROLE E DO
VIÉS DE CONTABILIDADE MENTAL NO BEM-ESTAR FINANCEIRO: UM
ESTUDO EM UMA COOPERATIVA DE CRÉDITO DO CENTRO-OESTE DE
MINAS GERAIS.**

Formiga - MG

2026

ANDRÉA ROCHA PEREIRA

**INFLUÊNCIA DA ALFABETIZAÇÃO FINANCEIRA, DO AUTOCONTROLE E DO
VIÉS DE CONTABILIDADE MENTAL NO BEM-ESTAR FINANCEIRO: UM
ESTUDO EM UMA COOPERATIVA DE CRÉDITO DO CENTRO-OESTE DE
MINAS GERAIS.**

Dissertação apresentada ao Instituto Federal de Minas Gerais, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Administração, área de concentração em Finanças, para a obtenção do título de Mestre. Linha de pesquisa: Finanças Comportamentais e Tomada de Decisões.

Prof. Dr.: Lélis Pedro de Andrade
Orientador

Linha de pesquisa: Finanças Comportamentais e Tomada de Decisões.

Prof. Dr.: Bruno César de Melo Moreira
Coorientador

Formiga - MG
2026

P436i Pereira, Andréa Rocha
Influência da alfabetização financeira, do autocontrole e do viés de contabilidade mental no bem-estar financeiro: um estudo em uma cooperativa de crédito do Centro-oeste de Minas Gerais. / Pereira, Andréa Rocha – Formiga: IFMG, 2026.
155 p.:il. color.

Orientador: Prof. Dr. Lélis Pedro de Andrade.

Dissertação (Mestrado Profissional em Administração) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais – *Campus* Formiga.

1. Bem-estar financeiro. 2. Alfabetização financeira. 3. Autocontrole. 4. Contabilidade mental. 5. Cooperativas de crédito. I. Andrade, Lélis Pedro de. II. Título.

CDD 332.024

Andréa Rocha Pereira

INFLUÊNCIA DA ALFABETIZAÇÃO FINANCEIRA, DO AUTOCONTROLE E DO VIÉS DE CONTABILIDADE MENTAL NO BEM-ESTAR FINANCEIRO: UM ESTUDO EM UMA COOPERATIVA DE CRÉDITO DO CENTRO-OESTE DE MINAS GERAIS.

Dissertação apresentada ao Instituto Federal de Minas Gerais, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Administração, área de concentração em Finanças, para a obtenção do título de Mestre. Linha de pesquisa: Finanças Comportamentais e Tomada de Decisões.

Aprovado em 23/06/2026 pela banca examinadora.

Documento assinado digitalmente
 **LELIS PEDRO DE ANDRADE**
Data: 09/07/2026 12:21:31-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Lélis Pedro de Andrade - IFMG (Orientador)

Documento assinado digitalmente
 **BRUNO CESAR DE MELO MOREIRA**
Data: 09/07/2026 16:54:30-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Bruno César de Melo Moreira - IFMG (Coorientador)

ASSINADO DIGITALMENTE
ADRIANO OLÍMPIO TONELLI
A conformidade com a assinatura pode ser verificada em:
<https://serpro.gov.br/assinador-digital> 

Prof. Dr. Adriano Olímpio Tonelli - IFMG (Avaliador interno)

Documento assinado digitalmente
 **JOSE WILLER DO PRADO**
Data: 09/07/2026 12:48:42-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. José Willer do Prado - UFLA (Avaliador externo)

A Deus, por ser tudo em minha vida.
Aos meus pais, que nunca mediram esforços para me proporcionar uma boa educação,
sempre acompanhada de amor incondicional.
Ao meu noivo, Willian, pelo companheirismo e compreensão.
A todos aqueles que me ofereceram apoio, incentivo, amor e cuidado nessa jornada.
Dedico.

AGRADECIMENTOS

Agradeço inicialmente a Deus, por colocar em meu coração o sonho de cursar o mestrado e por cuidar de cada detalhe durante toda a jornada. Foram muitas horas de estrada e de estudo, além de pessoas que, direta ou indiretamente, me deram suporte durante a construção desta história, sempre guiada e abençoada pelas mãos do Senhor.

Meu agradecimento sincero aos meus pais, por todo cuidado e carinho, por sempre zelarem pela minha educação e por conduzirem minha criação com valores e ética. Pelo amor incondicional dedicado ao longo de todos esses anos, este trabalho também é de vocês. Agradeço também ao meu noivo, Willian, por ser meu suporte emocional e racional durante todo esse período. Aos meus amigos, que compreenderam minha ausência e sempre torceram por mim. Em especial, à Cíntia e ao Marco, que, além das orações, me acolheram em seu lar com tanto carinho.

A todos os meus professores, que contribuíram para minha formação acadêmica e pessoal. Em especial, ao meu orientador, professor Lélis, que acreditou em mim nos momentos em que eu mesma duvidei, incentivou minhas escolhas e esteve presente nesta jornada. Ao meu coorientador, professor Bruno, pela dedicação e contribuição para este trabalho. Ao professor Adriano, pela paciência e maestria com que compartilhou seus conhecimentos, contribuindo também para o desenvolvimento desta pesquisa.

Aos meus colegas de sala, que trocaram experiências, incentivaram, motivaram, compartilharam conhecimentos e tornaram o caminho mais leve e prazeroso. Ao Sicoob Credplus, que permitiu que eu comparecesse às aulas presenciais e colaborou para a realização desta etapa. Aos meus colegas de trabalho, que me deram suporte e auxílio ao longo dessa jornada.

Registro também meu agradecimento ao IFMG - Campus Formiga, pela formação proporcionada, pelo apoio institucional e pela dedicação de seus professores e colaboradores ao longo desta trajetória acadêmica. Agradeço, ainda, à Pró-Reitoria de Inovação, Pesquisa e Pós-Graduação (PRIPPG) e ao Programa Inova-Pós pelo apoio financeiro concedido na forma de bolsa de Mestrado, conforme Edital nº 447/2024, fundamental para a realização desta pesquisa.

Meus sinceros agradecimentos a todos que chegaram comigo até aqui.

“Até aqui nos ajudou o Senhor.”

1 Samuel 7:12

RESUMO

Esta dissertação analisou a influência da alfabetização financeira e dos vieses comportamentais de autocontrole e contabilidade mental sobre o bem-estar financeiro (BEF), com proposta de inovação para uma cooperativa de crédito do Centro-Oeste de Minas Gerais. O trabalho foi estruturado em três produtos complementares. O primeiro consistiu em uma revisão bibliométrica da literatura sobre BEF e vieses cognitivos, com análise de 136 documentos indexados na Web of Science entre 2006 e 2024. Os resultados evidenciaram crescimento da produção científica a partir de 2018, predominância de estudos relacionados à alfabetização, ao comportamento e ao conhecimento financeiro, e menor consolidação do autocontrole na literatura sobre BEF. O segundo produto compreendeu um estudo empírico, de abordagem quantitativa, com survey aplicado a 318 associados da cooperativa e análise por Modelagem de Equações Estruturais por mínimos quadrados parciais (PLS-SEM), no software R. Os achados indicaram que os cooperados apresentam, em sua maioria, nível intermediário de BEF. O comportamento financeiro exerceu o maior efeito direto sobre o BEF, seguido da atitude financeira, enquanto o conhecimento financeiro influenciou o bem-estar de forma indireta. O viés de autocontrole, compreendido como menor capacidade de autorregulação nas decisões financeiras, afeta negativamente o BEF ao comprometer atitudes e comportamentos financeiros consistentes. A contabilidade mental não pôde ser testada no modelo final, em razão da inadequação psicométrica da escala. O terceiro produto consistiu no desenvolvimento de um protótipo de aplicativo para diagnóstico e acompanhamento longitudinal do BEF, oferecendo orientações personalizadas voltadas à educação financeira e à mudança comportamental. Conclui-se que o BEF dos cooperados depende não apenas do conhecimento financeiro, mas sobretudo de sua conversão em atitudes e comportamentos capazes de fortalecer a autonomia e a segurança financeira.

Palavras-chave: Bem-estar financeiro; Alfabetização financeira; Autocontrole; Contabilidade mental; Cooperativas de crédito.

ABSTRACT

This dissertation analyzed the influence of financial literacy and the behavioral biases of self-control and mental accounting on financial well-being (FWB), with an innovation proposal for a credit cooperative located in the Central-West region of Minas Gerais, Brazil. The study was structured into three complementary products. The first consisted of a bibliometric review of the literature on FWB and cognitive biases, based on 136 documents indexed in the Web of Science between 2006 and 2024. The results revealed an increase in scientific production from 2018 onward, a predominance of studies related to financial literacy, financial behavior and financial knowledge, and a less consolidated position of self-control in the FWB literature. The second product comprised an empirical study with a quantitative approach, based on a survey conducted with 318 cooperative members and analyzed using Partial Least Squares Structural Equation Modeling (PLS-SEM) in R software. The findings indicated that most cooperative members presented an intermediate level of FWB. Financial behavior had the strongest direct effect on FWB, followed by financial attitude, whereas financial knowledge influenced well-being indirectly. The self-control bias, understood as a lower capacity for self-regulation in financial decisions, negatively affects FWB by compromising consistent financial attitudes and behaviors. Mental accounting could not be tested in the final model due to the psychometric inadequacy of the scale in this sample. The third product consisted of the development of an application for the diagnosis and longitudinal monitoring of FWB, offering personalized guidance focused on financial education and behavioral change. The study concludes that the FWB of cooperative members depends not only on financial knowledge, but mainly on its conversion into attitudes and behaviors capable of strengthening financial autonomy and security.

Keywords: financial well-being; financial literacy; self-control; mental accounting; credit cooperatives.

LISTA DE TABELAS

PARTE 2: BEM-ESTAR FINANCEIRO E VIESES COGNITIVOS: UMA ANÁLISE BIBLIOMÉTRICA DA LITERATURA.

Tabela 1 - Características da amostra final de pesquisa	30
Tabela 2 - Periódicos mais relevantes.....	32

PARTE 3: ANÁLISE DA ALFABETIZAÇÃO FINANCEIRA DO AUTOCONTROLE E DO VIÉS DE CONTABILIDADE MENTAL NO BEM-ESTAR FINANCEIRO.

Tabela 1 – Distribuição de frequências.....	89
Tabela 2 - Resultados do teste qui-quadrado variáveis x variáveis demográficas.....	90
Tabela 3 - Capacidade declarada x Gênero	91
Tabela 4 - Capacidade declarada x Renda	91
Tabela 5 - Frequência de busca por informações financeiras x Renda.....	92
Tabela 6 - Estatística descritiva dos construtos	94
Tabela 7 - Estatística descritiva do construto BEF (parte 1)	96
Tabela 8- Estatística descritiva do construto BEF (parte 2)	98
Tabela 9 - Nível de BEF dos cooperados	101
Tabela 10 - Testes de diferença de média do BEF segundo variáveis sociodemográficas	103
Tabela 11 - Média do score de BEF por estado civil e renda	103
Tabela 12 - Confiabilidade e validade convergente do modelo de mensuração inicial.....	105
Tabela 13 - Confiabilidade e validade convergente do modelo de mensuração final	106
Tabela 14 - Validade discriminante (<i>Bootstrapped</i> HTMT).....	107
Tabela 15 - Caminhos estruturais do modelo PLS-SEM.....	108
Tabela 16 - Efeitos diretos, indiretos e totais sobre o BEF.....	110
Tabela 17 - Coeficiente de determinação (R^2) dos construtos endógenos.....	115
Tabela 18 – Orientação financeira x Idade	129
Tabela 19 – Orientação financeira x Estado civil	129
Tabela 20 – Orientação Financeira x Escolaridade	129

LISTA ILUSTRAÇÕES

PARTE 2: BEM-ESTAR FINANCEIRO E VIESES COGNITIVOS: UMA ANÁLISE BIBLIOMÉTRICA DA LITERATURA.

Figura 1- Evolução da produção científica anual	30
Figura 2 - Produção dos autores ao longo do tempo	31
Figura 3 - Publicações mais citadas globalmente	32
Figura 4 - Nuvem de palavras.....	33
Figura 5 - Evolução temática (2006-2017).....	35
Figura 6 - Evolução temática (2018-2024).....	37
Figura 7 - Rede de co-ocorrência	39

PARTE 3: ANÁLISE DA ALFABETIZAÇÃO FINANCEIRA DO AUTOCONTROLE E DO VIÉS DE CONTABILIDADE MENTAL NO BEM-ESTAR FINANCEIRO.

Figura 1 - Modelo estrutural proposto	68
Gráfico 1 - Indique o gênero (sexo) no qual você se identifica.....	84
Gráfico 2 - Qual é a sua idade (faixa etária).....	85
Gráfico 3 - Qual é o seu estado civil?.....	86
Gráfico 4- Possui dependentes?.....	86
Gráfico 5 - Qual é o seu nível de escolaridade?	87
Gráfico 6 – Qual é a sua renda mensal individual, considerando todos os seus trabalhos e outras fontes de rendimento?.....	88
Gráfico 7 – “Que tipo de orientação financeira você gostaria de receber da cooperativa?”	90
Figura 2- Histograma do BEF	101
Figura 3 - Modelo estrutural estimado	109

LISTA DE QUADROS

PARTE 2: BEM-ESTAR FINANCEIRO E VIESES COGNITIVOS: UMA ANÁLISE BIBLIOMÉTRICA DA LITERATURA.

Quadro 1 - Cadeia de pesquisa	28
-------------------------------------	----

PARTE 3: ANÁLISE DA ALFABETIZAÇÃO FINANCEIRA DO AUTOCONTROLE E DO VIÉS DE CONTABILIDADE MENTAL NO BEM-ESTAR FINANCEIRO.

Quadro 1 – Dimensões que estruturam a alfabetização financeira.....	54
Quadro 2- Fundamentação metodológica em estudos anteriores	70
Quadro 3 - Questões de comportamentos e demandas dos associados	75
Quadro 4 - Perfil dos respondentes	76
Quadro 5 - Construto Bem-Estar Financeiro (Parte 1)	77
Quadro 6 - Construto bem-estar financeiro (Parte 2)	77
Quadro 7 - Escala de autocontrole dos gastos do consumidor de Haws <i>et al.</i> (2012) adaptada por (Ponchio et al., 2019)	79
Quadro 8 - Construto contabilidade mental.....	80
Quadro 9 - Construtos, questões e escalas do instrumento.	81
Quadro 10 - Questões e alternativas para o conhecimento financeiro.	81
Quadro 11 - Relações esperadas no modelo SEM.....	84
Quadro 12 - Composição final do modelo de mensuração.....	107
Quadro 13 - Teste das hipóteses	114
Quadro 14 - Cargas fatoriais do modelo de mensuração inicial (todos os itens)	129
Quadro 15 - Ações inovadoras propostas a partir dos resultados	131

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AFC	Análise Fatorial Confirmatória
AVE	Variância Média Extraída
BCB	Banco Central do Brasil
BEF	Bem-estar Financeiro
BLC	<i>Behavioral Life-Cycle</i>
CAAE	Certificado de Apresentação de Apreciação Ética
CAP	Capacidade percebida de compreender informações sobre produtos financeiros
CFPB	Consumer Financial Protection Bureau
CM	Contabilidade Mental
COMPF	Comportamento financeiro
CSSC	Consumer Spending Self-Control
DP	Desvio-padrão
ENEF	Estratégia Nacional de Educação Financeira
EUA	Estados Unidos da América
FEBRABAN	Federação Brasileira de Bancos
FREQ	Frequência de busca por informações financeiras
FWB	<i>Financial Well-being</i>
HA	Habilidade de Autocontrole
HTMT	<i>Heterotrait-Monotrait Ratio</i>
IC	Intervalo de Confiança
IFMG	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais
MPC	Propensão Marginal a Consumir
OCDE	Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico
OECD	Organisation for Economic Co-operation and Development
ORI	Orientação financeira desejada
PLS-SEM	<i>Partial Least Squares Structural Equation Modeling</i>
PTT	Produto Técnico-Tecnológico
SCORE_CF	Escore de conhecimento financeiro
SFN	Sistema Financeiro Nacional
SM	Salário-mínimo
VIF	<i>Variance Inflation Factor</i>

SUMÁRIO

PARTE 1: INTRODUÇÃO GERAL.....	13
1. INTRODUÇÃO.....	14
2. CONCLUSÃO.....	17
REFERÊNCIAS	20
PARTE 2: BEM-ESTAR FINANCEIRO E VIESES COGNITIVOS: UMA ANÁLISE BIBLIOMÉTRICA DA LITERATURA.....	23
1. INTRODUÇÃO.....	25
2. METODOLOGIA.....	27
3. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	29
3.1 Análise de desempenho.....	29
3.2 Mapeamento de campo de pesquisa bem-estar financeiro em análises de rede	34
3.2.1 Evolução temática	34
3.2.2 Rede de co-ocorrência de palavras-chave	38
3.3 Avaliação crítica dos estudos: publicações mais citadas da amostra	39
4. CONCLUSÃO.....	42
REFERÊNCIAS	44
PARTE 3 - INFLUÊNCIA DA ALFABETIZAÇÃO FINANCEIRA DO AUTOCONTROLE E DO VIÉS DE CONTABILIDADE MENTAL NO BEM-ESTAR FINANCEIRO.	46
1. INTRODUÇÃO.....	47
2. REVISÃO DA LITERATURA E DESENVOLVIMENTO DE HIPÓTESES.....	49
2.1 Bem-estar financeiro.....	49
2.2 Alfabetização financeira e bem-estar financeiro.....	51
2.3 Vieses cognitivos e a Hipótese do Ciclo de Vida Comportamental.....	56
2.4 Autocontrole e bem-estar financeiro	57
2.5 Relações de mediação entre alfabetização financeira, habilidade de autocontrole e bem-estar financeiro	60
2.6 Contabilidade mental e bem-estar financeiro	63
2.7 Estudos anteriores	69
3. METODOLOGIA.....	72
3.1 Estratégia de coleta de dados.....	73
3.2 Instrumento	75
3.3 Técnicas de análise.	82
4. ANÁLISE DOS RESULTADOS	84
4.1 Perfil da amostra.....	84

4.2 Mapeamento de comportamentos e demandas de orientação financeira dos associados	88
4.3 Estatística descritiva dos construtos	94
4.4 Análise descritiva Bem-estar financeiro	96
4.5 Bem- estar financeiro conforme orientações do CFPB	100
4.6 Diferenças no Bem-estar financeiro segundo variáveis sociodemográficas	102
4.7 Avaliação do modelo de mensuração.....	105
4.8 Avaliação do modelo estrutural	107
4.8.1 Avaliação de Colinearidade.....	107
4.8.2 Avaliação de significância e relevância dos relacionamentos.....	108
4.8.3 Avaliação do poder explicativo do modelo.....	115
5 CONCLUSÃO.....	117
REFERÊNCIAS	120
APÊNDICE A	129
APÊNDICE B – PROPOSTA DE AÇÕES INOVADORAS A PARTIR DOS RESULTADOS	131
PARTE 4 – RELATO DE PRODUTO TÉCNICO TECNOLÓGICO (PTT)	133
1. INTRODUÇÃO.....	134
2. ADERÊNCIA	135
3. IMPACTO.....	136
4. APLICABILIDADE	137
5. INOVAÇÃO	137
6. COMPLEXIDADE.....	138
REFERÊNCIAS	139
APÊNDICE A – Imagens do repositório na plataforma GitHub	140
APÊNDICE B – Imagens do protótipo do aplicativo na plataforma Lovable	147

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE MINAS
GERAIS - CAMPUS FORMIGA - MG
MESTRADO PROFISSIONAL EM ADMINISTRAÇÃO

Andréa Rocha Pereira

PARTE 1: INTRODUÇÃO GERAL

Formiga – MG

2026

1. INTRODUÇÃO

O bem-estar financeiro (BEF) tem ganhado destaque nas pesquisas em finanças comportamentais por representar uma dimensão essencial da qualidade de vida dos indivíduos. Mais do que a simples ausência de dificuldades econômicas, o BEF envolve a percepção de segurança, tranquilidade e liberdade para tomar decisões que permitam viver com dignidade e equilíbrio. Kahneman e Krueger (2006) destacam que o bem-estar não pode ser compreendido apenas a partir de variáveis objetivas, como renda ou patrimônio, mas também pelas experiências emocionais e avaliações subjetivas que cada pessoa faz sobre sua realidade. Compreender esse caráter subjetivo é fundamental para analisar decisões econômicas e suas consequências sobre a saúde mental, os níveis de estresse e o bem-estar geral.

Nessa perspectiva, o BEF é definido como a condição em que o indivíduo consegue cumprir suas obrigações financeiras, sente-se seguro em relação ao futuro e possui liberdade para tomar decisões que favoreçam sua qualidade de vida (CFPB, 2015). Trata-se de um conceito multidimensional, que integra aspectos econômicos, emocionais e comportamentais, mediado pela percepção individual sobre a própria condição financeira.

Entre os fatores que contribuem para o desenvolvimento do BEF, destaca-se a alfabetização financeira, entendida como a combinação de conhecimentos, habilidades, atitudes e comportamentos que capacitam o indivíduo a tomar decisões financeiras sólidas (OCDE, 2023). Estudos demonstram que níveis mais elevados de alfabetização financeira estão associados à redução do endividamento, ao uso mais consciente dos recursos e a uma maior sensação de controle sobre as finanças pessoais (Joo & Grable, 2004.; Norvilitis et al., 2006; Shim et al., 2009). Brüggen et al. (2017) reforçam que atitudes, hábitos de planejamento e experiências prévias também influenciam o BEF, sendo a alfabetização um dos principais determinantes para decisões mais consistentes ao longo do tempo.

No entanto, no Brasil, os indicadores de alfabetização financeira permanecem abaixo da média global: apenas 24% dos adultos atingiram o nível mínimo considerado adequado, e a pontuação do país em BEF foi de apenas 37 em uma escala de 100, evidenciando uma relação direta entre baixos níveis de alfabetização e insegurança econômica (OCDE, 2023).

Paralelamente, estudos demonstram que o comportamento financeiro também é influenciado por vieses cognitivos, entendidos como padrões sistemáticos de julgamento que desviam da racionalidade (Tversky & Kahneman, 1974;1979). Tversky e Kahneman (1974)

explicam que esses vieses resultam do uso de heurísticas mentais, que tornam as decisões mais rápidas, porém sujeitas a distorções.

Entre os vieses relevantes para o campo das finanças comportamentais está o viés de autocontrole, caracterizado pela dificuldade em resistir à gratificação imediata, em detrimento de objetivos financeiros de longo prazo (Pompian, 2012). Tal comportamento compromete a formação de reservas e favorece o consumo impulsivo, impactando negativamente o BEF. O clássico experimento do *marshmallow*, conduzido por Mischel e Ebbesen, (1970), embora não diretamente financeiro, ilustra essa dinâmica ao demonstrar que a capacidade de adiar recompensas está associada a melhores resultados ao longo da vida. Evidências empíricas confirmam que indivíduos com baixo autocontrole (que apresentam o viés) tendem a apresentar maior endividamento, menor segurança financeira e dificuldades para manter hábitos sustentáveis de consumo (Norvilitis et al., 2006; Stromback et al., 2017).

Outro viés importante é o de contabilidade mental, proposto por Thaler (1985), que se refere à tendência de segmentar mentalmente os recursos financeiros em "contas" específicas, influenciando decisões de consumo, poupança e investimento. Embora irracional do ponto de vista da teoria econômica clássica, esse comportamento pode, em certos contextos, favorecer a disciplina financeira, funcionando como mecanismo de controle e contribuindo positivamente para o BEF (Pompian, 2006).

Estudos recentes têm destacado o papel de fatores cognitivos e comportamentais, como o autocontrole e o uso do orçamento mental, na promoção do BEF percebido. Bai (2023) evidenciou que indivíduos com maior capacidade de autocontrole e que organizam mentalmente seus gastos tendem a apresentar níveis mais elevados de BEF. Parte desse efeito se dá porque essas habilidades influenciam positivamente a forma como as pessoas tomam decisões de investimento, o que também contribui para a percepção de segurança financeira. No contexto brasileiro, Ponchio et al. (2019) também apontam o autocontrole como um importante determinante comportamental do BEF.

Apesar dos avanços da literatura, poucos estudos no Brasil investigam de forma integrada os efeitos da alfabetização financeira e dos vieses comportamentais sobre o BEF. Essa lacuna teórica e empírica reforça a importância de explorar esses determinantes de forma conjunta, especialmente em contextos cooperativos, onde a promoção da saúde financeira pode gerar impactos sociais mais amplos (Souza et al., 2023).

A literatura em finanças comportamentais evidencia que a presença de vieses pode levar a decisões subótimas, mesmo quando baseadas em informações disponíveis. Um exemplo

ilustrativo é o estudo conduzido por Abraham Wald durante a Segunda Guerra Mundial, que demonstrou como o foco apenas nas aeronaves que retornavam de missões levava a conclusões enviesadas sobre os pontos vulneráveis, ignorando os danos fatais sofridos pelos aviões abatidos (Mangel & Samaniego, 1984). Esse caso exemplifica o viés de sobrevivência, mostrando como decisões baseadas em dados incompletos podem comprometer a análise e o planejamento, dinâmica que também se aplica à gestão das finanças pessoais.

Embora alguns estudos tratem o autocontrole e a contabilidade mental como habilidades ou estratégias cognitivas (Bai, 2023; Ponchio et al., 2019), na presente pesquisa essas dimensões são abordadas como vieses comportamentais, dado o seu potencial de gerar distorções sistemáticas no julgamento financeiro, sobretudo quando aplicadas de forma rígida ou impulsiva (Pompian, 2012; Shefrin & Thaler, 1988).

Apesar disso, ainda são escassos os estudos que analisam de forma integrada como esses fatores interagem e influenciam a percepção de segurança e autonomia financeira dos indivíduos, especialmente no contexto brasileiro. Considerando a importância prática desses temas para instituições como as cooperativas de crédito, que atuam diretamente na formação de hábitos financeiros entre seus associados, surge a seguinte questão: de que forma a alfabetização financeira e os vieses de autocontrole e contabilidade mental influenciam a percepção de BEF entre associados de uma cooperativa de crédito, e como esses fatores podem subsidiar ações educativas mais eficazes?

Diante desse questionamento, este trabalho tem como objetivo analisar a influência da alfabetização financeira e dos vieses comportamentais de autocontrole e contabilidade mental sobre o BEF percebido por associados de uma cooperativa de crédito no Centro-Oeste de Minas Gerais.

De forma específica, o estudo contemplou os seguintes objetivos:

- I. Realizar uma revisão bibliométrica da literatura nacional e internacional sobre BEF e vieses cognitivos, com o objetivo de mapear o estado da arte sobre o tema, identificar lacunas teóricas e metodológicas, e subsidiar a fundamentação conceitual da pesquisa empírica;
- II. Produzir um artigo científico com o objetivo de analisar a influência da alfabetização financeira e dos vieses comportamentais de autocontrole e contabilidade mental sobre o BEF percebido por associados de uma cooperativa de crédito no Centro-Oeste de Minas Gerais.

- III. Desenvolver um produto tecnológico, na forma de um protótipo de aplicativo, interativo que permita aos usuários identificar seu perfil financeiro em relação à média da amostra e acessar orientações personalizadas para melhoria do BEF, ampliação da alfabetização financeira e mitigação dos vieses comportamentais analisados.

A literatura apresenta diferentes interpretações sobre os construtos de autocontrole e contabilidade mental, variando entre abordagens que os tratam como habilidades regulatórias, operações cognitivas ou traços comportamentais. Estudos como os de Bai (2023), Benjamin et al. (2012) e Zhang e Sussman (2018) associam esses elementos a capacidades cognitivas de organização, planejamento e julgamento. Por outro lado, autores como Haws et al. (2012) e Du Plessis et al. (2024) destacam sua natureza comportamental, vinculada à regulação de impulsos e hábitos de consumo. Essa diversidade conceitual evidencia a complexidade desses fenômenos e abre espaço para novas interpretações.

Assim, o presente estudo justifica uma adoção de abordagem inovadora ao considerar o autocontrole e a contabilidade mental como vieses comportamentais, dado seu potencial de gerar distorções sistemáticas no julgamento financeiro, especialmente quando aplicados de forma rígida ou impulsiva (Pompian, 2012; Shefrin & Thaler, 1988).

Nesse contexto, identifica-se a necessidade de desenvolver modelos que incorporem não apenas variáveis econômicas e demográficas, mas também fatores comportamentais, como vieses sistemáticos de julgamento, que afetam diretamente a forma como os indivíduos organizam, percebem e controlam seus recursos financeiros (Pompian, 2012; Shefrin & Thaler, 1988; Thaler, 1985). A análise conjunta da alfabetização financeira e de vieses como o autocontrole e a contabilidade mental busca compreender com maior profundidade os mecanismos que conduzem a decisões financeiras subótimas e seus impactos no BEF.

2. CONCLUSÃO

A presente dissertação teve como objetivo analisar a influência da alfabetização financeira e dos vieses comportamentais de autocontrole e contabilidade mental sobre o BEF percebido por associados de uma cooperativa de crédito no Centro-Oeste de Minas Gerais. Para alcançar esse objetivo, o trabalho foi estruturado em três frentes complementares: uma revisão

bibliométrica da literatura, um artigo empírico baseado em dados coletados junto aos cooperados, que totalizaram uma amostra com 318 respondentes, e o desenvolvimento de um produto técnico voltado à promoção do BEF.

A revisão bibliométrica permitiu mapear a produção científica sobre BEF e vieses cognitivos, evidenciando o crescimento do interesse acadêmico pelo tema e a predominância de abordagens voltadas à alfabetização financeira, educação financeira e comportamento financeiro com potencial para novos estudos no campo do autocontrole, campo em desenvolvimento. Os resultados dessa etapa reforçaram a importância de investigar o BEF a partir de uma perspectiva multidimensional, capaz de integrar aspectos cognitivos, comportamentais e subjetivos da tomada de decisão financeira (Chu et al., 2017; Norvilitis et al., 2006; Sivaramakrishnan et al., 2017; Xiao & O'Neill, 2018).

No estudo empírico, a análise da contabilidade mental não pôde ser incorporada ao modelo estrutural final, pois a escala adotada não apresentou adequação psicométrica satisfatória na amostra analisada, impossibilitando assegurar a validade do construto para representar esse viés de forma distinta das demais dimensões financeiras. Apesar dessa limitação, os demais achados permitiram evidenciar que os cooperados apresentaram, em sua maioria, nível intermediário de bem-estar financeiro, e que apenas o estado civil e a renda diferenciaram significativamente os grupos analisados.

Os resultados do modelo estrutural indicaram que o comportamento financeiro foi o principal preditor direto do BEF, seguido da atitude financeira. O conhecimento financeiro não exerceu efeito direto significativo, mas influenciou o BEF indiretamente, por meio da atitude e do comportamento financeiro. A habilidade de autocontrole também atuou de forma indireta; portanto, quando compreendida em seu sentido inverso, o viés de autocontrole afeta negativamente o BEF ao comprometer a formação de atitudes e comportamentos financeiros mais consistentes. Assim, os achados reforçam que o BEF depende menos do conhecimento isolado e mais da conversão desse conhecimento em práticas financeiras efetivas (Hamid, 2025; Strömbäck et al., 2017; Vieira et al., 2021).

Como contribuição aplicada, a dissertação resultou no desenvolvimento de um produto técnico voltado aos cooperados e a quem tenha interesse, um protótipo de aplicativo interativo que oferece devolutiva educativa personalizada sobre BEF, alfabetização financeira em suas três dimensões, habilidade de autocontrole e tendência à contabilidade mental, com avaliações semestrais e histórico individual de resultados (Bai, 2023; Ponchio et al., 2019; Xiao & Porto, 2017). Dessa forma, o trabalho contribui para aproximar a literatura de Finanças

Comportamentais da prática institucional da cooperativa de crédito, ao disponibilizar um instrumento aplicado, o protótipo de diagnóstico e acompanhamento do BEF, capaz de gerar orientações personalizadas e sensíveis ao perfil dos associados. Ao reunir dados reais sobre o perfil financeiro de sua base, a plataforma cria condições para o acompanhamento longitudinal do BEF, atendendo a uma limitação metodológica do presente trabalho.

REFERÊNCIAS

- Bai, R. (2023). Impact of financial literacy, mental budgeting and self-control on financial wellbeing: Mediating impact of investment decision making. *PLOS ONE*, 18(11). <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0294466>
- Benjamin, D. J., Brown, S. A., & Shapiro, J. M. (2012). Who is “behavioral”? Cognitive ability and anomalous preferences.
- Brüggen, E. C., Hogreve, J., Holmlund, M., Kabadayi, S., & Löfgren, M. (2017). Financial well-being: A conceptualization and research agenda. *Journal of Business Research*, 79, 228–237. <https://doi.org/10.1016/j.jbusres.2017.03.013>
- Chu, Z., Wang, Z., Xiao, J. J., & Zhang, W. (2017). Financial literacy, portfolio choice and financial well-being. *Social Indicators Research*, 132(2), 799–820. <https://doi.org/10.1007/s11205-016-1309-2>
- Consumer Financial Protection Bureau. (2015). *Measuring financial well-being: A guide to using the CFPB financial well-being scale*.
- du Plessis, L., Jordaan, Y., & van der Westhuizen, L. M. (2024). Psychological needs and financial well-being: The role of consumer spending self-control. *Journal of Financial Services Marketing*. <https://doi.org/10.1057/s41264-024-00270-y>
- Hamid, F. S. (2025). Behavioral biases and over-indebtedness in consumer credit: Evidence from Malaysia. *Cogent Economics & Finance*, 13(1). <https://doi.org/10.1080/23322039.2024.2449191>
- Haws, K. L., Bearden, W. O., & Nenkov, G. Y. (2012). Consumer spending self-control effectiveness and outcome elaboration prompts. *Journal of the Academy of Marketing Science*, 40(5), 695–710. <https://doi.org/10.1007/s11747-011-0249-2>
- Joo, S., & Grable, J. E. (2004). An exploratory framework of the determinants of financial satisfaction. *Journal of Family and Economic Issues*, 25(1), 25–50. <https://doi.org/10.1023/B:JEEI.0000016722.37994.9f>
- Kahneman, D., & Krueger, A. (2006). Desenvolvimentos na medição do bem-estar subjetivo.
- Kahneman, D., & Tversky, A. (1979). Prospect theory: An analysis of decision under risk. *Econometrica*, 47(2), 263–291.
- Mangel, M., & Samaniego, F. J. (1984). Abraham Wald’s work on aircraft survivability. *Journal of the American Statistical Association*, 79(386), 259–267. <https://doi.org/10.1080/01621459.1984.10478038>
- Mischel, W., & Ebbesen, E. B. (1970). Attention in delay of gratification. *Journal of Personality and Social Psychology*, 16(2).

Norvilitis, J. M., Merwin, M. M., Osberg, T. M., Roehling, P. V., Young, P., & Kamas, M. M. (2006). Personality factors, money attitudes, financial knowledge, and credit-card debt in college students. *Journal of Applied Social Psychology*, 36(6), 1395–1413. <https://doi.org/10.1111/j.0021-9029.2006.00065.x>

Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico. (2023). *OECD economic surveys: Brazil 2023*. <https://www.oecd.org/economy/surveys/brazil-economic-snapshot/>

Pompian, M. M. (2006). *Behavioral finance and wealth management: How to build optimal portfolios that account for investor biases*.

Pompian, M. (2012). *Behavioral finance and wealth management: How to build investment strategies that account for investor biases*. <https://doi.org/10.1002/9781119202400>

Ponchio, M. C., Cordeiro, R. A., & Goncalves, V. N. (2019). Personal factors as antecedents of perceived financial well-being: Evidence from Brazil. *International Journal of Bank Marketing*, 37(4), 1004–1024. <https://doi.org/10.1108/IJBM-03-2018-0077>

Shefrin, H. M., & Thaler, R. H. (1988). The behavioral life-cycle hypothesis. *Economic Inquiry*, 26(4), 609–643. <https://doi.org/10.1111/j.1465-7295.1988.tb01520.x>

Shim, S., Xiao, J. J., Barber, B. L., & Lyons, A. C. (2009). Pathways to life success: A conceptual model of financial well-being for young adults. *Journal of Applied Developmental Psychology*, 30(6), 708–723. <https://doi.org/10.1016/j.appdev.2009.02.003>

Sivaramakrishnan, S., Srivastava, M., & Rastogi, A. (2017). Attitudinal factors, financial literacy, and stock market participation. *International Journal of Bank Marketing*, 35(5), 818–841. <https://doi.org/10.1108/IJBM-01-2016-0012>

Souza, G. H. D., Bressan, V. G. F., & Carrieri, A. de P. (2023). Desenvolvimento comunitário e cooperativismo de crédito: Influências nos modos de vida da comunidade chapadense. *Administração Pública e Gestão Social*. <https://doi.org/10.21118/apgs.v15i1.14299>

Strömbäck, C., Lind, T., Skagerlund, K., Västfjäll, D., & Tinghög, G. (2017). Does self-control predict financial behavior and financial well-being? *Journal of Behavioral and Experimental Finance*, 14, 30–38. <https://doi.org/10.1016/j.jbef.2017.04.002>

Stromback, C., Skagerlund, K., Vastfjall, D., & Tinghog, G. (2017). Subjective self-control but not objective measures of executive functions predicts financial behavior and well-being. *Journal of Behavioral and Experimental Finance*, 27. <https://doi.org/10.1016/j.jbef.2020.100339>

Thaler, R. (1985). Mental accounting and consumer choice. *Marketing Science*, 4(3). <http://www.jstor.org/stable/183904>

Tversky, A., & Kahneman, D. (1974). Judgment under uncertainty: Heuristics and biases. *Science*. <https://www.science.org>

Vieira, K. M., Bressan, A. A., & Fraga, L. S. (2021). Financial well-being of the beneficiaries of the Minha Casa Minha Vida program: Perception and antecedents. *Revista de Administração Mackenzie*, 22(2). <https://doi.org/10.1590/1678-6971/ERAMG210115>

Xiao, J. J., & O'Neill, B. (2018). Propensity to plan, financial capability, and financial satisfaction. *International Journal of Consumer Studies*, 42(5), 501–512.
<https://doi.org/10.1111/ijcs.12461>

Xiao, J. J., & Porto, N. (2017). Financial education and financial satisfaction: Financial literacy, behavior, and capability as mediators. *International Journal of Bank Marketing*, 35(5), 805–817. <https://doi.org/10.1108/IJBM-01-2016-0009>

Zhang, C. Y., & Sussman, A. B. (2018). Perspectives on mental accounting: An exploration of budgeting and investing. *Financial Planning Review*, 1(1–2).
<https://doi.org/10.1002/cfp2.1011>

**PARTE 2: BEM-ESTAR FINANCEIRO E VIESES COGNITIVOS: UMA ANÁLISE
BIBLIOMÉTRICA DA LITERATURA.**

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE MINAS
GERAIS - *CAMPUS* FORMIGA - MG MESTRADO PROFISSIONAL EM
ADMINISTRAÇÃO

Andréa Rocha Pereira

**BEM-ESTAR FINANCEIRO E VIESES COGNITIVOS: UMA ANÁLISE
BIBLIOMÉTRICA DA LITERATURA.¹**

Formiga – MG
2026

¹ Uma versão preliminar deste artigo foi apresentada no VI BELS – *Behavioral Science Lab Seminars*, 2026.

Resumo: O objetivo deste artigo é realizar um mapeamento sistemático da produção científica sobre o bem-estar financeiro (BEF) e sua interface com alfabetização financeira, educação financeira e vieses cognitivos, com base em uma análise bibliométrica de estudos indexados na *Web of Science*, buscando examinar a evolução do campo, identificar seus principais atores e apontar tendências para futuras investigações. A análise contemplou 136 documentos publicados entre 2006 e 2024. Os resultados evidenciaram crescimento da produção científica, especialmente a partir de 2018, e mostraram que a literatura se estrutura predominantemente em torno de temas como alfabetização, educação, comportamento, conhecimento, capacidade e satisfação. Jing Jian Xiao destacou-se entre os principais autores do campo, enquanto o *International Journal of Bank Marketing* concentrou o maior número de publicações. Além disso, a evolução temática indicou maior visibilidade recente de agrupamentos relacionados a comportamento, dívida, autocontrole e materialismo. Esses achados revelam a expansão do campo e a diversificação progressiva de sua agenda de pesquisa.

Palavras-chave: Bem-estar financeiro. Educação Financeira. Alfabetização Financeira.

Vieses Cognitivos.

1. INTRODUÇÃO

O bem-estar financeiro (BEF) tem se consolidado como um tema de crescente relevância acadêmica e social, especialmente em contextos marcados pela ampliação da responsabilidade individual sobre decisões econômicas e pela maior complexidade dos mercados financeiros. Mais do que renda ou mera ausência de dificuldades monetárias, o BEF envolve a capacidade de atender compromissos financeiros presentes, manter segurança em relação ao futuro e sustentar uma condição financeira percebida como satisfatória, configurando-se como um construto amplo e multidimensional (Bashir & Qureshi, 2023; Sorgente et al., 2024).

Essa discussão torna-se ainda mais relevante em um cenário em que a responsabilidade pela segurança financeira é progressivamente deslocada do Estado para os indivíduos. Em ambientes caracterizados pela ampliação da oferta de crédito, seguros, pagamentos, empréstimos e investimentos, compreender como as pessoas acessam, utilizam e administram produtos e serviços financeiros tornou-se fundamental. Nessa direção, a literatura destaca a importância da inclusão financeira e da alfabetização financeira, uma vez que o acesso aos serviços financeiros exige não apenas disponibilidade de produtos, mas também preparo para utilizá-los e compreender adequadamente (Liu et al., 2021). Além disso, a alfabetização financeira é apontada como relevante tanto para o bem-estar dos indivíduos quanto para a estabilidade do mercado financeiro e da economia como um todo, já que indivíduos mais

alfabetizados tendem a utilizar produtos e serviços financeiros com maior frequência e de forma mais consciente (Kuchciak & Wiktorowicz, 2021).

Entretanto, a literatura também sugere que a alfabetização financeira, embora importante, não é suficiente, isoladamente, para explicar os níveis de BEF alcançados pelos indivíduos. Nessa perspectiva, Mahendru (2021) propõe uma compreensão integradora do fenômeno, articulando alfabetização financeira, capacidade financeira e fatores psicológicos, o que amplia a análise para além de habilidades estritamente numéricas ou informacionais. Essa abordagem é especialmente relevante porque programas de educação financeira tendem a concentrar-se no desenvolvimento de competências técnicas, dedicando atenção mais limitada aos aspectos psicológicos e comportamentais que também afetam a vida financeira cotidiana (Mahendru, 2021).

Sob essa ótica, a compreensão do BEF aproxima-se da perspectiva das finanças comportamentais, segundo a qual as decisões econômicas não decorrem apenas de racionalidade estrita, mas também de limites cognitivos, vieses e dificuldades de autocontrole. Thaler e Shefrin (1981) evidenciam que as escolhas financeiras envolvem conflitos entre objetivos de longo prazo e preferências imediatas, ao passo que Liu et al. (2021) e Mahendru (2021) reforçam que fatores cognitivos, emocionais e comportamentais influenciam o comportamento financeiro e, conseqüentemente, o BEF.

Apesar do avanço da literatura, permanecem lacunas importantes. A revisão sistemática de Bashir e Qureshi (2023) mostra que os estudos sobre BEF são predominantemente concentrados em países desenvolvidos, o que limita a compreensão do fenômeno em outros contextos econômicos e culturais. De modo similar, Sorgente et al. (2024) argumentam que os modelos de BEF precisam considerar não apenas o estágio de vida dos indivíduos, mas também a cultura e as condições socioeconômicas dos países em que vivem, uma vez que a experiência subjetiva da condição financeira não é universal nem homogênea entre contextos nacionais. Assim, embora o campo venha se expandindo, ainda se observa dispersão na articulação entre BEF, alfabetização financeira e fatores psicológicos ou vieses cognitivos.

Diante desse panorama, torna-se pertinente sistematizar o conhecimento produzido sobre o tema, de modo a compreender como essa agenda de pesquisa tem evoluído, quem são seus principais atores e quais tendências têm estruturado o campo. Nesse sentido, a análise bibliométrica mostra-se adequada por constituir um instrumento robusto para examinar publicações científicas, identificar a estrutura de um campo de pesquisa, reconhecer tendências

e mapear sua evolução ao longo do tempo (Filser et al., 2017; Maia et al., 2019). Além disso, estudos recentes ressaltam que a combinação entre bibliometria e análise qualitativa fortalece a interpretação dos resultados ao permitir a identificação de lacunas, temas emergentes e direções futuras de investigação (Paviani et al., 2024).

Assim, este artigo tem como **objetivo mapear a produção científica sobre BEF e sua interface com alfabetização financeira, educação financeira e vieses cognitivos, com base em uma análise bibliométrica de estudos indexados na *Web of Science*, buscando examinar a evolução do campo, identificar seus principais atores e apontar tendências para futuras investigações.**

2. METODOLOGIA

Para identificar os estudos mais relevantes à construção desta pesquisa, realizou-se uma análise bibliométrica da literatura sobre BEF, educação e alfabetização financeira, comportamento financeiro e vieses cognitivos, com aplicação prévia de filtros de seleção.

A análise bibliométrica é uma metodologia quantitativa que utiliza técnicas estatísticas para analisar grandes conjuntos de dados científicos, como publicações, citações e palavras-chave. Sua técnica de abordagem permite descobrir as particularidades evolutivas de um campo de pesquisa específico, revelando tendências, padrões de colaboração e áreas de conhecimento emergentes. Ao analisar dados, a análise bibliométrica fornece *insights* sobre a produção científica, permitindo a identificação de lacunas de conhecimento e a orientação de futuras pesquisas. Mediante a quantidade elevada de informações disponíveis, desenvolvimentos conceituais e dados, a bibliometria se torna útil ao fornecer uma análise estruturada para um grande corpo de informações apresentando um panorama geral das pesquisas existentes (Aria & Cuccurullo, 2017).

Para a realização da presente análise bibliométrica, adotou-se a *Web of Science* como base científica de referência, contemplando os artigos publicados até 20 de outubro de 2024. A escolha dessa base decorre, inicialmente, de sua ampla utilização e reconhecimento no meio acadêmico, uma vez que permanece como uma fonte consolidada e historicamente relevante para o mapeamento da produção científica, ainda que outras bases, como a *Scopus*, tenham ampliado sua participação nas últimas décadas (Zhu & Liu, 2020). Além disso, sua utilização mostra-se compatível com o pacote de *Bibliometrix*, pacote desenvolvido em linguagem R para análises bibliométricas e cienciométricas (Aria & Cuccurullo, 2017).

A opção por trabalhar com uma única base de dados também se justifica sob o ponto de vista metodológico. Conforme observam Aria e Cuccurullo (2017), a escolha da fonte de dados não é neutra, pois as bases bibliográficas diferem em cobertura, escopo e critérios de indexação. Em sentido semelhante, Filser et al. (2017) demonstram que a utilização de bases distintas envolve mecanismos de busca e parâmetros de recuperação que não são plenamente equivalentes, o que dificulta a adoção de procedimentos rigorosamente idênticos entre elas. Maia et al. (2019), ao discutirem essa questão, mostram que a necessidade de padronização levou à restrição da busca ao campo do título e à leitura dos resumos como forma de reduzir ambiguidades terminológicas e excluir estudos cuja aderência temática não era central. Nessa perspectiva, a delimitação da coleta exclusivamente à *Web of Science* buscou assegurar maior uniformidade nos procedimentos de busca, seleção e refinamento do material, conferindo maior consistência interna à composição do conjunto de artigos analisados.

Contudo, essa decisão metodológica não está isenta de limitações. A adoção de uma única base pode restringir a abrangência do levantamento, uma vez que estudos relevantes indexados em outras fontes podem não ser capturados. Zhu e Liu (2020) destacam, inclusive, que a escolha entre bases pode ser influenciada por fatores como cobertura, disponibilidade, qualidade e familiaridade do pesquisador com a plataforma. De modo convergente, Maia et al. (2019) evidenciam a complementaridade existente entre *Web of Science* e *Scopus*, indicando que o uso exclusivo de apenas uma base pode reduzir o alcance do mapeamento bibliográfico. Assim, embora a utilização da *Web of Science* favoreça a padronização metodológica e o controle analítico da amostra de artigos, os resultados desta pesquisa devem ser interpretados à luz dessa delimitação, reconhecendo-se que ela fortalece a consistência interna do procedimento, mas também restringe o universo empírico analisado.

Posteriormente foram definidos os termos de busca, apresentados a seguir: “*financial well-being*”, “*financial education*”, “*financial literacy*”, “*financial behavior*” e “*cognitive biases*”. Os operadores "AND" foram empregados para combinar os termos relacionados ao “*financial well-being*” e os operadores “OR” para abranger as possíveis combinações. O Quadro 1 apresenta o conjunto de palavras utilizados na pesquisa.

Quadro 1- Cadeia de pesquisa

Base	Chave de Busca
<i>Web of Science</i>	TS= (“financial well-being” AND “financial education”) OR TS= (“financial well-being” AND “financial literacy”) OR TS= (“financial well-being” AND “financial behavior”) OR TS= (“financial well-being” AND “cognitive biases”)

Fonte: Elaborado pela autora, 2026.

A definição dos critérios de seleção de artigos é importante em uma revisão bibliométrica, pois garante a relevância e a qualidade das informações obtidas. Para isso, foram estabelecidos parâmetros para inclusão e exclusão de estudos. Apenas foram considerados os trabalhos classificados como "*Article*", "*Review Article*" e "*Early Access*". Em seguida, a estratégia envolveu a análise cuidadosa dos títulos e resumos, com a finalidade de confirmar a pertinência temática dos estudos ao escopo da pesquisa e excluir aqueles sem relação direta com o objeto investigado. Essa abordagem metodológica assegura que a revisão se fundamente em evidências pertinentes e valiosas (Maia et al., 2019).

A base de dados foi exportada da *Web of Science* em formato BibTeX e, em seguida, importada e convertida em um data *frame* bibliográfico no ambiente R por meio do pacote *bibliometrix* (Aria & Cuccurullo, 2017). Conforme Donthu et al. (2021), duas técnicas são fundamentais para a análise bibliométrica: a análise de desempenho e o mapeamento científico. A análise de desempenho permite avaliar a produtividade e o impacto das contribuições individuais e coletivas na área de estudo. Por outro lado, o mapeamento científico revela as interconexões entre diferentes publicações e áreas de pesquisa, possibilitando uma melhor compreensão das relações colaborativas e das tendências emergentes no campo. Juntas, essas técnicas proporcionam uma visão ampla e detalhada do cenário científico, fundamentando as discussões e conclusões da pesquisa.

3. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

A busca realizada na base *Web of Science* resultou inicialmente em 256 registros. Em seguida, foram aplicados critérios de inclusão e exclusão previamente definidos. Optou-se por manter apenas os documentos classificados como *Article*, *Review Article* e *Early Access*, o que reduziu a amostra para 230 estudos. Na etapa seguinte, procedeu-se à leitura flutuante dos títulos, resumos e palavras-chave, com o objetivo de verificar a aderência temática dos trabalhos ao escopo da pesquisa e excluir estudos que, embora recuperados pela estratégia de busca, não apresentavam relação direta com o objeto investigado. Ao final desse processo, foram selecionados 136 artigos para compor a análise.

3.1 Análise de desempenho

A amostra final apresenta dados pertinentes ao tema ao decorrer do tempo, conforme apresentado na tabela 1:

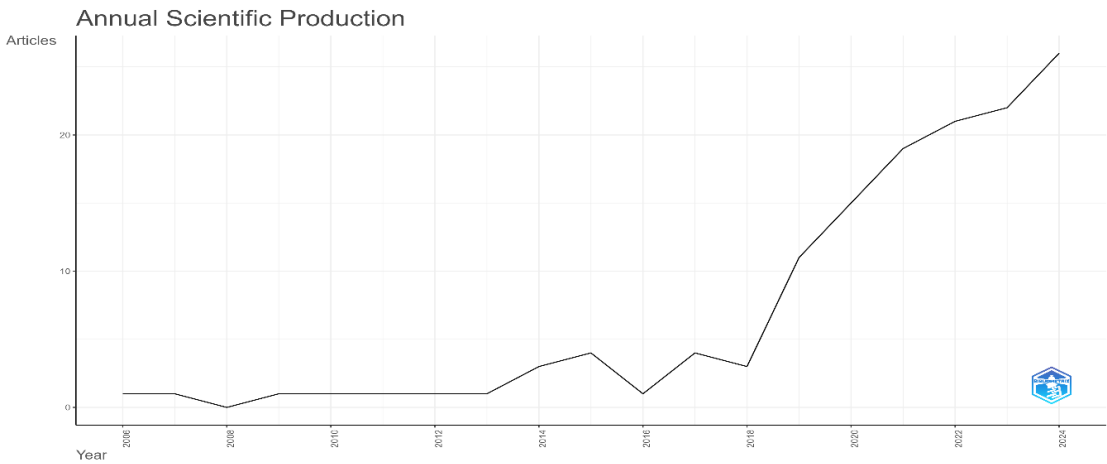
Tabela 1 - Características da amostra final de pesquisa

Descrição	Resultados
Período	2006:2024
Documentos	136
Taxa de crescimento anual %	19,84
Idade média dos documentos	3,35
Média de citações por documento	25,53
Referências	6008
Palavras do autor (DE)	367
Autores	461
Autores de documentos de autoria única	15
Coautores por documento	3,64
Coautoria Internacional %	29,41%

Fonte: Elaborado pela autora, 2026.

Para Donthu et al. (2021) há uma variedade de métricas para avaliação do desempenho na pesquisa. Dentre esses, os mais destacados incluem o total de publicações e o número de citações por ano, as publicações servem como um indicador da produtividade dos autores, ao mesmo tempo em que refletem o impacto e a relevância do trabalho realizado na comunidade acadêmica.

Figura 1- Evolução da produção científica anual



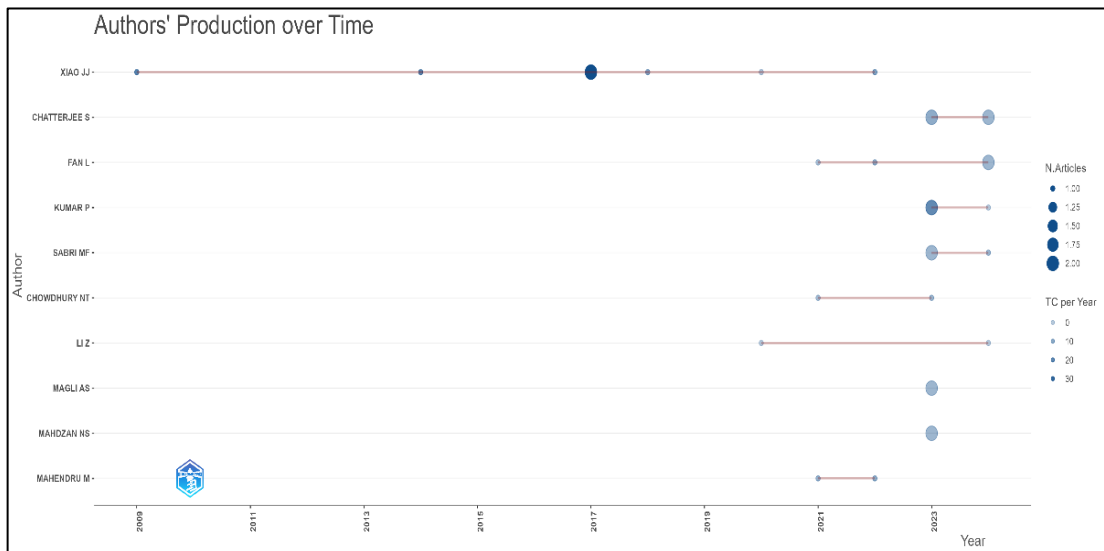
Fonte: Elaborado pela autora, 2026.

A análise da produção científica ao longo dos anos é fundamental para que os pesquisadores compreendam a evolução de um campo específico. Embora a primeira publicação tenha ocorrido em 2006, a partir de 2018, nota-se um crescimento significativo nas pesquisas, que se mantém até 2024. Nesse período, o número de publicações atinge seu pico, totalizando 26 trabalhos. Esse comportamento sugere maior visibilidade do tema na literatura

no período mais recente, embora o gráfico, isoladamente, não permita identificar as causas específicas desse aumento.

De acordo com Donthu et al. (2021) a trajetória da produção científica dos autores ao longo do tempo, ilustrada na Figura 2, evidencia o desenvolvimento acadêmico em torno do tema do BEF no intervalo de 2006 a 2024. Essa análise revela não apenas o número de artigos publicados nesse campo, mas também as citações recebidas anualmente, ressaltando a crescente relevância e o impacto dessa área de pesquisa. O autor Jing J. Xiao apresenta a pesquisa com maior relevância inicialmente ao buscar descrever e testar um modelo conceitual dos potenciais antecedentes e consequências do BEF na idade adulta, o autor permanece a desenvolver trabalhos até o ano de 2021. A continuidade das contribuições aparece após o ano de 2020 por “Li Z” e “Fan L”.

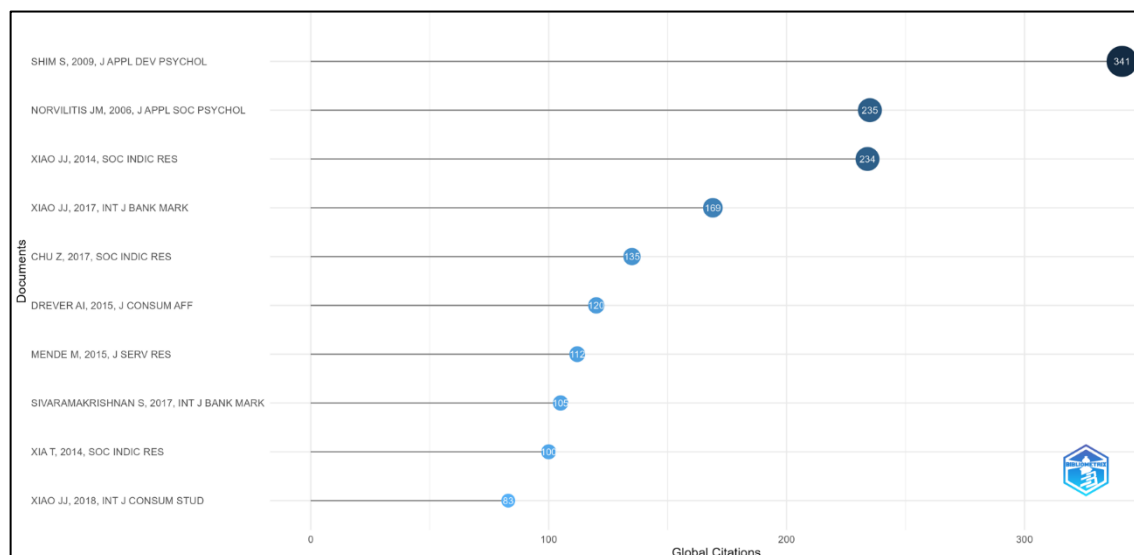
Figura 2 - Produção dos autores ao longo do tempo



Fonte: Elaborado pela autora, 2026.

Autores apresentados como relevantes ao longo do tempo, também marcaram presença entre as publicações mais citadas globalmente (Figura 3). Nessa abordagem destacam-se Soyeon Shim *et. al* com 341 citações seguido por Jill M. Norvilitis 235 citações. A relevância do autor Xiao é evidente em sua contribuição para o campo, com três trabalhos entre as publicações mais citadas globalmente, totalizando 486 citações. Esse alto número de citações demonstra o impacto significativo de suas pesquisas no avanço do conhecimento em BEF.

Figura 3 - Publicações mais citadas globalmente



Fonte: Elaborado pela autora, 2026.

Os estudos, coletivamente, representam uma relevância para o campo que está em constante desenvolvimento, oferecem uma contribuição valiosa e multifacetada para a literatura sobre BEF, focando na interação entre aspectos objetivos e subjetivos da condição financeira.

A análise dos periódicos evidencia a ampla disseminação e o impacto das pesquisas dedicados a esse tema, os trabalhos analisados foram divulgados em um total de 77 fontes distintas. Os destaques dos periódicos são apresentados na tabela 2:

Tabela 2 - Periódicos mais relevantes

Periódico	Publicações
International Journal of Bank Marketing	14
Frontiers In Psychology	6
International Journal of Consumer Studies	6
Journal Of Consumer Affairs	6
Journal Of Family and Economic Issues	5
Journal of Financial Counseling and Planning	5
Social Indicators Research	5
Journal Of Behavioral and Experimental Finance	4
Sustainability	4
Finance Research Letters	3

Fonte: Elaborado pela autora, 2026.

Conforme demonstrado na Tabela 2 os 10 periódicos publicaram um total de 58 artigos, representando 42,64% dos 136 estudos selecionados pelos critérios de busca previamente estabelecidos. O destaque fica para o *International Journal of Bank Marketing* com 14 artigos publicados, o que representa o equivalente a 26,41% do total de artigos da

Em suma, esses resultados indicam que a produção científica sobre o BEF, embora apresente um crescimento expressivo e recente, especialmente com o pico de publicações registrado a partir de 2018, ainda se encontra fortemente ancorada em pilares tradicionais de alfabetização e conhecimento técnico. A menor consolidação de termos relacionados a vieses específicos e aspectos emocionais sugere que o campo ainda busca maturidade na integração de variáveis subjetivas aos modelos explicativos de BEF. Essa visão mais ampla revela que a literatura acadêmica está em uma fase de transição, saindo de um olhar estritamente cognitivo para uma compreensão mais complexa e multidimensional, o que evidencia lacunas teóricas e oportunidades promissoras para investigações que aprofundem os determinantes comportamentais do bem-estar.

3.2 Mapeamento de campo de pesquisa bem-estar financeiro em análises de rede

3.2.1 Evolução temática

A evolução temática permite identificar continuidades, reconfigurações e introdução de novos focos temáticos, evidenciando como determinados temas permanecem, se desdobram ou perdem centralidade ao longo do tempo, conforme a proposta de mapeamento científico e de detecção de tendências temáticas adotada na bibliometria (Aria & Cuccurullo, 2017; Maia et al., 2019; Paviani et al., 2024).

No período de 2006 a 2017, apresentado na Figura 5, o mapa temático mostra que a literatura se organizava em torno de alguns agrupamentos temáticos com diferentes níveis de centralidade e densidade. Entre os temas motores, destaca-se o agrupamento formado por *behavior* (comportamento), *financial education* (educação financeira) e *financial well-being* (bem-estar financeiro), posicionado no quadrante superior direito. Esse posicionamento indica que esse conjunto temático reunia temas importantes para a área e que se mostravam mais bem estruturados entre si.

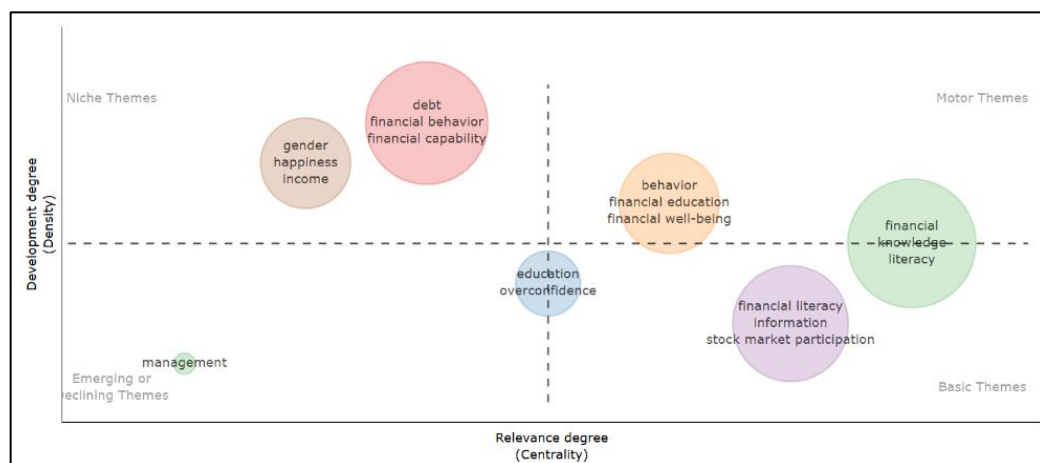
No quadrante dos temas básicos, observa-se maior destaque para o agrupamento *financial* (financeiro), *knowledge* (conhecimento) e *literacy* (alfabetização), que aparece com a maior dimensão visual do gráfico e elevada centralidade, sugerindo forte inserção desse tema na literatura analisada. No mesmo quadrante, o agrupamento *financial literacy* (alfabetização financeira), *information* (informação) e *stock market participation* (participação no mercado

acionário) também se mostra relevante, embora com menor densidade, indicando conexão importante com o campo, mas com desenvolvimento interno mais moderado.

Entre os temas de nicho, localizados no quadrante superior esquerdo, destacam-se os agrupamentos *deb* (dívida), *financial behavior* (comportamento financeiro) e *financial capability* (capacidade financeira), bem como *gender* (gênero), *happiness* (felicidade) e *income* (renda). A posição desses temas sugere que eles formavam grupos mais bem definidos internamente, porém com menor ligação com os temas mais centrais do mapa. Já o agrupamento *education* (educação) e *overconfidence* (excesso de confiança), situado próximo ao centro, ocupa uma posição intermediária, indicando presença moderada na literatura do período analisado.

Por fim, o tema *management* (gestão), situado no quadrante inferior esquerdo, apresenta baixa centralidade, baixa densidade e reduzida dimensão visual, caracterizando-se como tema periférico no mapa. Contudo, essa posição deve ser interpretada com cautela, pois o gráfico, isoladamente, não permite afirmar se se trata de um tema emergente ou em declínio.

Figura 5 - Evolução temática (2006-2017)



Fonte: Elaborado pela autora, 2026.

Dando continuidade à análise da evolução temática, optou-se por estabelecer um corte temporal, focando na produção científica a partir de 2018, para identificar as mudanças ao longo do tempo. Esse corte justifica-se devido os dados demonstrarem um crescimento significativo nas pesquisas relacionadas ao tema, que se mantém consistente até 2024, conforme ilustrado na Figura 1. Durante esse período, o número de publicações atingiu seu pico, totalizando 26 trabalhos, evidenciando um aumento na relevância e no interesse acadêmico pela área em questão.

Conforme demonstrado na Figura 6 os temas motores, representados ao lado superior direito, demonstram quais são os temas centrais e altamente desenvolvidos dentro da literatura. Nesse quadrante permanecem a “Alfabetização” e “Educação”, observa-se que o “Comportamento” passa a compor esse quadrante. Este *cluster* reforça as descobertas da análise anterior. Alfabetização e educação financeira são fundamentais, com comportamento significativamente pesquisado dentro deste contexto, sugerindo uma quantidade considerável de pesquisas nesta área. Para “Dinheiro” o posicionamento de destaque deste tema reflete sua relevância central para o campo do BEF.

Os temas básicos, representados ao lado inferior direito, contém temas relevantes, mas menos desenvolvidos, em comparação ao quadrante anterior. Para “Desempenho” pode representar a medição e avaliação dos resultados de BEF, potencialmente menos pesquisados do que os fatores subjacentes. Para “Famílias” o resultado pode sugerir um foco na unidade familiar como o principal assunto da pesquisa sobre BEF, sendo um aspecto relevante, mas talvez menos explorado do que a educação ou o comportamento financeiro individual. Para os temas “Idade”, “Autocontrole” e “Experiências de vida” sugere a influência de fatores demográficos e características individuais no comportamento financeiro e na tomada de decisões. A presença aqui pode indicar que esses elementos são considerados, mas podem não ter o mesmo nível de profundidade de pesquisa que conceitos centrais como alfabetização.

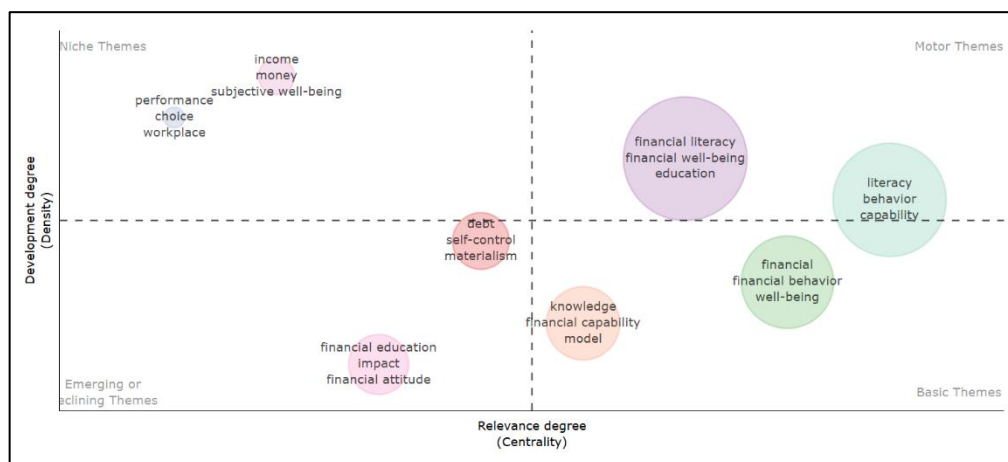
Para os temas de nicho, representados ao lado superior esquerdo, sinaliza temas com alto desenvolvimento, mas menor centralidade para o foco principal. Neste quadrante temos: “Escala”, “Futuro” e “Teoria de Resposta ao Item”, esses temas podem estar relacionados a aspectos metodológicos da mensuração do BEF, como a escala usada, o aspecto longitudinal (futuro) e abordagens psicométricas específicas (teoria de resposta ao item). Isso sugere que técnicas de medição sofisticadas são usadas, mas essas metodologias não são o foco principal da pesquisa em si.

Finalizando a análise dos quadrantes os temas emergentes ou em declínio, representados no canto inferior esquerdo, demonstra quais temas que são menos relevantes e menos desenvolvidos na literatura atual. “Gênero”, “Excesso de confiança”, “Risco”, “Otimismo”, “Psicologia” e “Transição”; este grupo de temas, todos moderadamente desenvolvidos, reflete a consideração de fatores psicológicos, mas não necessariamente um foco de pesquisa profundo e abrangente.

Este mapa mostra uma forte ênfase em aspectos comportamentais do BEF dentro de uma estrutura de educação e alfabetização financeira. Aspectos metodológicos e a aplicação

de modelos específicos são bem desenvolvidos, mas menos centrais para o discurso principal. Certos conceitos econômicos centrais e fatores como gênero parecem ser menos extensivamente pesquisados no contexto específico de vieses cognitivos que influenciam o BEF, sugerindo oportunidades para o desenvolvimento de trabalhos futuros.

Figura 6 - Evolução temática (2018-2024)



Fonte: Elaborado pela autora, 2026.

Já o agrupamento *debt* (dívida), *self-control* (autocontrole) e *materialism* (materialismo), posicionado próximo ao centro do gráfico, apresenta inserção intermediária, sugerindo presença moderada na literatura entre 2018 e 2024. Por fim, o agrupamento *financial education* (educação financeira), *impact* (impacto) e *financial attitude* (atitude financeira), localizado no quadrante inferior esquerdo, apresenta baixa centralidade, baixa densidade e menor dimensão visual, caracterizando-se como um tema periférico no mapa. Contudo, essa posição deve ser interpretada com cautela, pois o gráfico, isoladamente, não permite afirmar se se trata de um tema emergente ou em declínio.

Em conjunto, a comparação entre os períodos de 2006-2017 e 2018-2024 sugere uma reconfiguração da literatura, que passa de um foco mais concentrado em temas associados ao conhecimento e à alfabetização financeira para uma agenda em que ganham maior visibilidade aspectos relacionados ao comportamento, ao BEF e a dimensões mais subjetivas das decisões econômicas. Esse movimento indica que o campo parece ter avançado de uma abordagem mais centrada no domínio técnico das finanças para outra mais sensível aos fatores comportamentais e psicológicos que influenciam a vida financeira dos indivíduos. Nesse contexto, a presença de agrupamentos como *education* e *overconfidence* no primeiro período e *debt*, *self-control* e *materialism* no segundo sugere que variáveis psicológicas passaram a

integrar de forma mais explícita a discussão, ainda que sem ocupar posição de maior centralidade nos mapas analisados. Assim, os resultados apontam para a existência de espaço para o aprofundamento de estudos sobre autocontrole, especialmente em sua articulação com endividamento, comportamento financeiro e BEF.

3.2.2 Rede de co-ocorrência de palavras-chave

A rede de co-ocorrência de palavras-chave construída a partir dos 136 artigos analisados fornece uma representação visual das relações conceituais predominantes na literatura sobre BEF. Nessa visualização, o tamanho dos nós representa a frequência de ocorrência das palavras-chave, enquanto a espessura das conexões entre os nós reflete a força da associação entre os termos. A análise foi realizada com apoio da ferramenta *Bibliometrix*, utilizando a base de dados extraída da *Web of Science*.

No centro da rede (Figura 7), o termo *literacy* (alfabetização) se destaca como o nó mais denso e conectado, evidenciando seu papel estruturante no campo do BEF. Os principais termos associados a *literacy* incluem *knowledge* (conhecimento), *capability* (capacidade) e *satisfaction* (satisfação), sugerindo que a alfabetização financeira é recorrentemente abordada em conjunto com habilidades cognitivas, competências financeiras e percepções subjetivas de bem-estar. Adicionalmente, as conexões com *income* (renda), *money* (dinheiro), *debt* (dívida) e *management* (gestão) indicam que a literatura reconhece a alfabetização como fator associado à organização orçamentária e à estabilidade econômica.

Outros agrupamentos periféricos incluem termos relacionados a aspectos psicológicos e comportamentais, como *self-efficacy* (autoeficácia), *confidence* (confiança), *overconfidence* (excesso de confiança), *optimism* (otimismo), *materialism* (materialismo) e *scale* (escala), apontando que, embora não ocupem a centralidade da discussão, os fatores subjetivos vêm ganhando espaço nas investigações sobre o BEF.

Entre esses elementos, merece destaque o termo *self-control* (autocontrole), que, embora situado fora do núcleo central da rede, apresenta conexões relevantes com fatores comportamentais e emocionais. Sua presença visual reforça sua recorrência como constructo psicológico relacionado ao uso do crédito, à poupança e ao consumo impulsivo. No entanto, sua posição periférica sugere que o autocontrole tem sido abordado de forma secundária ou vinculado a estudos de escopo específico, não configurando ainda um eixo dominante na

abordam predominantemente a alfabetização financeira, o comportamento financeiro e a percepção individual como fatores centrais para o desenvolvimento do BEF, com ênfase em populações jovens ou economicamente vulneráveis.

Entre os destaques, o estudo de Shim et al. (2009) propõe um modelo de influência da socialização financeira, valores e atitudes sobre o BEF, demonstrando que fatores psicossociais e comportamentais são tão relevantes quanto variáveis econômicas tradicionais. A pesquisa contribui para consolidar o entendimento do BEF como um construto multidimensional, relacionado à saúde mental, satisfação de vida e autonomia decisória.

De forma complementar, Norvilitis *et al.* (2006) exploram o endividamento entre universitários e identificam a impulsividade, o uso irresponsável do crédito e o baixo conhecimento financeiro como causas recorrentes de dificuldades financeiras. Esse estudo é um dos primeiros a evidenciar empiricamente a importância do autocontrole no comportamento financeiro, ainda que sem categorizá-lo formalmente como viés. O trabalho de Xiao *et al.* (2014) reforça essa perspectiva ao demonstrar que a capacidade financeira percebida, ou seja, o sentimento de confiança no próprio conhecimento e na habilidade de lidar com finanças, é um preditor significativo do BEF. Já Xiao e Porto (2017) ampliam essa discussão ao propor um modelo em que a alfabetização financeira influencia o BEF por meio de comportamentos financeiros e percepções de eficácia, destacando o papel das dimensões subjetivas na mediação dos efeitos da educação financeira.

A utilização de três conjuntos de variáveis para medir a capacidade financeira: percepção da capacidade financeira, alfabetização financeira e comportamento financeiro, foram identificados por Xiao, Chen e Chen (2014) proporcionando uma visão mais abrangente do construto. A pesquisa demonstra que tanto a percepção da capacidade financeira quanto o comportamento financeiro desejável impactam positivamente a satisfação financeira, enquanto comportamentos financeiros arriscados impactam negativamente. Estes resultados, além de apoiarem teoricamente a relação entre capacidade financeira e bem-estar, oferecem implicações relevantes para o desenvolvimento de programas eficazes de educação financeira para consumidores.

Os resultados obtidos na pesquisa de Xiao e Porto (2017) evidenciam que a educação financeira influencia a satisfação financeira principalmente por meio de três mecanismos: alfabetização financeira subjetiva, comportamento financeiro positivo e um índice de capacidade financeira, que integra medidas de alfabetização objetiva e subjetiva, além de autoeficácia e percepção de controle. Essa abordagem multidimensional permite compreender

de forma mais abrangente os caminhos pelos quais a educação financeira contribui para o BEF, ao considerar não apenas o conhecimento técnico, mas também fatores comportamentais e perceptivos que mediam sua efetividade.

Já as contribuições do trabalho Chu et al. (2017) ao investigar o impacto do conhecimento financeiro na escolha de portfólio e no BEF, utilizando dados da Pesquisa Chinesa de Finanças do Consumidor de 2014, identificou que indivíduos superconfiantes são mais propensos a investir em ações individualmente, em vez de diversificar com fundos mútuos. Os autores Xia, Wang e Li (2014) demonstram que a percepção sobre a própria alfabetização financeira influencia a decisão de participar no mercado de ações, com a superconfiança estimulando a participação e a subconfiança a inibindo. O estudo ressalta a importância de considerar esse fator psicológico na compreensão do comportamento dos investidores. Sivaramakrishnan, Srivastava e Rastogi (2017) destacam a importância da alfabetização financeira objetiva e da percepção do regulador para a intenção e o comportamento de investimento em ações. Também evidencia o papel moderador da influência social e da atitude em relação ao investimento.

Abordagens inovadoras para intervenções em educação financeira como o ensino de heurísticas e habilidades práticas para adolescentes e adultos jovens são contribuições do trabalho feito por Drever et al. (2015). Seguindo no contexto das intervenções em educação financeira Mende, Van e Doorn (2015) examinaram a eficácia do aconselhamento financeiro na melhoria do bem-estar do consumidor. Identificaram que a coprodução, na qual o consumidor não é apenas um receptor passivo, mas um participante ativo e colaborador no processo de melhoria do seu próprio BEF, é fundamental para o sucesso do aconselhamento.

Consumidores com maior recursos econômicos tendem a planejar mais. Além disso, a propensão a planejar correlacionou-se positivamente com fatores de capacidade financeira, evidenciando sua importância como comportamento financeiro desejável, e apresentou contribuições significativas para a satisfação financeira, mesmo após considerar variáveis socioeconômicas (Xiao & O'Neill, 2018).

Falhas no autocontrole e na capacidade de adiar a gratificação, viés de autocontrole, são preditores significativos de endividamento, o qual está diretamente associado à redução do BEF e ao aumento do estresse. Além do conhecimento financeiro, atitudes em relação ao crédito e fatores de personalidade são determinantes críticos que complicam a gestão das finanças pessoais (Norvilitis et al., 2006).

Os autores Xiao et al. (2014) sustentam que as variações na capacidade financeira estão mais ligadas a fatores psicológicos do que meramente informacionais. Eles identificam a contabilidade mental como um dos vieses fundamentais que podem obstruir o processo de conversão do conhecimento em ações efetivas voltadas a metas. Todavia, nota-se que, embora reconhecida teoricamente como um entrave, a contabilidade mental não é explorada empiricamente no estudo proposto por eles, que utiliza a satisfação financeira como a métrica central para representar o BEF, seguindo os padrões identificados nos estudos como os pilares centrais nas discussões sobre o BEF.

A maioria dos estudos mais influentes apresentados foram realizados nos Estados Unidos (Drever et al., 2015; Mende & Van Doorn, 2015; Norvilitis et al., 2006; Shim et al., 2009; Xiao et al., 2014; Xiao & O'Neill, 2018; Xiao & Porto, 2017). Autores como Chu et al. (2017) ressaltam que essa concentração de dados nos EUA e em países europeus cria uma necessidade crítica de pesquisas futuras voltadas para economias emergentes. A expansão da literatura para mercados emergentes é fundamental para validar modelos teóricos em ambientes com diferentes infraestruturas financeiras e normas culturais (Chu et al., 2017; Sivaramakrishnan et al., 2017).

4. CONCLUSÃO

Este artigo teve como objetivo realizar um mapeamento sistemático da produção científica sobre BEF e sua interface com alfabetização financeira, educação financeira e vieses cognitivos, com base em uma análise bibliométrica de documentos indexados na base *Web of Science*, a fim de examinar a evolução histórica do campo, identificar seus principais atores e apontar tendências para futuras investigações. A partir da análise dos 136 estudos selecionados, os resultados evidenciaram que a produção científica sobre o tema tem apresentado crescimento ao longo do período analisado, com intensificação mais expressiva a partir de 2018, o que sinaliza a ampliação do interesse acadêmico pelo BEF e por seus fatores associados.

De modo geral, o mapeamento revelou que a literatura permanece fortemente estruturada em torno de temas como alfabetização financeira, educação financeira, comportamento financeiro, conhecimento, capacidade e satisfação, os quais aparecem com elevada recorrência e forte associação com o campo do BEF. Esses achados indicam que a compreensão do BEF continua ancorada, em grande medida, em dimensões ligadas à formação, ao domínio de conhecimentos financeiros e à capacidade de gerir recursos, ao mesmo tempo

em que incorpora elementos comportamentais relevantes para a interpretação das decisões econômicas dos indivíduos.

Além disso, a análise temática mostrou uma reconfiguração da literatura entre os períodos de 2006-2017 e 2018-2024. Enquanto no primeiro recorte, se observou maior concentração em temas ligados ao conhecimento e à alfabetização financeira, no período mais recente ganharam maior visibilidade aspectos relacionados ao comportamento, ao BEF e a dimensões mais subjetivas das decisões financeiras. Nesse movimento, agrupamentos como *debt*, *self-control* e *materialism* passaram a aparecer de forma mais explícita, ainda que sem ocupar posição de maior centralidade no campo. Esse resultado sugere que a agenda de pesquisa vem se ampliando para além de uma abordagem estritamente técnica, incorporando progressivamente fatores comportamentais e psicológicos à discussão sobre o BEF.

No que se refere aos principais atores do campo, os resultados permitiram identificar periódicos, autores e temas de maior destaque na produção analisada, reforçando a concentração das publicações em veículos específicos e a relevância de determinados estudos para a consolidação dessa agenda de pesquisa. Em especial, observou-se que parte significativa dos artigos se concentra em periódicos com interface entre finanças, comportamento do consumidor e psicologia, o que reafirma o caráter multidisciplinar do tema.

Dessa forma, o estudo contribui ao oferecer um panorama estruturado da evolução da literatura sobre BEF e vieses cognitivos, destacando seus eixos temáticos mais recorrentes e indicando que o campo tem avançado na direção de uma compreensão mais ampla do fenômeno. Ao mesmo tempo, os resultados mostram que ainda existem espaços para aprofundar investigações sobre temas que aparecem de forma menos consolidada nos mapas temáticos, especialmente aqueles relacionados à articulação entre comportamento financeiro, endividamento e fatores subjetivos.

Como limitações, destacam-se a utilização exclusiva da base *Web of Science*, a dependência dos critérios de busca adotados e a possibilidade de não inclusão de estudos relevantes indexados em outras bases ou identificados por terminologias distintas. Além disso, a seleção dos estudos com base nos filtros definidos pode ter restringido parte da literatura potencialmente relacionada ao tema. Em razão disso, pesquisas futuras podem ampliar o escopo da busca para outras bases de dados, bem como aprofundar a investigação de temas emergentes e periféricos identificados no mapeamento, contribuindo para o avanço teórico e empírico da área.

REFERÊNCIAS

- Aria, M., & Cuccurullo, C. (2017). bibliometrix: An R-tool for comprehensive science mapping analysis. *Journal of Informetrics*, 11(4), 959–975. <https://doi.org/10.1016/j.joi.2017.08.007>
- Bashir, I., & Qureshi, I. H. (2023). A Systematic Literature Review on Personal Financial Well-Being: The Link to Key Sustainable Development Goals 2030. In *FIIB Business Review* (Vol. 12, Issue 1, pp. 31–48). Sage Publications India Pvt. Ltd. <https://doi.org/10.1177/23197145221106862>
- Chu, Z., Wang, Z., Xiao, J. J., & Zhang, W. (2017). Financial Literacy, Portfolio Choice and Financial Well-Being. *Social Indicators Research*, 132(2), 799–820. <https://doi.org/10.1007/s11205-016-1309-2>
- Donthu, N., Kumar, S., Mukherjee, D., Pandey, N., & Lim, W. M. (2021). How to conduct a bibliometric analysis: An overview and guidelines. *Journal of Business Research*, 133, 285–296. <https://doi.org/10.1016/j.jbusres.2021.04.070>
- Drever, A. I., Odders-White, E., Kalish, C. W., Else-Quest, N. M., Hoagland, E. M., & Nelms, E. N. (2015b). Foundations of Financial Well-Being: Insights into the Role of Executive Function, Financial Socialization, and Experience-Based Learning in Childhood and Youth. *JOURNAL OF CONSUMER AFFAIRS*, 49(1, SI), 13–38. <https://doi.org/10.1111/joca.12068>
- Huston, S. J. (2010). *THE JOURNAL OF CONSUMER AFFAIRS Measuring Financial Literacy*.
- Kahneman, Daniel., & Krueger, Alan. (2006). *Desenvolvimentos na Medição do Bem-Estar Subjetivo*.
- Kuchciak, I., & Wiktorowicz, J. (2021). Empowering Financial Education by Banks—Social Media as a Modern Channel. *Journal of Risk and Financial Management*, 14(3). <https://doi.org/10.3390/jrfm14030118>
- Liu, S., Gao, L., Latif, K., Dar, A. A., Zia-UR-Rehman, M., & Baig, S. A. (2021). The Behavioral Role of Digital Economy Adaptation in Sustainable Financial Literacy and Financial Inclusion. *Frontiers in Psychology*, 12. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2021.742118>
- Mahendru, M. (2021). Financial well-being for a sustainable society: a road less travelled. *Qualitative Research in Organizations and Management: An International Journal*, 16(3–4), 572–593. <https://doi.org/10.1108/QR0M-03-2020-1910>
- Mende, M., & van Doorn, J. (2015). Coproduction of Transformative Services as a Pathway to Improved Consumer Well-Being: Findings From a Longitudinal Study on Financial Counseling. *Journal of Service Research*, 18(3), 351–368. <https://doi.org/10.1177/1094670514559001>
- Norvilitis, J. M., Merwin, M. M., Osberg, T. M., Roehling, P. V., Young, P., & Kamas, M. M. (2006a). Personality factors, money attitudes, financial knowledge, and credit-card debt in

college students. *Journal of Applied Social Psychology*, 36(6), 1395–1413.
<https://doi.org/10.1111/j.0021-9029.2006.00065.x>

Shim, S., Xiao, J. J., Barber, B. L., & Lyons, A. C. (2009). Pathways to life success: A conceptual model of financial well-being for young adults. *Journal of Applied Developmental Psychology*, 30(6), 708–723. <https://doi.org/10.1016/j.appdev.2009.02.003>

Sivaramakrishnan, S., Srivastava, M., & Rastogi, A. (2017). Attitudinal factors, financial literacy, and stock market participation. *International Journal of Bank Marketing*, 35(5), 818–841. <https://doi.org/10.1108/IJBM-01-2016-0012>

Sorgente, A., Atay, B., Aubrey, M., Bhatia, S., Crespo, C., Fonseca, G., Güneri, O. Y., Lep, Ž., Lessard, D., Negru-Subtirica, O., Portugal, A., Ranta, M., Relvas, A. P., Singh, N., Sirsch, U., Zupančič, M., & Lanz, M. (2024). One (Financial Well-Being) Model Fits All? Testing the Multidimensional Subjective Financial Well-Being Scale Across Nine Countries. *Journal of Happiness Studies*, 25(1–2). <https://doi.org/10.1007/s10902-024-00708-z>

Thaler, R. H., & Shefrin, H. M. (1981). An Economic Theory of Self-Control. *Journal of Political Economy*, 89(2), 392–406. <https://doi.org/10.1086/260971>

Xia, T., Wang, Z., & Li, K. (2014). Financial Literacy Overconfidence and Stock Market Participation. *Social Indicators Research*, 119(3), 1233–1245. <https://doi.org/10.1007/s11205-013-0555-9>

Xiao, J. J., Chen, C., & Chen, F. (2014). Consumer financial capability and financial satisfaction. *Social Indicators Research*, 118(1), 415–432. <https://doi.org/10.1007/s11205-013-0414-8>

Xiao, J. J., & O'Neill, B. (2018). Propensity to plan, financial capability, and financial satisfaction. *International Journal of Consumer Studies*, 42(5), 501–512. <https://doi.org/10.1111/ijcs.12461>

Xiao, J. J., & Porto, N. (2017). Financial education and financial satisfaction: Financial literacy, behavior, and capability as mediators. *International Journal of Bank Marketing*, 35(5), 805–817. <https://doi.org/10.1108/IJBM-01-2016-0009>

Zhu, J., & Liu, W. (2020). A tale of two databases: the use of Web of Science and Scopus in academic papers. *Scientometrics*, 123(1), 321–335. <https://doi.org/10.1007/s11192-020-03387-8>

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE MINAS
GERAIS – *CAMPUS* FORMIGA
MESTRADO PROFISSIONAL EM ADMINISTRAÇÃO

Andréa Rocha Pereira

**PARTE 3 - INFLUÊNCIA DA ALFABETIZAÇÃO FINANCEIRA DO
AUTOCONTROLE E DO VIÉS DE CONTABILIDADE MENTAL NO BEM-ESTAR
FINANCEIRO.²³**

Formiga – MG

2026

² Uma versão do resumo estendido foi apresentada no VI BELS – *Behavioral Science Lab Seminars*, 2026.

³ Pesquisa desenvolvida com apoio do Programa Inova-Pós/IFMG, conforme Edital nº 447/2024.

RESUMO: O bem-estar financeiro (BEF) expressa a percepção de segurança, capacidade de lidar com imprevistos e liberdade de escolha na vida financeira. Esta pesquisa teve como objetivo analisar a influência da alfabetização financeira e dos vieses comportamentais de autocontrole e contabilidade mental sobre o BEF percebido por associados de uma cooperativa de crédito do Centro-Oeste de Minas Gerais. Adotou-se abordagem quantitativa, com survey aplicado a 318 associados, e os dados foram analisados por meio da Modelagem de Equações Estruturais por mínimos quadrados parciais (PLS-SEM), no *software* R. A alfabetização financeira foi analisada a partir das dimensões conhecimento, atitude e comportamento financeiro. Os resultados indicaram que o comportamento financeiro exerceu o maior efeito direto sobre o BEF, seguido da atitude financeira. O conhecimento financeiro influenciou o BEF de forma indireta, por meio da atitude e do comportamento financeiro. O viés de autocontrole, compreendido como menor capacidade de autorregulação nas decisões financeiras, afeta negativamente o BEF, uma vez que sua influência ocorre pela formação de atitudes e comportamentos financeiros menos consistentes. A contabilidade mental não pôde ser testada no modelo final, em razão da inadequação psicométrica da escala. Como proposta de inovação, o estudo subsidia o desenvolvimento de um protótipo de aplicativo para diagnóstico e acompanhamento longitudinal do BEF dos cooperados, com orientações personalizadas voltadas à educação financeira e à mudança comportamental.

Palavras-chave: Bem-estar financeiro; Alfabetização financeira; Viés de autocontrole; Contabilidade mental; Finanças comportamentais.

1. INTRODUÇÃO

A busca por uma vida próspera e saudável frequentemente é marcada por desafios financeiros e emocionais que afetam o bem-estar geral dos indivíduos. Segundo Thaler e Shefrin (1981), a maneira como as pessoas tomam decisões financeiras é influenciada não apenas por fatores racionais, mas também por aspectos psicológicos que moldam suas atitudes em relação ao dinheiro. Nesse contexto, destaca-se a importância de promover o bem-estar financeiro (BEF), compreendido como a capacidade de cumprir obrigações financeiras, sentir-se no controle da própria situação econômica e ter liberdade para tomar decisões que proporcionem qualidade de vida (CFPB, 2015). Nanda e Banerjee (2021) reforçam que o BEF

abrange dimensões objetivas e subjetivas, refletindo não apenas estabilidade econômica, mas também percepção de segurança, autonomia e confiança no futuro.

Entre os principais determinantes do BEF, a alfabetização financeira é amplamente reconhecida por seu papel no planejamento, na tomada de decisões e no uso consciente de produtos financeiros (Kuchciak & Wiktorowicz, 2021; Mahendru, 2021). No entanto, abordagens tradicionais de educação financeira, centradas exclusivamente em conteúdos técnicos e habilidades numéricas, têm se mostrado limitadas na promoção de mudanças comportamentais significativas. Estudos como o de Ponchio et al. (2019) indicam que o conhecimento financeiro, isoladamente, tem poder explicativo reduzido quando comparado a fatores comportamentais e psicológicos. Tam et al. (2015) reforçam que é necessário também cultivar hábitos que favoreçam a responsabilidade e a disciplina financeira.

Nesse sentido, vieses comportamentais como o autocontrole e a contabilidade mental emergem como variáveis relevantes a serem consideradas. Esses padrões sistemáticos de julgamento desviam a racionalidade ideal e comprometem decisões financeiras ao longo do tempo (Peón & Antelo, 2021; Shefrin & Thaler, 1988). O viés de autocontrole, por exemplo, favorece escolhas imediatistas em detrimento de metas futuras, impactando negativamente a poupança, o planejamento e a formação de patrimônio (Pompian, 2012). Já a contabilidade mental, ao compartimentalizar de maneira subjetiva os recursos financeiros, pode gerar alocação ineficiente de dinheiro e dificultar a visão integrada do orçamento (Baker et al., 2018; Elgeka & Ma, 2020). Estudos como o de Mpaata et al. (2021) mostram que indivíduos com baixo autocontrole requerem intervenções mais intensas para apresentar melhorias no comportamento de poupança.

Bai (2023), ao investigar a influência da alfabetização financeira, contabilidade mental e autocontrole sobre o BEF de estudantes universitários chineses, encontrou relações positivas entre essas variáveis e o bem-estar percebido, sendo a tomada de decisão em investimentos um mediador parcial. No entanto, sua abordagem considera contabilidade mental e autocontrole como fatores cognitivos positivos, sem explorar seus potenciais efeitos disfuncionais.

Diferentemente de Bai, (2023), que fundamenta sua análise na Teoria da Dissonância Cognitiva, esta pesquisa ancora-se na Hipótese do Ciclo de Vida Comportamental (Shefrin & Thaler, 1988), que reconhece a distorção da decisão financeira por processos cognitivos automáticos, como a segmentação de recursos e a dificuldade de postergar gratificações. Distingue-se, ainda, por investigar esse fenômeno no contexto de um país

emergente. A investigação será realizada com associados de uma cooperativa de crédito situada no Centro-Oeste de Minas Gerais, cuja realidade financeira é mais heterogênea. As cooperativas de crédito configuram um contexto relevante para investigar o BEF, pois combinam expansão, presença territorial e inclusão financeira. Em 2024, o Sistema Nacional de Crédito Cooperativo atingiu 19,2 milhões de associados, esteve presente em 58% dos municípios brasileiros e registrou crescimento de 10,6% no quadro social (BACEN, 2025). Essa relevância decorre do fato de que a inclusão financeira depende não apenas da existência de instituições, mas de condições efetivas de acesso e uso (Allen et al., 2016). Além disso, a atuação das cooperativas pode gerar mudanças nos modos de vida das comunidades, como acesso ao crédito, geração de empregos, capacitação e fortalecimento local (Souza et al., 2023), tornando esse contexto especialmente pertinente para analisar os determinantes do BEF.

A originalidade da proposta reside não apenas no público e no contexto analisado, mas também na ampliação da análise sobre os vieses comportamentais, ao considerar as contribuições da economia comportamental. No plano das contribuições práticas, o estudo gera inovação por meio do desenvolvimento de um produto técnico: um protótipo de aplicativo interativo, acessível à sociedade em geral, voltado à oferta de sugestões personalizadas para a melhoria do BEF.

Assim, este estudo propõe-se a contribuir para a literatura teórica e empírica (Bai, 2023; Ponchio et al., 2019; Stromback et al., 2017) ao integrar dimensões racionais e subjetivas do comportamento financeiro, ampliando a compreensão sobre os fatores que influenciam o BEF. Espera-se, ainda, que os resultados obtidos possam subsidiar práticas mais sensíveis ao contexto dos indivíduos, tanto no campo da educação financeira quanto no desenvolvimento de estratégias aplicadas em organizações como cooperativas de crédito.

2.REVISÃO DA LITERATURA E DESENVOLVIMENTO DE HIPÓTESES

2.1 Bem-estar financeiro

O BEF tornou-se um tema de destaque em pesquisas interdisciplinares que envolvem economia, psicologia, planejamento financeiro e comportamento do consumidor. Apesar dos avanços nessas áreas, ainda não há uma definição e uma medida universalmente aceitas na literatura (Vieira et al., 2021).

As abordagens para definição do BEF dividem-se, em geral, entre dimensões objetivas e subjetivas. A perspectiva objetiva considera indicadores financeiros como renda, liquidez, poupança, alocação de recursos, proteção contra a inflação e crédito (Riitsalu; Van Raaij, 2022; Xiao; Porto, 2017). Já a vertente subjetiva compreende o BEF como resultado da percepção individual sobre sua situação financeira, envolvendo sentimentos de segurança, tranquilidade e liberdade de escolha (Brüggen et al., 2017).

Nesse sentido, Kahneman e Krueger (2006) questionam os limites da concepção tradicional de utilidade baseada apenas em escolhas racionais, propondo que o bem-estar subjetivo deve capturar as experiências individuais e emocionais vividas pelas pessoas. Para os autores, essas percepções, influenciadas por fatores contextuais e emocionais, oferecem uma dimensão mais realista do bem-estar do que a utilidade revelada exclusivamente pelas decisões de consumo. Complementando essa perspectiva, Araújo et al., (2022) demonstram que níveis mais elevados de BEF estão associados à redução de sintomas de ansiedade e depressão, reforçando seu papel na saúde mental e no bem-estar global.

A pesquisa do BCB (2023), em cooperação com membros do Sistema Financeiro Nacional (SFN), entrevistou 5.000 brasileiros e revelou que 28% consideram os compromissos financeiros uma fonte de estresse em suas casas. Além disso, 68% dos participantes declararam não ter segurança quanto ao futuro financeiro. Indicadores mais recentes BCB (2025) reforçam a vulnerabilidade financeira da população brasileira e ajudam a compreender os níveis de BEF observados. Os dados indicam que 80,8% dos brasileiros se preocupam com o pagamento das despesas habituais, 65,1% não conseguiriam lidar com uma despesa inesperada sem recorrer a familiares ou amigos e 44,8% afirmam que nunca ou raramente sobra dinheiro ao final do mês.

Esse cenário também se reflete nos hábitos de poupança, investimento e formação de reservas. A ANBIMA (2026) aponta que apenas 33% da população conseguiu economizar algum dinheiro em 2025 e que cerca de 64% dos brasileiros não investem em produtos financeiros. Embora 69% declarem possuir algum dinheiro guardado para emergências, a capacidade de enfrentar um choque financeiro ainda é limitada: 20% teriam reservas para, no máximo, um mês; 43% consumiriam todos os recursos em até seis meses; e apenas 26% conseguiriam se manter por período superior a seis meses. Além disso, mesmo com a ampliação dos canais digitais, conversar presencialmente com o gerente ou assessor permanece como importante meio de informação e decisão sobre investimentos (ANBIMA, 2026).

Em busca de uma padronização, o *Consumer Financial Protection Bureau* (CFPB, 2015) propôs um conceito padrão e abrangente para o BEF: a capacidade de atender plenamente

às obrigações financeiras atuais e futuras, ao mesmo tempo em que o indivíduo sente segurança sobre o seu futuro, favorecendo que faça escolhas conscientes que viabilizem não apenas a estabilidade financeira, mas também a valorização das experiências e prazeres da vida. Riitsalu e Raaij (2022) complementam, destacando a importância da manutenção do padrão de vida desejado ao longo do tempo.

O estudo Brügger et al. (2017) também enfatiza que o BEF é subjetivo e individual, sendo que apenas o próprio indivíduo pode determinar seu nível de BEF, o qual não pode ser mensurado objetivamente por terceiros. A avaliação é intrinsecamente pessoal, baseada na percepção individual sobre a própria situação financeira e não em indicadores objetivos como renda ou patrimônio. Essa visão é reforçada por Shim et al. (2009), que propõem um modelo multidimensional do BEF em jovens adultos, composto por antecedentes (como socialização financeira e valores), dimensões centrais (conhecimento, atitudes e intenções) e consequências (como sucesso acadêmico e bem-estar psicológico).

Dados da FEBRABAN (2024), coletados durante a pandemia da COVID-19, mostram que indivíduos pessimistas quanto à economia são mais propensos a relatar queda no BEF. Além disso, Braga e Oliveira (2020) evidenciam que traços psicológicos influenciam decisões financeiras e, quando mal administrados, podem comprometer tanto o BEF subjetivo quanto o objetivo.

Ainda segundo Shim et al. (2009), a intenção de adotar comportamentos financeiros positivos é um forte preditor do BEF, mas sua eficácia depende da autoeficácia, ou seja, da crença do indivíduo em sua capacidade de agir. Já indicam que a satisfação financeira pode ser aprimorada por meio da melhoria de hábitos, redução do estresse, aumento do conhecimento e fortalecimento da solvência.

Por fim, os estudos apontam para uma visão integradora do BEF, que considera simultaneamente aspectos econômicos, subjetivos e comportamentais. No contexto brasileiro, onde grande parte da população enfrenta insegurança financeira, encontra-se uma lacuna para compreender o BEF como um construto multifacetado, com implicações diretas na saúde mental e na qualidade de vida.

2.2 Alfabetização financeira e bem-estar financeiro

Embora os termos “alfabetização financeira”, “educação financeira” e “conhecimento financeiro” sejam frequentemente utilizados como sinônimos, há distinções

conceituais relevantes que impactam a precisão metodológica em estudos sobre o tema. A alfabetização financeira vai além da simples aquisição de informações: envolve a capacidade de compreender, aplicar e transformar o conhecimento financeiro em decisões eficazes e contextualizadas (Huston, 2010; OCDE, 2023; Potrich et al., 2016). Nesse sentido, enquanto a educação financeira fornece a base informacional, a alfabetização financeira incorpora também competências cognitivas e comportamentais necessárias para lidar com decisões financeiras cotidianas de forma autônoma e segura (Huston, 2010; Lusardi & Mitchell, 2014; OCDE, 2023).

Lusardi e Mitchell (2014) definem alfabetização financeira como a habilidade de processar informações econômicas e tomar decisões consistentes com a maximização do BEF individual. Essa habilidade envolve a compreensão e a aplicação de conceitos fundamentais, como juros compostos, inflação e diversificação de risco, de maneira que o conhecimento teórico seja convertido em práticas eficazes de gestão e planejamento financeiro.

A Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE, 2023) amplia essa definição ao propor um modelo tridimensional composto por conhecimento, comportamento e atitude. Nessa abordagem, o conhecimento se refere à compreensão de conceitos financeiros básicos; o comportamento diz respeito à forma como o indivíduo lida com suas finanças; e a atitude contempla elementos como o planejamento de longo prazo e a disposição para poupar (Mahendru, 2021; OCDE, 2023).

A operacionalização da alfabetização financeira em estudos empíricos requer instrumentos válidos e comparáveis. Para tanto, Lusardi e Mitchell (2014) propõem quatro critérios: simplicidade, relevância, brevidade e capacidade discriminatória. Esses princípios norteiam o desenvolvimento de escalas que permitam aferir, de maneira objetiva, o grau de alfabetização de diferentes indivíduos e grupos sociais.

No contexto brasileiro, Potrich et al. (2018) identificaram baixos níveis de alfabetização financeira em ambos os gêneros, com destaque para a maior vulnerabilidade de mulheres solteiras com baixa escolaridade e renda. Os autores Klapper e Lusardi, (2020) apresentam

resultados semelhantes ao identificarem que mulheres, indivíduos com menor renda e menor escolaridade tendem a apresentar maiores lacunas de conhecimento financeiro. Já Lusardi e Mitchell (2011) apontam que menores níveis de alfabetização financeira estão associados a menor capacidade de planejamento financeiro de longo prazo. Complementando as questões sociodemográficas relacionadas a alfabetização, Kapelle e Lersch (2020) destacam que o estado civil pode influenciar a trajetória de acumulação patrimonial, especialmente em

razão do compartilhamento de recursos e da organização financeira no casamento. Esses achados apontam desigualdades estruturais no acesso à informação financeira e, consequentemente, na capacidade de tomar decisões que favoreçam o BEF.

Dessa forma, cresce o interesse por investigar como a alfabetização financeira influencia o BEF. Estudos indicam que indivíduos com maior domínio sobre conceitos financeiros tendem a evitar decisões impulsivas, manter hábitos de poupança e adotar comportamentos mais consistentes com a estabilidade de longo prazo (Joo & Grable, 2004; OCDE, 2023). Os achados na pesquisa de Ponchio et al. (2023) identificaram que o estresse atual relacionado à gestão do dinheiro e a expectativa de segurança financeira futura foram estatisticamente significativos para explicar o bem-estar psicológico, após o controle por idade, sexo e renda. O conhecimento financeiro, por sua vez, não apresentou significância estatística no modelo.

Evidências empíricas recentes reforçam esse vínculo. Bai (2023) identificou que a alfabetização financeira contribui diretamente para o aumento do BEF subjetivo, mediado pela melhoria na tomada de decisões de investimento e pela maior capacidade de resistir a impulsos de consumo. Reforçando essa perspectiva, Lusardi e Streeter (2023), ao analisarem dados da *National Financial Capability Study*, constataram que indivíduos com maior alfabetização financeira apresentam melhor gestão do endividamento, maior planejamento para a aposentadoria e menor vulnerabilidade econômica. De forma complementar, Das e Mahapatra (2023), ao analisarem os três pilares da alfabetização financeira: conhecimento, comportamento e atitude; verificaram que esses fatores impactam positivamente o BEF em adultos, especialmente por meio da prática do orçamento, da propensão à poupança e da habilidade de planejar o futuro.

Mountain et al. (2021) investigaram se diferentes atividades de aprendizagem financeira influenciam o conhecimento financeiro objetivo e o comportamento financeiro de jovens adultos. Os resultados indicaram que experiências como consultar profissionais financeiros, acessar materiais sobre finanças pessoais, ter os pais como modelos financeiros e adquirir conhecimento financeiro objetivo estão associadas a comportamentos financeiros mais positivos. No Brasil, contudo, o Raio X do Investidor Brasileiro (ANBIMA, 2026) revela que o acesso a essas modalidades ainda é restrito, apenas 21% da população participou de alguma atividade formal de educação financeira, proporção que cai para 14% entre os não investidores.

Compreender a distinção entre as dimensões fundamentais que estruturam a alfabetização financeira, mostra-se relevante para a busca por autonomia financeira e tomada

de decisões mais conscientes, já que todas lidam com a forma como as pessoas se relacionam com o dinheiro. O Quadro 1 apresenta de forma resumida a definição e temas abordados por cada dimensão.

Quadro 1 – Dimensões que estruturam a alfabetização financeira

Conceito	Definição	Temas e práticas avaliadas	Referência
Conhecimento financeiro	Refere-se à compreensão teórica de conceitos financeiros básicos e à habilidade de aplicar competências numéricas em contextos econômicos. É o domínio cognitivo necessário para processar informações sobre transações de crédito, poupança, investimento e consumo.	Compreensão de inflação (definição e valor do dinheiro no tempo), juros simples e compostos, relação entre risco e retorno e diversificação de riscos.	(BCB, 2025; Lusardi, Mitchell, 2014; OECD, 2023; Vieira et al., 2021)
Comportamento Financeiro	Diz respeito às ações, condutas e hábitos práticos dos indivíduos na gestão de seus recursos. É considerado o componente essencial que concretiza o equilíbrio ou desequilíbrio financeiro no curto e longo prazo	Elaboração de orçamento, hábito de poupar ativamente, pagar contas em dia, pesquisar e comparar produtos financeiros antes da compra e evitar dívidas para cobrir gastos diários	(BCB, 2025; OECD, 2023; Vieira et al., 2021)
Atitude Financeira	Reflete as inclinações psicológicas, percepções e preferências do indivíduo em relação ao dinheiro e ao tempo. Envolve a filosofia pessoal de uso dos recursos e a propensão ao planejamento futuro.	Avalia a inclinação para o consumo imediato em oposição à satisfação de poupar para o amanhã e à definição de metas de longo prazo.	(BANCO CENTRAL DO BRASIL, 2025; OECD, 2023; OECD/INFE, 2020)

Fonte: Elaborado pela autora, 2026.

Considerando essas dimensões, a literatura recente reforça que maiores níveis de alfabetização financeira estão associados a percepções mais positivas sobre o BEF, não apenas pela aquisição de conhecimento, mas pela capacidade de aplicá-lo em contextos reais, com autonomia e consciência das consequências econômicas. A partir da revisão da literatura, examina-se a seguir a relação de cada dimensão com o BEF, formulando-se as hipóteses correspondentes.

No que se refere ao conhecimento financeiro, evidências indicam que o domínio de conceitos como juros, inflação e diversificação de risco favorece a gestão do endividamento, o planejamento para a aposentadoria e a menor vulnerabilidade econômica (Lusardi & Streeter, 2023), além de se associar a melhores resultados objetivos, como a maior probabilidade de

retorno positivo dos investimentos (Chu et al., 2017). No contexto brasileiro, Vieira et al. (2021) identificaram o conhecimento financeiro entre os antecedentes relevantes do BEF percebido. A literatura ainda sugere que esse efeito pode operar de forma predominantemente indireta (Joo & Grable, 2004; Ponchio et al., 2023). Com base no exposto, formula-se a seguinte hipótese:

H1. O conhecimento financeiro influencia positivamente o bem-estar financeiro.

Para o comportamento financeiro, a literatura o reconhece como a dimensão prática da gestão dos recursos, sendo o componente mais diretamente associado ao BEF (Bai, 2023; Vieira et al., 2021). Práticas como elaborar orçamento, poupar ativamente e pagar contas em dia demonstraram impacto positivo sobre o BEF de adultos (Das & Mahapatra, 2023), e comportamentos adequados de gestão constituem o principal canal pelo qual a alfabetização financeira se converte em satisfação financeira (Xiao & Porto, 2017). Evidências longitudinais reforçam a precedência temporal dessa relação, os autores Mende & van Doorn (2015), acompanhando clientes de aconselhamento financeiro ao longo de oito meses, demonstraram que comportamentos financeiros colaborativos elevaram o BEF objetivo, cuja melhora mediou a redução do estresse financeiro percebido. Diante disso, formula-se a hipótese:

H2. O comportamento financeiro influencia positivamente o bem-estar financeiro.

Quanto à atitude financeira, normas subjetivas e disposições em relação ao dinheiro influenciam praticamente todos os aspectos do BEF, na medida em que atitudes favoráveis à poupança e ao planejamento sustentam o estabelecimento de metas e a capacidade de manter equilíbrio entre renda e consumo (Drever et al., 2015; Shim et al., 2009). A orientação para o longo prazo e a disposição para poupar, dimensões centrais da atitude financeira (OCDE, 2023), mostraram-se igualmente associadas a níveis mais elevados de BEF em adultos (Das & Mahapatra, 2023a). Assim, formula-se a hipótese:

H3. A atitude financeira influencia positivamente o bem-estar financeiro.

Em conjunto, as evidências teóricas e empíricas discutidas nesta revisão indicam que as três dimensões da alfabetização financeira contribuem positivamente para o BEF. O conhecimento financeiro favorece decisões consistentes com a maximização do BEF individual

(Lusardi & Mitchell, 2014) e associa-se a melhores resultados, como a maior probabilidade de retorno positivo dos investimentos (Chu et al., 2017; Vieira et al., 2021). A atitude financeira, ao traduzir a propensão ao planejamento e à orientação para o futuro, sustenta o estabelecimento de metas e a percepção de segurança financeira (Drever et al., 2015; OCDE, 2023). Já o comportamento financeiro apresenta relação direta com o BEF, por representar a manifestação prática da gestão dos recursos (Bai, 2023; Vieira et al., 2021). Dessa forma, tais evidências sustentam a formulação das hipóteses H₁, H₂ e H₃ propostas nesta pesquisa.

2.3 Vieses cognitivos e a Hipótese do Ciclo de Vida Comportamental

As finanças comportamentais surgiram como resposta às limitações dos modelos tradicionais, ao demonstrar que os indivíduos nem sempre agem de maneira plenamente racional. Estudos como o de Sahi (2017) indica que os investidores são influenciados por fatores emocionais, sociais e cognitivos que comprometem a racionalidade esperada nos modelos clássicos.

A partir dos trabalhos de Kahneman e Tversky (1979), consolidou-se o entendimento de que os indivíduos utilizam heurísticas, regras mentais simplificadoras, para lidar com situações de incerteza. Tais atalhos mentais, embora eficientes em alguns contextos, frequentemente conduzem a erros previsíveis de julgamento, conhecidos como vieses. De forma semelhante, Peón e Antelo (2021) reforçam essa perspectiva ao descrever os vieses como distorções cognitivas recorrentes, amplificadas em contextos de pressão, excesso de informação e incerteza. Esses vieses interferem diretamente no comportamento financeiro ao afetar a percepção de risco, o autocontrole e a capacidade de planejamento.

A literatura demonstra que os vieses não apenas influenciam as decisões, mas também afetam o BEF em suas dimensões objetiva e subjetiva. Para Drever et al. (2015), déficits em funções executivas e habilidades cognitivas, frequentemente associados à presença de vieses, reduzem a capacidade de organização, de poupança e de resistência a pressões de consumo, comprometendo o desenvolvimento de um BEF duradouro.

Willis (2011) oferece uma crítica importante ao destacar que a mera disseminação de conhecimento financeiro não é suficiente para garantir boas decisões. Segundo a autora, vieses persistentes tendem a anular os efeitos esperados da educação financeira, tornando essencial a compreensão de como esses desvios afetam o comportamento financeiro real.

Entre os modelos que oferecem sustentação teórica para a análise desses desvios, destaca-se a Hipótese do Ciclo de Vida Comportamental (Behavioral Life-Cycle Hypothesis – BLC), proposta por Shefrin e Thaler (1988), que oferece uma reformulação da teoria tradicional do ciclo de vida ao incorporar elementos da psicologia comportamental para explicar o comportamento financeiro.

No modelo original, as dificuldades cognitivas são tratadas como limitações naturais do processo decisório, e não como distorções ou erros. O autocontrole é compreendido como um conflito interno entre o planejador, que busca decisões alinhadas ao longo prazo, e o executor, que cede à gratificação imediata, exigindo esforço psíquico para resistir à tentação. A contabilidade mental organiza os recursos financeiros em categorias separadas, que não são intercambiáveis na prática, contrariando a lógica econômica da fungibilidade, mas operando como uma estratégia de gestão financeira. Já o enquadramento (*framing*) modifica a percepção e o uso dos recursos de acordo com a forma como são apresentados, influenciando diretamente a propensão ao consumo (Shefrin & Thaler, 1988).

Esses três mecanismos refletem limitações cognitivas recorrentes no comportamento financeiro cotidiano, contribuindo para explicar decisões que desviam da racionalidade estrita prevista pela teoria econômica clássica. A presente pesquisa irá abordar duas limitações cognitivas, sendo elas o autocontrole e a contabilidade mental.

Com o avanço da literatura em finanças comportamentais, sobretudo a partir dos trabalhos de Kahneman e Tversky (1974, 1979) e Kahneman (2003), passou-se a classificar essas limitações como vieses comportamentais, justamente por produzirem erros sistemáticos e previsíveis de julgamento. Nesta pesquisa, adota-se essa perspectiva mais recente, considerando o autocontrole e a contabilidade mental sob a lente dos vieses por seu potencial de comprometer decisões financeiras eficientes. Assim, reconhece-se a contribuição seminal de Shefrin e Thaler na descrição desses comportamentos, ao mesmo tempo em que se atualiza a classificação conceitual conforme os desenvolvimentos teóricos posteriores.

2.4 Autocontrole e bem-estar financeiro

O autocontrole desempenha um papel fundamental na capacidade de tomar decisões, cultivar a determinação e alcançar o sucesso futuro, seja na busca por riqueza ou reconhecimento. A ausência de autocontrole está associada a adoções de escolhas infundadas, insegurança e comportamentos negativos, impactando negativamente o BEF futuro. Tangney et

al. (2004) destacam que o autocontrole está diretamente relacionado à habilidade de regular ou suprimir respostas internas, interromper comportamentos indesejados e evitar agir sobre impulsos, desempenhando um papel crucial na promoção de diversos resultados benéficos ao longo da vida. Biljanovska e Palligkinis (2018) definem o autocontrole como a capacidade abrangente de um indivíduo de estabelecer metas claras e de longo prazo, monitorar ativamente seu comportamento em relação a essas metas e manter um compromisso firme com elas, especialmente quando confrontado com tentações.

O autocontrole também exerce influência significativa no BEF. O trabalho de Strömbäck et al. (2017) conclui que o autocontrole tem um efeito positivo não apenas no comportamento financeiro, mas também no BEF. Hashmi et al., (2021) evidenciaram que fatores não cognitivos, especialmente o autocontrole, exercem papel relevante na formação do comportamento financeiro e da segurança financeira. O estudo de Ponchio et al. (2019) explorou como aspectos pessoais e cognitivos influenciam o BEF dos consumidores brasileiros, abordando fatores como materialismo, autocontrole nas despesas, percepção de tempo, hábitos de poupança e conhecimento financeiro. Os resultados indicam que o BEF é impactado pelo autocontrole nas despesas, pelo materialismo e pela percepção do tempo. Além disso, a orientação para a poupança está relacionada à segurança financeira futura. Corroborando os achados em pesquisas anteriores, consumidores com alto autocontrole possuem a predisposição a terem melhores resultados a longo prazo (Tangney et al., 2004).

No contexto específico dos gastos, Haws et al. (2012) definem o autocontrole de gastos do consumidor (CSSC) como a habilidade individual de observar e gerenciar seus próprios pensamentos e escolhas no que diz respeito aos gastos, alinhando-os com as normas e limites que a própria pessoa estabelece para si. O foco principal do CSSC reside na capacidade do indivíduo de gerenciar e controlar seus gastos, diferenciando-se do comportamento de compra compulsiva. Os resultados de Haws et al. (2012) indicam que indivíduos com menor autocontrole de gastos demonstram maior propensão a realizar compras não planejadas e impulsivas, além de estarem mais dispostos a pagar preços mais altos por produtos, sugerindo que pessoas com baixo autocontrole de gastos, são mais suscetíveis a enfrentar dificuldades financeiras decorrentes de gastos excessivos.

O autocontrole também se relaciona com o comportamento do consumidor em diferentes contextos. Costa et al. (2020) analisaram a percepção de preço do consumidor no processo de decisão de compra em ambientes de compra coletiva *online*, em relação ao autocontrole e às influências dessas decisões atreladas a processos de arrependimento. Os

resultados sugerem que a forma como o preço é apresentado em sites impacta positivamente a intenção de consumo, mas influencia negativamente o autocontrole, favorecendo compras não planejadas e potenciais arrependimentos futuros. Norvilitis et al. (2006) identificaram que o endividamento com cartão de crédito entre estudantes universitários está associado a múltiplos fatores inter-relacionados, incluindo a falta de conhecimento financeiro, a idade, o número de cartões de crédito e a baixa capacidade de adiar a gratificação, indicando que a simples posse de um cartão, somada a uma menor capacidade de autocontrole, aumenta o risco de endividamento.

Grohmann e Hamdan (2021) investigam a influência da capacidade de autocontrole sobre o comportamento de endividamento impulsivo, considerando o papel moderador da alfabetização financeira. Os autores mostram que indivíduos com menor autocontrole tendem a assumir dívidas por impulso com maior frequência. No entanto, essa relação negativa é menos intensa entre aqueles que possuem maior nível de alfabetização financeira, indicando que esse conhecimento pode reduzir os impactos comportamentais associados à falta de autocontrole.

É importante considerar a relação entre autocontrole e procrastinação. Muitas pessoas procrastinam em relação aos seus objetivos financeiros e, ao decidirem se aprimorar, frequentemente tentam limitar suas ações, impondo regras e prazos rigorosos a si mesmas (Bai, 2023). O estudo de Ariely e Wertenbroch (2002) corrobora essa ideia, demonstrando que a procrastinação é um desafio real para muitos, que buscam gerenciá-la por meio de prazos autoimpostos, embora esses prazos nem sempre sejam tão eficazes quanto os estabelecidos por terceiros.

Conforme a literatura apresentada até aqui, o autocontrole é frequentemente compreendido como uma habilidade cognitiva relacionada à capacidade de gerenciar impulsos, adiar gratificações imediatas e agir em prol de objetivos financeiros de longo prazo. Essa competência está associada à autorregulação e ao uso racional dos recursos, sendo um fator que favorece comportamentos financeiros positivos e planejados. No entanto, sob a perspectiva das finanças comportamentais, quando essa habilidade falha, ela se manifesta como um viés emocional, denominado viés de autocontrole.

Segundo Pompian (2012), esse viés é caracterizado pela tendência dos indivíduos em priorizar o consumo presente em detrimento do planejamento futuro, comprometendo a formação de patrimônio, o equilíbrio do portfólio e a segurança financeira na aposentadoria. O estudo de Hamid (2025) analisou uma amostra de 433 detentores de cartão de crédito ou empréstimo pessoal e identificaram que o viés de autocontrole está associado com maior risco

de superendividamento geral, bem como maior vulnerabilidade a dívidas de cartão de crédito e empréstimos pessoais.

Os autores Strömbäck et al. (2017) sugerem uma agenda para estudos futuros em que propõe uma investigação se o autocontrole tem um efeito imediato no BEF ou se o efeito vem do bom autocontrole levando a um melhor comportamento financeiro, o que tem um efeito positivo no BEF.

Com base no exposto, levanta-se a seguinte hipótese:

H4. A habilidade de autocontrole influencia positivamente o bem-estar financeiro.

A convergência das evidências empíricas revisadas sustenta a hipótese formulada. Strömbäck et al., (2017) e Ponchio et al. (2019) demonstraram empiricamente que o autocontrole exerce efeito positivo no BEF, enquanto a ausência do autocontrole está associada a dificuldades financeiras decorrentes de gastos excessivos (Haws et al., 2012; Norvilitis et al., 2006a), ao endividamento impulsivo (Grohmann & Hamdan, 2021; Hamid, 2025) e à menor capacidade de constituir segurança financeira de longo prazo (Tangney et al., 2004). Sob a perspectiva das finanças comportamentais, quando essa habilidade falha sistematicamente, ela se manifesta como viés de autocontrole, que representa a tendência de priorizar gratificações imediatas em detrimento do planejamento futuro (Pompian, 2012), reforçando a expectativa de que indivíduos com maior habilidade de autocontrole apresentem níveis mais elevados de BEF.

2.5 Relações de mediação entre alfabetização financeira, habilidade de autocontrole e bem-estar financeiro

As seções anteriores fundamentaram os efeitos diretos esperados do conhecimento financeiro, do comportamento financeiro, da atitude financeira e da habilidade de autocontrole sobre o BEF. A literatura, contudo, sugere que a compreensão desses efeitos se amplia quando a análise avança dos caminhos diretos para os mecanismos de mediação que os explicam (Nitzl et al., 2016; Xiao & Porto, 2017). Drever et al., (2015) propõem que conhecimentos e capacidades de autorregulação atuam como antecedentes indiretos, cujo efeito sobre o BEF se manifesta por meio de atitudes e comportamentos financeiros, responsáveis por traduzir habilidades latentes em práticas que conduzem ao bem-estar.

Na mesma direção, Strömbäck et al. (2017), ao constatarem que pessoas com bom autocontrole exibem melhor comportamento financeiro e se sentem mais seguras quanto à sua situação financeira atual e futura, recomendam como agenda de pesquisa investigar se o efeito do autocontrole sobre o BEF é imediato ou se decorre de sua influência sobre comportamentos financeiros mais adequados; extensão analítica que esta pesquisa adota e amplia também à relação entre o conhecimento financeiro e o BEF.

No que se refere ao conhecimento financeiro, a própria operacionalização da alfabetização financeira em três componentes inter-relacionados: conhecimento, atitude e comportamento (Lusardi & Mitchell, 2014; OECD, 2023), sugere que o domínio de conceitos financeiros constitui a base sobre a qual se formam disposições mais adequadas de gestão dos recursos. Indivíduos com maior conhecimento tendem a desenvolver atitudes mais favoráveis ao planejamento e à orientação para o futuro, as quais, por sua vez, sustentam a percepção de segurança e autonomia financeira (Joo & Grable, 2004; OECD, 2023). Com base na literatura, formula-se a hipótese:

H5a. A atitude financeira exerce efeito de mediação positiva na relação entre o conhecimento financeiro e o BEF.

A literatura sugere, ainda, que o conhecimento financeiro pode atuar como antecedente da própria capacidade de autorregulação: a compreensão das consequências de longo prazo das decisões financeiras fortalece o gerenciamento de ações e escolhas em favor de metas futuras, favorecendo o BEF (Bai, 2023). Na mesma direção, Hamid (2025) sugere que o aprimoramento tanto do conhecimento financeiro quanto das habilidades práticas de gestão pode fortalecer o autocontrole dos indivíduos, reduzindo sua vulnerabilidade a decisões financeiras prejudiciais. Diante disso, formula-se a hipótese:

H5b. A habilidade de autocontrole exerce efeito de mediação positiva na relação entre o conhecimento financeiro e o BEF.

No que se refere ao comportamento financeiro, indivíduos com maior conhecimento tendem a apresentar práticas mais adequadas de controle de gastos, planejamento e diversificação de investimentos (Chu et al., 2017; Lusardi & Mitchell, 2014). Evidências empíricas indicam, que o comportamento financeiro adequado é preditor mais forte do BEF do

que o conhecimento objetivo isoladamente (Riitsalu & Murakas, 2019; Xiao et al., 2014), e a relação se confirma tanto em estudos transversais (Younas et al., 2019) quanto longitudinais (Mende & van Doorn, 2015). Assim, formula-se a hipótese:

H5c. O comportamento financeiro exerce efeito de mediação positiva na relação entre o conhecimento financeiro e o BEF.

Para a habilidade de autocontrole, evidências meta-analíticas reforçam a pertinência de investigar os caminhos indiretos de seu efeito, De Ridder et al. (2012) identificaram efeito positivo de pequena a média magnitude do autocontrole disposicional sobre diversos comportamentos, embora com variação entre domínios e heterogeneidade mais expressiva no campo do ajustamento e do bem-estar, razão pela qual recomendam análises mais refinadas sobre os componentes do bem-estar e investigações em diferentes domínios comportamentais.

Pesquisas anteriores indicam suporte para esse caminho explicativo, Strömbäck et al. (2017) constataram que indivíduos com maior autocontrole poupam mais e adotam comportamentos financeiros gerais mais adequados, apresentando melhor situação financeira atual e futura; de modo complementar, pessoas com níveis elevados de autocontrole demonstram maior inclinação a comportamentos positivos de tomada de decisão, uma vez que a capacidade de autorregulação permite gerenciar ações e escolhas em favor de metas de longo prazo (Bai, 2023), influenciando comportamentos financeiros concretos, como decisões de investimento (Iram et al., 2024). De forma ainda mais direta, Younas et al. (2019), constataram que o efeito do autocontrole sobre o BEF ocorre integralmente por meio do comportamento financeiro, sem efeito direto significativo. Diante do exposto, formula-se a hipótese:

H5d. O comportamento financeiro exerce efeito de mediação positiva na relação entre a habilidade de autocontrole e o BEF.

Seguindo a mesma linha de pensamentos, espera-se que o autocontrole também atue sobre a atitude financeira, na medida em que a habilidade de autocontrole favoreça disposições mais orientadas ao planejamento e ao futuro, que por sua vez sustentam a percepção de BEF (Strömbäck et al., 2017). Formula-se, então, a hipótese:

H5e. A atitude financeira exerce efeito de mediação positiva na relação entre a habilidade de autocontrole e o BEF.

As evidências revisadas sustentam o conjunto de hipóteses de mediação formuladas. O conhecimento financeiro se converte em bem-estar por meio de práticas financeiras adequadas (Chu et al., 2017; Mende & van Doorn, 2015; Younas et al., 2019) fundamentam as mediações associadas ao conhecimento (H5a, H5b e H5c), enquanto os achados de que o autocontrole favorece atitudes e comportamentos financeiros que sustentam a percepção de segurança financeira (Bai, 2023; Iram et al., 2024; Strömbäck et al., 2017), com destaque para a mediação integral pelo comportamento financeiro constatada por Younas et al. (2019) fundamentam as mediações associadas à habilidade de autocontrole (H5d e H5e).

Essas relações encontram amparo, ainda, na Hipótese do Ciclo de Vida Comportamental (Shefrin & Thaler, 1988), apresentada na seção 2.4: na lógica do conflito entre o planejador, orientado à utilidade de longo prazo, e o executor, orientado à gratificação imediata, é por meio da regulação das atitudes e dos comportamentos financeiros correntes que as capacidades cognitivas e autorregulatórias dos indivíduos se convertem em bem-estar financeiro. As hipóteses formuladas atendem, ademais, às agendas de pesquisa propostas por Strömbäck et al. (2017) e de Ridder et al. (2012), que recomendam investigar os mecanismos comportamentais pelos quais o autocontrole e os componentes do bem-estar se articulam.

2.6 Contabilidade mental e bem-estar financeiro

Em sua análise do processo de escolha, Tversky e Kahneman (1981, 1992) identificam duas fases cruciais: o enquadramento inicial do problema e a avaliação das possíveis soluções. A análise do processo decisório em finanças comportamentais frequentemente se inicia com o estudo do enquadramento e dos vieses a ele associados. Em contraposição ao modelo do agente racional, que pressupõe escolhas baseadas em uma avaliação abrangente e objetiva, a literatura demonstra que a apresentação de um problema influencia significativamente as preferências individuais (Hodgkinson et al., 1999; LeBoeuf & Shafir, 2003; Shefrin & Thaler, 1988).

A invariância, que seria a ideia de que as preferências dos indivíduos não alteram somente porque a descrição de um resultado é apresentada de formas distintas (Kahneman, 2003), é frequentemente quebrada pelo enquadramento. Descrições diferentes podem levar a escolhas diferentes, simplesmente por destacarem certos aspectos do problema. Os autores

(Alevy et al., 2015) evidenciam que a estruturação das opções de escolha revela-se um fator crucial na compreensão da contabilidade mental. A pesquisa em comportamento econômico demonstra que as preferências individuais não são fixas, mas sim construídas dinamicamente ao longo do processo decisório, influenciadas significativamente pela maneira como as alternativas são apresentadas. Esse processo de estruturação da preferência, portanto, torna o enquadramento um elemento fundamental para análise do comportamento financeiro individual.

Essa influência do enquadramento causa vários desvios do comportamento racional, como a dependência do enquadramento e a contabilidade mental (Thaler, 1985). Relacionada ao enquadramento, a contabilidade mental, refere-se aos métodos implícitos que as pessoas utilizam para codificar e avaliar transações, investimentos, apostas etc. (Thaler, 1985) monitorando e analisando suas operações financeiras, semelhante à contabilidade em organizações (Thaler, 2008).

Thaler (1999) desvenda a complexidade da tomada de decisão financeira individual ao apresentar três dimensões cruciais para a compreensão desse processo. Primeiramente, a percepção e experiência dos resultados, ou seja, como ganhos e perdas são sentidos e avaliados, demonstram a influência da forma como a informação é apresentada (*framing*) e da utilidade da transação (o valor percebido de uma oferta). Em segundo lugar, a alocação de atividades a contas mentais específicas, como aluguel, alimentação e lazer, evidencia a não fungibilidade do dinheiro, pois cada conta possui restrições implícitas ou explícitas. Por fim, a frequência de avaliação das contas e a prática de *choice bracketing*, a forma como as decisões são agrupadas, demonstram que a periodicidade da avaliação (diária, semanal, anual etc.) e o enquadramento das escolhas impactam significativamente as decisões financeiras.

Thaler e Shefrin (1981) foram pioneiros na identificação desse comportamento, definindo a contabilidade mental como o modo como as pessoas organizam, avaliam e controlam suas finanças pessoais através da criação de “contas” mentais específicas para diferentes categorias de gastos e receitas. Essa abordagem psicológica sugere que as pessoas possuam uma tendência a segmentar seus recursos financeiros em categorias distintas, como despesas fixas, lazer ou poupança, ao invés de tratar todas as suas receitas e despesas como um montante total. Essa prática influencia as decisões financeiras, pois os indivíduos possam relutar em transferir recursos entre as contas mentais, mesmo que tal movimento fosse racional do ponto de vista econômico.

Adicionalmente, pesquisas indicam que, dentro de cada grupo, os indivíduos tendem a classificar a renda de acordo com sua origem, resultando em diferentes tendências de consumo. Por exemplo, a propensão a gastar dinheiro proveniente de uma vitória na loteria ou de um presente é superior em relação aos valores recebidos como pagamento por horas extras ou bônus (Maital & Maital, 1994; Thaler, 1990).

No processo de contabilidade mental, as pessoas organizam cognitivamente seus ativos em três categorias: renda corrente, ativos correntes e renda futura. Essa divisão leva à percepção de que cada conta é não fungível, resultando em diferentes propensões marginais a consumir (MPC) para cada tipo de conta (Karlsson et al., 1997; Shefrin & Thaler, 1988). A fungibilidade refere-se à capacidade de trocar dinheiro livremente entre diferentes contas, sugerindo que a origem da renda não deve afetar seu uso (Hener, 2017; Rieger et al., 2022). No entanto, quando consideradas como não fungíveis, observa-se uma tendência maior de gastar recursos provenientes da renda atual em comparação com a riqueza acumulada, enquanto a MPC é praticamente zero para a renda futura. Este fenômeno evidencia como o contexto financeiro influencia as decisões de consumo (Karlsson *et al.*, 1997; Shefrin & Thaler, 1988).

Em conjunto com essas representações mentais simplificadas, o estudo de Mahapatra et al. (2019) utiliza o orçamento mental para entender a influência indireta da contabilidade mental no planejamento financeiro das famílias. A pesquisa identifica e quantifica o impacto de componentes específicos da contabilidade mental (orçamento mental, renda, ativos e projeções futuras) em diferentes áreas do planejamento financeiro demonstrando uma correlação positiva entre as variáveis, sugerindo que indivíduos que utilizam melhor o orçamento mental, tendem a ter um melhor planejamento financeiro. Indicadores positivos da influência da contabilidade mental foram identificados na pesquisa realizada por Bai (2023). Os resultados sugerem que indivíduos que praticam essa contabilidade apresentam níveis elevados de BEF. Além disso, o estudo destaca a importância de uma educação financeira sólida e de habilidades de autocontrole, que atua como fatores determinantes para que essas pessoas adotem comportamentos específicos nas decisões de investimentos.

A edição hedônica, um conceito intrinsecamente ligado à dependência do enquadramento e à contabilidade mental, descreve como os indivíduos tendem a organizar e interpretar eventos de forma a maximizar sua satisfação ou felicidade geral (Thaler, 1999). Essa capacidade de processar e combinar experiências de forma a resultar no maior prazer possível pode ser utilizada, em conjunto com a contabilidade mental e o enquadramento, para mitigar problemas de autocontrole (Thaler & Shefrin, 1981).

O trabalho de Antonides e Ranyard (2018) defende que a contabilidade mental, embora não seja considerada um comportamento racional pela teoria econômica convencional, desempenha funções psicológicas importantes. A contabilidade mental simplifica o ambiente econômico (Antonides & Ranyard, 2018). É mais fácil administrar um conjunto limitado de despesas dentro de um orçamento específico do que lidar com uma grande variedade de gastos em um orçamento geral (Antonides & Ranyard, 2018). Ela simplifica a tomada de decisões e promove o autocontrole, permitindo que os indivíduos distribuam os resultados financeiros positivos ao longo de suas vidas. Esses processos combinados auxiliam no sucesso da gestão financeira e do orçamento. Adicionalmente, a forma como a contabilidade mental integra ou separa as experiências financeiras pode ter um impacto hedônico, atenuando o sofrimento associado ao pagamento ou intensificando o prazer derivado de experiências positivas.

A aplicação da contabilidade mental ao gerenciamento financeiro, conhecida como orçamento mental, segue um processo em três etapas (Heath, 1995a; Heath & Soll, 1996). Em sua análise do orçamento mental e do gerenciamento financeiro, Antonides et al. (2011) destacam que, embora o orçamento mental contribua para um melhor controle financeiro, seu impacto na visão geral das despesas é mais complexo. O estudo revela que outros fatores, como o patrimônio líquido da casa, podem influenciar a capacidade de ter uma visão clara das despesas, sugerindo que o orçamento mental, embora útil, não é o único determinante de uma compreensão abrangente da situação financeira.

A edição hedônica, conforme proposta por Thaler (1985), é uma função da contabilidade mental que se baseia em como as pessoas avaliam psicologicamente os resultados de suas escolhas. Em geral, as pessoas preferem separar mentalmente os eventos positivos (como várias pequenas férias) para maximizar o prazer, enquanto preferem integrar os eventos negativos (como todas as despesas do cartão de crédito) para minimizar a dor (R. Thaler, 1985). No entanto, essa regra nem sempre se aplica, pois, as pessoas podem preferir distribuir as perdas ao longo do tempo para facilitar o enfrentamento.

Como discutido anteriormente, a contabilidade mental é considerada irracional de acordo com a teoria econômica padrão (Thaler, 1985). De fato, descobriu-se no trabalho de Frederick (2005) que a reflexão cognitiva e tomada de decisão sugere que indivíduos com maiores habilidades cognitivas tendem a ser menos suscetíveis a heurísticas e vieses. Isso ocorre porque habilidades cognitivas mais elevadas facilitam um processamento mais analítico e reflexivo, permitindo que os indivíduos detectem e corrijam potenciais erros em seus julgamentos.

No entanto, é importante ressaltar que a influência das habilidades cognitivas não elimina completamente o uso de heurísticas, que podem persistir em situações de alta complexidade ou sob pressão de tempo. Outro aspecto que contribui para a redução da utilização de heurísticas e vieses é a educação (Abeler & Marklein, 2008). O estudo de Abeler e Marklein (2008) revela que indivíduos com habilidades matemáticas mais baixas são mais propensos a violar a fungibilidade. Isso sugere que a contabilidade mental pode ser uma estratégia para simplificar as decisões financeiras, especialmente para aqueles que têm dificuldade com cálculos complexos.

A contribuição empírica dos autores Muehlbacher e Kirchler (2019), demonstra que a contabilidade mental varia entre os indivíduos e influencia a forma como perdas e ganhos anteriores são processados nas decisões financeiras. Os resultados indicaram que maior propensão à contabilidade mental está associada ao gênero feminino, à alfabetização financeira e a características de maior organização e disciplina, enquanto se relaciona negativamente com a escolaridade e a impulsividade não planejada. Assim, os achados sugerem que a contabilidade mental pode contribuir para a organização das finanças cotidianas, embora seus efeitos dependam de características individuais.

A investigação de Heath e Soll (1996) sobre orçamento mental destaca que, embora o estabelecimento de orçamentos possa ser uma ferramenta útil para o controle financeiro, a rigidez excessiva pode levar ao subconsumo. Assim, a gestão financeira pessoal ideal envolve um equilíbrio entre o autocontrole necessário para evitar gastos impulsivos e a flexibilidade para se adaptar a mudanças nas circunstâncias e aproveitar oportunidades de consumo.

O estudo de Elgeka e Ma, (2020) evidencia que a maneira como os indivíduos estruturam mentalmente seus recursos financeiros pode afetar significativamente a qualidade de suas decisões econômicas. A contabilidade mental, quando aplicada de forma excessivamente rígida, limita a flexibilidade na alocação de recursos entre diferentes categorias financeiras, o que aumenta o risco de erros sistemáticos de julgamento. Essa rigidez compromete a adaptação a imprevistos e dificulta a priorização de objetivos financeiros mais relevantes, comprometendo a eficiência na gestão do dinheiro.

A literatura sobre contabilidade mental revela, portanto, uma dualidade conceitual relevante. De um lado, estudos como os de Bai, (2023) e Mahapatra et al. (2019) associam sua prática a melhores níveis de BEF e planejamento, ao passo que Antonides e Ranyard (2018) destacam seu papel facilitador no autocontrole e na simplificação das decisões. De outro lado, estudos evidenciam que a rigidez na segmentação das contas mentais compromete a

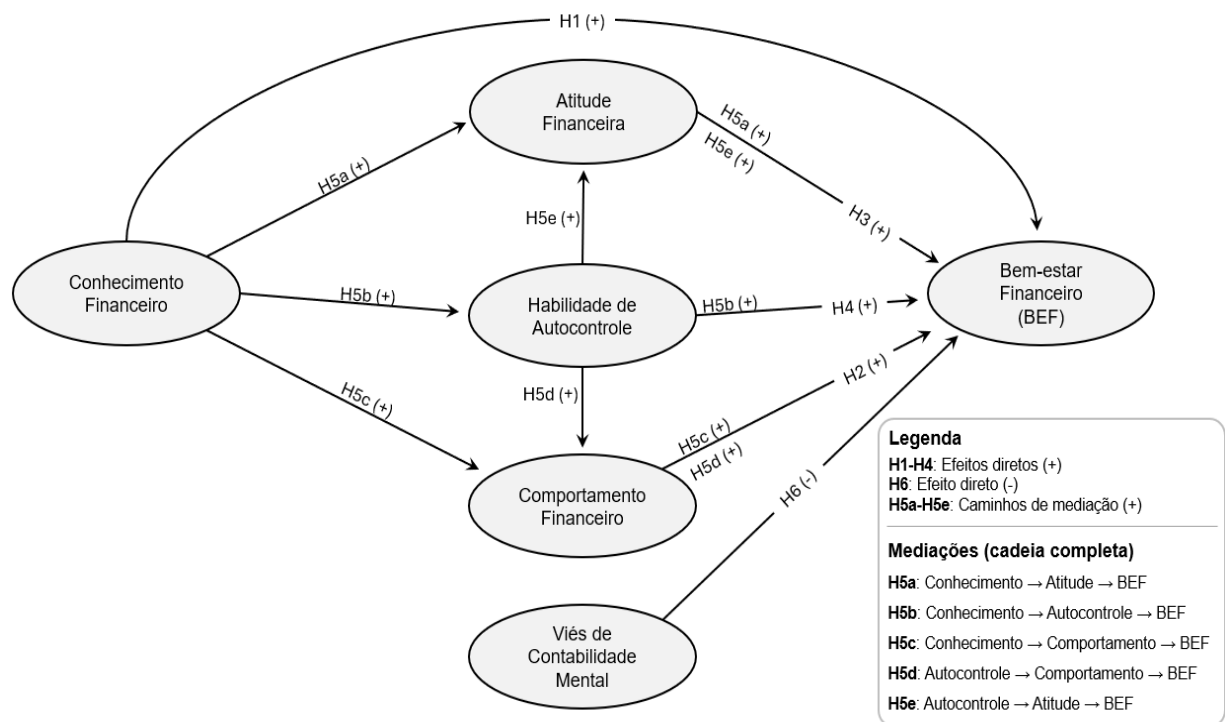
fungibilidade dos recursos, gera erros sistemáticos de julgamento e reduz a eficiência na gestão financeira (Elgeka & Ma, 2020; Heath & Soll, 1996). Essa ambiguidade, longe de enfraquecer o debate, reforça a necessidade de investigar empiricamente a direção desse efeito, particularmente em contextos nos quais a rigidez comportamental pode se sobrepor aos benefícios organizacionais do viés. Diante do exposto, levanta-se a seguinte hipótese:

H6. O viés de contabilidade mental influencia negativamente o bem-estar financeiro.

A investigação do efeito da contabilidade mental sobre o BEF, portanto, constitui contribuição relevante para a compreensão dos mecanismos comportamentais que permeiam as decisões financeiras individuais. Dado que seus efeitos variam conforme o grau de rigidez com que é praticada e as características individuais dos agentes e sua mensuração em contextos específicos.

A partir da revisão teórica e empírica desenvolvida ao longo deste capítulo, formulou-se um conjunto de dez hipóteses que articula os efeitos diretos e mediados dos construtos sobre o BEF. A Figura 1 sintetiza o modelo teórico proposto, no qual o conhecimento financeiro, o comportamento financeiro, a atitude financeira e a habilidade de autocontrole exercem efeitos diretos positivos sobre o BEF (H₁ a H₄), enquanto o viés de contabilidade mental exerce efeito direto negativo (H₆). Adicionalmente, o modelo contempla cinco caminhos de mediação (H_{5a} a H_{5e}), por meio dos quais o conhecimento financeiro e a habilidade de autocontrole influenciam o BEF de forma indireta, mediados pela atitude e pelo comportamento financeiro. O modelo orienta a investigação empírica conduzida nesta pesquisa.

Figura 1 - Modelo estrutural proposto



Fonte: Elaborado pela autora, 2026.

Nota. As linhas contínuas representam os efeitos diretos hipotetizados (H₁ a H₄ e H₆). Os caminhos de mediação (H_{5a} a H_{5e}) são compostos por dois trechos: do antecedente ao mediador e do mediador ao BEF, cujas cadeias completas constam na legenda da figura. O sinal entre parênteses indica a direção esperada da relação (+ positiva; – negativa).

Definido o modelo teórico e o conjunto de hipóteses que orientam esta pesquisa, cabe situá-lo no âmbito da produção empírica recente sobre o tema. A seção seguinte apresenta um panorama dos estudos anteriores que investigaram as relações entre alfabetização financeira, autocontrole, contabilidade mental e BEF, com o propósito de evidenciar as escolhas metodológicas consolidadas na literatura, mapear os principais achados e identificar as lacunas que justificam a contribuição deste trabalho.

2.7 Estudos anteriores

A literatura sobre finanças comportamentais tem se desenvolvido em diferentes frentes teóricas e metodológicas, evidenciando o papel de variáveis como autocontrole, contabilidade mental, alfabetização financeira e BEF nas decisões individuais de consumo e investimento. Com o objetivo de consolidar os principais achados empíricos e oferecer uma visão integrada da produção científica, elaborou-se o quadro a seguir com os principais estudos identificados na revisão de literatura. Esse levantamento destaca autores, objetivos, amostras,

métodos de análise e resultados, permitindo mapear tendências, identificar lacunas e sustentar as escolhas teóricas e metodológicas adotadas no presente trabalho.

Quadro 2- Fundamentação metodológica em estudos anteriores

Autor(es) Ano	Objetivo	Amostra	Método de Análise	Principais Resultados
Shim <i>et al.</i> (2009)	Desenvolver e testar um modelo conceitual dos antecedentes e consequências do BEF em jovens adultos.	781 estudantes universitários de uma universidade pública nos EUA (entre 18 e 24 anos).	Modelagem de Equações Estruturais (SEM) com validação de modelo por AFC.	Valores pessoais, socialização parental e educação formal influenciam conhecimento, atitudes e comportamentos financeiros. Esses fatores afetam o BEF, que por sua vez se relaciona à saúde, satisfação com a vida, desempenho acadêmico e humor.
Antonides, de Groot e van Raaij (2011)	Investigar o papel do orçamento mental no gerenciamento das finanças domésticas e seus determinantes.	4.280 indivíduos adultos na Holanda (amostra nacional representativa).	Regressões com variáveis instrumentais (IV) e análise de componentes principais (PCA) para construção de escalas.	Orçamento mental é comum e positivamente associado a maior controle sobre despesas e melhor gestão financeira. Influenciado por metas de poupança, conhecimento financeiro, orientação temporal e riqueza financeira.
Haws, Bearden e Nenkov (2012)	Desenvolver e validar uma escala de autocontrole de gastos (CSSC) e testar intervenções que melhoram o autocontrole financeiro.	Estudos com adultos e estudantes universitários dos EUA (amostras entre 136 e 224 participantes por estudo).	Análises fatoriais (exploratória e confirmatória), regressão linear e testes experimentais.	CSSC é distinto do autocontrole geral e prevê comportamentos de consumo. Prompts de elaboração de resultados futuros aumentam autocontrole para indivíduos com baixo CSSC.
Strömbäck <i>et al.</i> (2017)	Investigar se autocontrole, otimismo e pensamento deliberado predizem comportamento financeiro e bem-estar financeiro.	2.063 adultos suecos (amostra representativa nacional, 20 a 75 anos).	Regressão linear (OLS) com variáveis de controle demográficas e de letramento financeiro.	Autocontrole previu positivamente comportamento financeiro e bem-estar financeiro (menos ansiedade, mais segurança). Otimismo e pensamento deliberado também mostraram efeitos positivos.
Ponchio, Cordeiro e Gonçalves (2019)	Investigar os efeitos de CSSC, PSO, materialismo, conhecimento financeiro	1.027 consumidores adultos brasileiros de grandes regiões metropolitanas.	Modelagem de Equações Estruturais (SEM) e Análises de Moderação e	Comportamento e atitudes (CSSC, PSO, TP) influenciam mais o BEF do que conhecimento

	e perspectiva temporal sobre o BEF percebido.		Mediação com PROCESS.	financeiro. CSSC mediou e TP moderou a relação entre materialismo e estresse financeiro.
Vieira, Bressan e Fraga (2021)	1) Mensurar o nível de bem-estar financeiro dos beneficiários do PMCMV; 2) Testar a hipótese de que a alfabetização financeira é um antecedente do BEF.	561 beneficiários do Minha Casa Minha Vida, residentes no RS.	Estatística descritiva, análise fatorial confirmatória e regressão linear múltipla.	A alfabetização financeira (comportamento, atitude e conhecimento) tem impacto positivo e significativo no BEF; renda tem impacto positivo, e ter dependentes tem impacto negativo.
Mahapatra, Raveendran e Mishra (2022)	Investigar o papel da contabilidade mental como mediadora entre cognição financeira e planejamento financeiro pessoal.	310 indivíduos indianos economicamente ativos, com renda própria e residentes em diversas regiões do país.	Modelagem de Equações Estruturais (PLS-SEM) com análise de mediação (Sobel Test e bootstrapping).	Cognição financeira tem influência significativa no planejamento financeiro pessoal; contabilidade mental exerce mediação parcial nesse relacionamento.
Ponchio, Rohden e Mette (2022)	Investigar como o BEF percebido influencia o bem-estar psicológico, considerando a moderação da perda de renda durante a pandemia.	959 brasileiros adultos, residentes em capitais, com idades entre 25 e 45 anos.	Modelagem de Equações Estruturais (WLSMV) com moderação (PROCESS Macro).	A segurança financeira futura é o melhor preditor do bem-estar psicológico; o estresse com o gerenciamento financeiro atual afeta negativamente o bem-estar psicológico. A perda de renda modera a relação entre as variáveis.
Bai (2023)	Investigar o impacto da alfabetização financeira, contabilidade mental e autocontrole no bem-estar financeiro, com mediação das decisões de investimento.	449 estudantes universitários chineses (amostragem por conveniência).	Modelagem de Equações Estruturais via PLS-SEM.	Todos os fatores cognitivos investigados influenciam positivamente o bem-estar financeiro, com efeito de mediação parcial exercido pelo comportamento de decisão de investimento.
Du Plessis, Jordaan e Van der Westhuizen (2024)	Explorar o papel do autocontrole de gastos na relação entre necessidades psicológicas (satisfação/frustração) e bem-estar financeiro.	608 consumidores sul-africanos ativos no crédito, empregados ou autônomos, acima de 18 anos.	Modelagem de Equações Estruturais baseada em covariância (CB-SEM) e mediação com PROCESS Macro.	Satisfação das necessidades psicológicas afeta positivamente o BEF e CSSC. CSSC medeia parcialmente essa relação. Frustração das necessidades tem efeito negativo fraco e não significativo sobre CSSC e BEF.

Fonte: Elaborado pela autora, 2026.

A revisão dos estudos anteriores revela um avanço significativo nas investigações sobre o comportamento financeiro, com ênfase em fatores como alfabetização financeira, contabilidade mental, autocontrole e BEF. Esses trabalhos contribuíram para o entendimento de como aspectos cognitivos e emocionais influenciam a forma como os indivíduos lidam com o dinheiro em diferentes contextos. No entanto, ainda permanecem lacunas importantes, especialmente no que diz respeito à aplicação desses conceitos em públicos mais amplos e em realidades sociais diversas assim como as investigações utilizando os vieses. Nesse sentido, o presente estudo busca aprofundar essa discussão e ampliar a compreensão sobre essas relações. A seção seguinte aborda a metodologia adotada na pesquisa para buscar o objetivo proposto.

3. METODOLOGIA

Nesta seção, são apresentados os procedimentos metodológicos. Para o desenvolvimento, são descritos a caracterização da pesquisa, a população e a amostra, os procedimentos associados à construção e mensuração dos modelos, a estratégia de coleta de dados, e os procedimentos de validação, com ênfase na Modelagem de Equações Estruturais.

Diante do objetivo de pesquisa apresentado neste estudo, a pesquisa caracteriza-se por ser de natureza básica, considerada quantitativa, com abordagem descritiva e explicativa. A pesquisa de natureza básica volta-se à produção de conhecimento científico de alcance geral, sem finalidade de aplicação prática imediata (Prodanov & Freitas, 2013). No presente estudo, busca-se compreender os determinantes do BEF mediante a formulação e o teste de hipóteses derivadas do referencial teórico, sendo o produto técnico um desdobramento dos achados, e não a finalidade que orienta a investigação. A pesquisa quantitativa é o método de pesquisa mais frequentemente usado e o BEF é quantificado principalmente usando medidas subjetivas (Bashir & Qureshi, 2023). No que diz respeito às pesquisas quantitativas, os autores afirmam que esse tipo de investigação converte opiniões e informações em números, utilizando recursos estatísticos para a mensuração dos dados. A pesquisa quantitativa possibilita a formulação de hipóteses com base no referencial teórico escolhido, seguida da coleta, organização e aplicação de testes estatísticos aos dados.

O estudo analisa clientes associados a uma cooperativa de crédito da região do Centro- Oeste de Minas Gerais, através do método de pesquisa do tipo *survey*. As pesquisas do tipo *survey* caracterizam-se pela coleta de dados de uma amostra extraída de uma população de interesse do pesquisador, utilizando um questionário estruturado (Mineiro, 2020). Esse tipo de

levantamento é muito útil para o desenvolvimento de pesquisas exploratórias e descritivas, garantindo o sigilo dos respondentes, que não são identificáveis. Justifica-se a escolha desta amostragem não probabilística por acessibilidade por conveniência da pesquisadora, para Mineiro (2020) na amostragem por conveniência, a escolha dos participantes é feita pelo pesquisador e se restringe a indivíduos que demonstram interesse em participar da pesquisa, sem a aplicação de critérios de seleção definidos previamente. Outra justificativa é por abordar o cenário microeconômico de uma região do Brasil, visto que devido ao tempo disponível para elaboração e desenvolvimento da pesquisa não será possível fazer um levantamento de âmbito nacional, assim como mencionado por Bashir e Qureshi (2023).

Em relação ao objetivo de pesquisa proposta, o estudo pode ser classificado como explicativo e descritivo. De acordo com os autores Teixeira et al. (2013) as pesquisas explicativas visam analisar as causas ou consequências de fenômenos ou temas determinados, explicando, de forma que identifique quais fatores que determinam ou contribuem para a ocorrência dos fenômenos. Enquanto a pesquisa descritiva observa e descreve as características de um evento por meio de registro, análise e correlação entre os fatos ou variáveis sem sua manipulação, trabalhando com dados da própria realidade. Em complemento, abrange a utilização de questionários para a coleta de informações e observações sistemáticas como métodos padronizados.

3.1 Estratégia de coleta de dados

Para a coleta de dados a utilização de *surveys*, abordando uma amostragem não probabilística por acessibilidade. O procedimento para aplicação do questionário da pesquisa ocorre por meio de plataformas *online*.

Segundo Faleiros et al. (2016) as abordagens tradicionais comumente utilizadas em pesquisas de coleta de dados, como entrevistas presenciais, telefonemas e questionários impressos, apresentam limitações significativas. Essas metodologias, além de nem sempre gerarem resultados rápidos, muitas vezes não são economicamente viáveis. Além disso, essa abordagem não acompanha a dinâmica tecnológica que tem se tornado tendência na atualidade. Diante desse cenário, atualizar as estratégias de coleta de dados para que se adequem às novas exigências do mercado e às inovações tecnológicas se faz necessário.

A população alvo do estudo é composta por associados de uma cooperativa de crédito localizada no Centro-Oeste de Minas Gerais. Os critérios de inclusão estabelecem a

participação de indivíduos maiores de 18 anos, que possuam vínculo ativo com a cooperativa, seja por meio de conta corrente, poupança ou outro produto financeiro. Foram convidados todos os cooperados que atendam a esses requisitos e que tinham acesso aos canais digitais da instituição utilizados para divulgação da pesquisa. Os critérios de exclusão referem-se a subconjuntos da população incluída que, embora se enquadrem nas condições anteriores, não apresentam condições de participar adequadamente da pesquisa. Assim, foram excluídos os menores de idade e indivíduos com dificuldades que impossibilitem a leitura ou o preenchimento autônomo do questionário eletrônico.

O acesso aos participantes ocorreu mediante parceria com a instituição coparticipante e através da pesquisadora que é colaboradora na mesma instituição, que autorizou a divulgação do questionário eletrônico por meio dos canais de comunicação oficiais da cooperativa (*WhatsApp*, *e-mail* e redes sociais), além da fixação de QR Codes nas agências físicas, permitindo que os cooperados interessados acessassem o instrumento diretamente.

A coleta de dados ocorreu de forma remota, via *Google Forms*. O estudo foi submetido à apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa, incluindo o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e o instrumento de coleta de dados, sendo aprovado sob o CAAE nº 92502325.2.0000.0293. O tempo médio de resposta ao questionário é de aproximadamente 10 a 12 minutos. A amostra é não probabilística e definida por conveniência. Para verificar a adequação do tamanho amostral ao método PLS-SEM, adotou-se o critério da raiz quadrada inversa, proposto por Kock e Hadaya (2018) e recomendado pelos autores como o procedimento mais preciso e de mais simples aplicação para pesquisadores não especialistas em metodologia.

O método estima o número mínimo de respondentes necessário para que os coeficientes de caminho do modelo sejam detectados com poder estatístico de 80%, por meio da expressão $n_{min} > (2,486/\beta_{min})^2$, em que 2,486 corresponde à constante associada ao nível de significância de 5% e β_{min} representa o menor coeficiente de caminho esperado no modelo. Os autores Kock e Hadaya (2018) estabelecem que, na ausência de estimativas prévias dos coeficientes, o valor de referência geral recomendado é de 160 respondentes. Adotando-se o valor conservador de $\beta_{min} = 0,20$, amplamente utilizado na literatura de finanças comportamentais, o cálculo resulta em $(2,486/0,20)^2 = 154,50$, arredondado para 155 respondentes. A amostra desta pesquisa, composta por 318 respondentes, supera tanto o limiar calculado 155 quanto o referencial geral proposto pelos autores 160, conferindo ao estudo adequada potência estatística para detectar os efeitos hipotetizados.

Na próxima seção será apresentado o instrumento utilizado para a coleta de dados da pesquisa.

3.2 Instrumento

Para compor o instrumento de pesquisa e capturar as especificidades da realidade dos associados, foram integradas questões elaboradas pela autora, detalhadas no Quadro 2, com o intuito de mapear a demanda por serviços e os comportamentos declarados dos associados. A inclusão dessas perguntas fundamenta-se na necessidade de compreender não apenas o conhecimento técnico, mas a autoeficácia financeira dos indivíduos, definida como o julgamento pessoal sobre quão bem se pode lidar com situações financeiras (Xiao et al., 2014). Assim, ao investigar a percepção de capacidade, a frequência de busca por auxílio e os temas de interesse para orientação, buscou-se alinhar a análise do BEF às necessidades práticas de gestão orçamentária e investimentos dos cooperados.

Nos quadros que compõem esta seção, a primeira coluna apresenta o código atribuído a cada variável. A codificação vincula cada item ao construto correspondente, permitindo sua identificação precisa no tratamento estatístico dos dados, assim como será apresentado nos resultados.

Quadro 3 - Questões de comportamentos e demandas dos associados

Código	Questões	Opções de respostas
CAP	Você se considera capaz de entender informações sobre produtos financeiros, como empréstimos ou investimentos?	Discordo totalmente Discordo Nem concordo e nem discordo Concordo Concordo totalmente
FREQ	Com que frequência você busca informações ou tira dúvidas sobre finanças pessoais?	Sempre Frequentemente Às vezes Raramente Nunca
ORI	Que tipo de orientação financeira você gostaria de receber da cooperativa?	Dicas de economia e controle de gastos Informações sobre investimentos Orientação sobre crédito e empréstimos Planejamento para aposentadoria Orientação para organização do orçamento Ajuda para sair de dívidas Nenhuma

Fonte: Elaborada pela autora, 2026.

A fim de contextualizar a amostra investigada e caracterizar os participantes da pesquisa, apresenta-se o instrumento utilizado para identificar o perfil sociodemográfico dos respondentes. Esse conjunto de informações possibilita compreender quem são os indivíduos que compõem o estudo, bem como identificar características que podem influenciar suas percepções e comportamentos financeiros. Assim, o quadro a seguir reúne variáveis referentes a idade, gênero, escolaridade, estado civil, renda e demais elementos relevantes para a análise. A descrição desses dados segue a lógica metodológica adotada por Vieira et al. (2021), permitindo uma visualização organizada e objetiva do perfil dos participantes.

Quadro 4 - Perfil dos respondentes

Variáveis	Opções de respostas
1. Qual é a sua idade (faixa etária)?	De 18 a 28 anos De 29 a 39 anos De 40 a 50 anos De 51 a 60 anos Igual ou superior a 61 anos
2. Indique o gênero (sexo) no qual você se identifica:	Feminino Masculino Outros Prefiro não responder
3. Qual é o seu estado civil?	Casado (a) Solteiro (a) Viúvo (a) Separado (a) Outros
4. Possui dependentes?	Sim Não
5. Qual é o seu nível de escolaridade?	Sem instrução Ensino fundamental incompleto Ensino fundamental completo Ensino médio incompleto Ensino médio completo Ensino superior incompleto Ensino superior completo Pós-graduação. Especialização, mestrado ou doutorado. Outros
6. Qual é a sua renda mensal individual, considerando todos os seus trabalhos e outras fontes de rendimento?	Nenhum rendimento – Não possuo renda. Até 1 salário-mínimo – Até R\$ 1.518,00. De 1 a 2 salários-mínimos – Entre R\$ 1.518,01 e R\$ 3.036,00. De 2 a 3 salários-mínimos – Entre R\$ 3.036,01 e R\$ 4.554,00. De 3 a 5 salários-mínimos – Entre R\$ 4.555,00 e R\$ 7.590,00. De 5 a 10 salários-mínimos - Entre R\$ 7.591,00 e R\$ 15.180,00. Mais de 10 salários-mínimos - Acima de R\$ 15.181,00

Não sei dizer ou prefiro não dizer.

Fonte: Adaptado de VIEIRA; BRESSAN E FRAGA, (2021).

Para mensurar o BEF o instrumento aplicado no estudo de Vieira et al. (2021) foi adotado. Nessa proposta, o segundo bloco de questões, apresenta a escala de BEF, cujas questões foram traduzidas do instrumento proposta pelo CFPB (2015). A primeira parte deste bloco reúne itens voltados à avaliação da capacidade do indivíduo de administrar situações financeiras do cotidiano, investigando aspectos como a habilidade de enfrentar gastos inesperados, o preparo para o futuro, a percepção sobre a possibilidade de alcançar seus objetivos e a sensação de bem-estar proporcionada pela forma como lida com o próprio dinheiro.

Quadro 5 - Construto Bem-Estar Financeiro (Parte 1)

Código	Variáveis	Opções de respostas
BEF1	7. Você poderia lidar com uma grande despesa inesperada. *	O quanto a afirmação descreve sua situação financeira: Completamente; muito bem; Um pouco; muito pouco; de modo nenhum.
BEF2	8. Você está garantindo seu futuro financeiro. *	
BEF3	9. Por causa da sua situação financeira, você sente que nunca terá as coisas que quer na vida.	
BEF 4	10. Você pode aproveitar a vida devido à maneira como está administrando seu dinheiro. *	
BEF5	11. Você está apenas sobrevivendo financeiramente.	
BEF6	12. Você está preocupado(a) que o dinheiro que tem ou terá economizado pode não ser suficiente.	

Fonte: Adaptado de VIEIRA; BRESSAN E FRAGA (2021).

Escala invertida *

Já a segunda parte contempla questões que buscam identificar práticas financeiras mais imediatas, tais como a capacidade de poupança, a presença de dificuldades financeiras diante de imprevistos, o cumprimento das obrigações mensais e o grau em que as finanças influenciam ou limitam sua rotina.

Quadro 6 - Construto bem-estar financeiro (Parte 2)

Código	Variáveis	Opções de respostas
BEF7	13. Dar um presente de casamento, aniversário ou outra ocasião colocaria em dificuldade suas finanças do mês.	Sempre; frequentemente; às vezes; raramente; nunca.
BEF8	14. Você tem dinheiro sobrando no final do mês. *	
BEF9	15. Você não está em dia com as suas finanças.	
BEF10	16. Suas finanças controlam sua vida.	

Fonte: Adaptado de VIEIRA; BRESSAN E FRAGA, (2021).

Escala invertida *

As questões apresentadas finalizam o instrumento utilizado para mensuração do BEF. O próximo instrumento a ser apresentado refere-se ao autocontrole.

O estudo de Tangney et al. (2004) teve como objetivo central investigar a importância do autocontrole como um fator preditivo de ajuste, sucesso e bem-estar em diversas áreas da vida. Para tanto, os autores desenvolveram uma escala para medir o autocontrole como uma característica de personalidade geral e realizaram dois grandes estudos com estudantes universitários. Os resultados demonstraram que indivíduos com maior autocontrole apresentavam melhor desempenho acadêmico, maior ajuste psicológico (menores níveis de psicopatologia e maior autoestima), maior controle de impulsos (menor envolvimento em comportamentos como compulsão alimentar e abuso de álcool) e relacionamentos interpessoais mais saudáveis. Esses achados destacaram a importância do autocontrole como um recurso pessoal valioso para o sucesso e o bem-estar em múltiplos domínios.

Haws et al. (2012) tiveram como objetivo investigar como o autocontrole de gastos do consumidor (CSSC) e os estímulos de elaboração de resultados (*prompts*), afetam as decisões financeiras. Reconhecendo que o autocontrole, embora importante, pode se manifestar de forma diferente em domínios específicos, os autores justificaram a adaptação da escala de autocontrole geral de Tangney et al. (2004) para o contexto financeiro. Essa adaptação permitiu a criação de uma medida de CSSC mais precisa e relevante para o estudo de decisões de gastos. Os resultados demonstraram que consumidores com baixo CSSC são mais propensos a fazer compras por impulso e a pagar mais por produtos, e que os *prompts* de elaboração de resultados podem melhorar o autocontrole de gastos para esse grupo. Esses achados destacaram a importância de considerar o autocontrole em um contexto específico e de desenvolver intervenções que visem promover o autocontrole de gastos.

No Brasil, os autores Ponchio et al. (2019) investigaram o impacto de fatores pessoais, incluindo o CSSC, no BEF percebido de consumidores brasileiros. Reconhecendo a importância da validade cultural das medidas, os autores justificaram a adaptação da escala de CSSC de Haws et al. (2012) para o contexto brasileiro. Essa adaptação permitiu garantir que a medida fosse culturalmente apropriada e relevante para a população estudada, considerando as características culturais e econômicas do Brasil. Os resultados demonstraram que o CSSC, juntamente com outros fatores pessoais, como a orientação para poupança, o materialismo e a perspectiva de tempo, desempenha um papel importante no BEF percebido dos consumidores brasileiros.

A pesquisa de Ponchio et al. (2019) realizou um pré-teste com os dez itens da escala de Haws et al. (2012) em uma amostra de 90 adultos. As análises fatoriais confirmatórias revelaram que uma versão de quatro itens da escala era mais robusta em estabelecer a unidimensionalidade do construto CSSC. Para reduzir a quantidade de questões do questionário e torná-lo mais agradável aos respondentes sem perder qualidade nas informações adquiridas, e pelo instrumento já ter sido validado no Brasil, este estudo adotou a versão encurtada de quatro itens de Ponchio et al., (2019):

Quadro 7 - Escala de autocontrole dos gastos do consumidor de Haws *et al.* (2012) adaptada por (Ponchio et al., 2019)

Código	Itens	Opções de respostas
HA1	17. Considero cuidadosamente as consequências das minhas decisões de compras antes de gastar.	1 Discordo totalmente. 2 Discordo. 3 Nem concordo e nem discordo. 4 Concordo. 5 Concordo totalmente.
HA2	18. Consigo seguir metas financeiras em longo prazo.	
HA3	19. Consigo resistir a tentações para alcançar meus objetivos orçamentários.	
HA4	20. Eu sei quando “dizer chega” em relação aos meus gastos.	

Fonte: HAWS, BEARDEN E NENKOV (2012) validado no Brasil por PONCHIO, CORDEIRO e GONÇALVES (2019).

A escala CSSC mensura a habilidade de autocontrole de gastos: maior concordância com os itens indica maior capacidade de gerenciar impulsos, seguir metas financeiras e resistir a tentações de consumo. No entanto, conforme discutido na seção 2.5, quando essa habilidade falha, ela se manifesta como o viés de autocontrole, caracterizado pela tendência de priorizar a gratificação imediata em detrimento do planejamento financeiro de longo prazo (Pompian, 2012). Portanto, neste estudo a escala CSSC é utilizada como *proxy* invertida do viés: escores mais altos indicam menor presença do viés; escores mais baixos indicam maior presença do viés. Essa operacionalização apoia-se na validação da escala no contexto brasileiro realizada por Ponchio et al. (2019), que confirmaram a adequação psicométrica do instrumento e sua capacidade preditiva sobre o BEF de consumidores adultos no Brasil.

Para fundamentar a investigação sobre contabilidade mental, este estudo apoia-se no trabalho de Muehlbacher e Kirchler (2019), que demonstram empiricamente a adequação de escalas *Likert* para mensurar diferenças individuais nesse domínio, evidenciando estrutura fatorial unidimensional estável e níveis consistentes de confiabilidade psicométrica. Os autores também destacam que, apesar de subutilizados na literatura, instrumentos de *survey* constituem uma estratégia metodológica eficiente para acessar amostras amplas e heterogêneas, além de

permitir a mensuração direta de disposições cognitivas e psicológicas que influenciam o comportamento financeiro.

Quadro 8 - Construto contabilidade mental

Código	Itens	Opções de respostas
CM1	21. É importante para mim acompanhar minhas movimentações financeiras com precisão.	Discordo totalmente, Discordo, Nem concordo e nem discordo, Concordo, Concordo totalmente.
CM2	22. Eu costumo registrar meus ganhos e despesas, seja anotando em caderno, planilha, aplicativo ou de qualquer outra forma.	
CM3	23. Eu saberia dizer, pelo menos aproximadamente, quanto gastei neste mês.	
CM4	24. Eu separo meus gastos em diferentes categorias (como, por exemplo, alimentação, lazer, educação etc.).	
CM5	25. De modo geral, sou uma pessoa bem-organizada com relação ao meu dinheiro.	

Fonte: Adaptado de Muehlbacher e Kirchler (2019).

O instrumento é composto por cinco itens destinados a captar a tendência dos indivíduos a organizar, acompanhar e categorizar suas atividades financeiras. No estudo original de Muehlbacher e Kirchler (2019), os itens foram respondidos em escala do tipo *Likert* de sete pontos; nesta pesquisa, optou-se pela adaptação para uma escala *Likert* de cinco pontos, variando de 1 = discordo totalmente a 5 = concordo totalmente. Os itens avaliam aspectos como o acompanhamento das atividades financeiras, o registro de receitas e despesas, a percepção dos gastos realizados, a classificação das despesas em categorias e a autopercepção de organização. Para mensuração do construto, considera-se a média das respostas aos cinco itens, de modo que escores mais elevados indicam maior tendência à utilização de práticas de contabilidade mental.

O último bloco de questões é adotado do estudo de Vieira et al. (2021) onde constam as três dimensões da alfabetização financeira (comportamento financeiro, atitude financeira e conhecimento financeiro), cruciais para fazer escolhas financeiras bem-informadas. Os objetivos da adoção do questionário são: **a.** avaliar o comportamento financeiro dos indivíduos, especificamente se suas ações tendem a proteger ou comprometer seus recursos financeiros **b.** avaliar o julgamento do indivíduo sobre sua gestão financeira e **c.** avaliar a compreensão sobre conceitos financeiros básicos.

O instrumento emprega, para comportamento financeiro e atitude financeira, uma escala do tipo *Likert*, onde a concordância com as afirmações indica atitudes financeiras mais positivas. O conhecimento financeiro foi avaliado apresentando aos entrevistados perguntas de múltipla escolha, cada uma com apenas uma resposta correta. A seguir será apresentado os questionários do trabalho de Vieira et al. (2021) adotados nesta pesquisa.

Quadro 9 - Construtos, questões e escalas do instrumento.

Código	Questões: Comportamento financeiro	Escala
COMPF1	26. Você anota e controla os seus gastos pessoais (ex.: planilha de receitas e despesas mensais).	Nunca, quase nunca, às vezes, quase sempre, sempre
COMPF2	27. Você compara preços ao fazer uma compra.	
COMPF3	28. Você tem um plano de gastos/orçamento.	
COMPF4	29. Você paga suas contas em dia.	
COMPF5	30. Você analisa suas contas antes de fazer uma compra de alto valor.	
COMPF6	31. Você passa a poupar mais quando recebe um aumento de salário.	
COMPF7	32. Você faz uma reserva do dinheiro que recebe mensalmente para uma necessidade futura.	
COMPF8	33. Você guarda parte da sua renda todo o mês	
COMPF9	34. Você guarda dinheiro regularmente para atingir objetivos financeiros de longo prazo como, por exemplo, educação dos seus filhos, aquisição de uma casa, aposentadoria	
	Questões: Atitude financeira	Escala
ATF1	35. Para você é importante definir metas para o futuro.	Discordo totalmente, discordo, indiferente, concordo, concordo totalmente
ATF2	36. Você acredita que a maneira como administra o seu dinheiro vai afetar o seu futuro.	
ATF3	37. Você não se preocupa com o futuro, vive apenas o presente. *	
ATF4	38. Poupar é impossível para mim. *	
ATF5	39. Depois de tomar uma decisão sobre dinheiro, você se preocupa muito com a sua decisão. *	
ATF6	40. É difícil para mim construir um planejamento de gastos. *	
ATF7	41. Você considera mais satisfatório gastar dinheiro do que poupar para o futuro. *	
ATF8	42. Para você o dinheiro é feito para gastar. *	

Fonte: Adaptado de VIEIRA; BRESSAN E FRAGA, (2021).

Escalas invertidas *

Quadro 10 - Questões e alternativas para o conhecimento financeiro.

Questões	Alternativas
43. Suponha que você tenha R\$ 100,00 em uma conta poupança a uma taxa de juros composto de 10% ao ano. Depois de 5 anos, qual o valor você terá na poupança? Considere que não tenha sido depositado nem retirado dinheiro.	Mais do que R\$ 150,00. * Exatamente R\$ 150,00. Menos do que R\$ 150,00. Não sabe.
44. Suponha que em 2027 sua renda dobrará e os preços de todos os bens também dobrarão. Em 2027, o quanto você será capaz de comprar com a sua renda?	Mais do que hoje. Exatamente o mesmo. * Menos do que hoje. Não sabe.
45. Considerando-se um longo período (ex.: 10 anos), qual ativo, normalmente, oferece maior retorno?	Poupança. Ações. * Não sabe.
46. Imagine que cinco amigos recebem uma doação de R\$ 1.000,00 e precisam dividir o dinheiro igualmente entre eles. Quanto cada um vai ganhar?	R\$ 100,00 R\$ 200,00* R\$ 1.000,00 R\$ 5.000,00 Não sabe.
47. Um investimento com alta taxa de retorno terá alta taxa de risco. Essa afirmação é:	Verdadeira. * Falsa. Não sabe.
48. Um empréstimo com duração de 15 anos normalmente exige pagamentos mensais maiores do	Verdadeira. * Falsa.

que um empréstimo de 30 anos, mas o total de juros pagos ao final do empréstimo será menor. Essa afirmação é:	Não sabe.
49. Suponha que você viu o mesmo televisor em duas lojas diferentes pelo preço inicial de R\$ 1.000,00. A loja “A” oferece um desconto de R\$ 150,00, enquanto a loja “B” oferece um desconto de 10%. Qual é a melhor alternativa?	Comprar na loja A.* Comprar na loja B. Não sabe.
50. Suponha que você realizou um empréstimo de R\$ 10.000,00 para ser pago após um ano e o custo com os juros é R\$ 600,00. A taxa de juros que você irá pagar nesse empréstimo é de:	0,3% a.a. 0,6% a.a. 3% a.a. 6% a.a.*

Fonte: Adaptado de VIEIRA; BRESSAN e FRAGA, (2021).

Nota: as oito questões objetivas foram somadas (1 ponto por acerto, 0 por erro), resultando no indicador SCORE_CF, utilizado como medida única do conhecimento financeiro no modelo estrutural.

* Resposta correta em negrito.

Este estudo utiliza as escalas por Vieira et al. (2021) como uma estrutura metodológica. A pesquisa oferece três escalas distintas, cada uma apresentando itens de vários níveis de dificuldade (básico, intermediário e avançado), permitindo uma avaliação diferenciada adaptada a objetivos específicos de pesquisa. A adaptabilidade e o rigor psicométrico dessas escalas são fundamentais para fornecer dados robustos e confiáveis para análise. A seleção da escala mais adequada é justificada com base nos objetivos e escopo específicos da pesquisa.

3.3 Técnicas de análise.

A análise multivariada pode ser entendida como a investigação de variáveis em uma única relação ou em um conjunto de relações. É fundamental ressaltar o conceito de variável, que se refere a qualquer elemento que pode variar. Esse componente é dinâmico, sujeito a mudanças e representa aspectos que nem sempre estão claramente definidos dentro de um conjunto. Ele pode ser incorporado em equações ou fórmulas, estar presente em proposições, e pode ser tanto quantitativo quanto qualitativo ampliando a sua diversidade. Para o pesquisador, a identificação adequada dessas variáveis é de suma importância para o sucesso da pesquisa (Machado & Campos, 2023).

No que se refere às análises de BEF, para a utilização das técnicas estatísticas propostas foi necessário aplicar a metodologia apresentada pelo CFPB, (2015), a fim de calcular a pontuação de BEF atribuída a cada respondente, metodologia utilizada no trabalho de Vieira et al. (2021). Assim, para cada alternativa de resposta foi atribuída uma nota. Na primeira parte, nas questões 7, 8 e 10, as alternativas de resposta equivalem a: completamente = 4, muito bem = 3, um pouco = 2, muito pouco = 1 e de modo nenhum = 0. Nas questões 9,

11 e 12 as alternativas de resposta correspondem à seguinte pontuação: completamente = 0, muito bem = 1, um pouco = 2, muito pouco = 3 e de modo nenhum = 4.

No segundo bloco de questões relacionadas ao BEF, nas questões 13, 15 e 16, as alternativas equivalem a: sempre = 0, frequentemente = 1, às vezes = 2, raramente = 3 e nunca = 4. Para a questão 14, adota-se a pontuação: sempre = 4, frequentemente = 3, às vezes = 2, raramente = 1 e nunca = 0. A partir da soma da pontuação de todas as variáveis, obtém-se a pontuação total que varia de 0 a 40, o número obtido foi convertido em uma pontuação da escala de BEF do CFPB (2015), cuja interpretação indica que, quanto maior for a nota, maior será o BEF.

Além da metodologia mencionada, utiliza-se a Modelagem de Equações Estruturais (SEM), recorrentemente empregada em estudos que investigam relações entre alfabetização financeira, autocontrole, contabilidade mental e BEF (Bai, 2023; Du Plessis et al., 2024; Mahapatra et al., 2022; Ponchio et al., 2019, 2022; Shim et al., 2009), por sua capacidade de testar simultaneamente múltiplas relações causais entre construtos latentes. A abordagem *Partial Least Squares* (PLS-SEM), conforme discutido por Hair et al. (2011), é especialmente apropriada para contextos exploratórios e preditivos, nos quais o objetivo é maximizar a variância explicada das variáveis dependentes.

Tal abordagem é compatível com os objetivos desta pesquisa, que envolve construtos de natureza comportamental e psicológica, frequentemente não diretamente observáveis. Além disso, o PLS-SEM apresenta vantagens como maior flexibilidade quanto à normalidade dos dados, exigência amostral reduzida e adequação a modelos complexos, o que o torna uma ferramenta metodológica robusta para análises aplicadas em finanças comportamentais (Hair et al., 2011).

As análises foram conduzidas no ambiente R (R Core Team, 2025), por meio do pacote *semnr* (Ray et al., 2026), com a significância dos coeficientes avaliada por *bootstrapping* com 10.000 reamostragens e a capacidade preditiva estimada pelo procedimento PLSpredict.

Com base no modelo teórico proposto e nas técnicas de análise adotadas, o Quadro 11 sintetiza as hipóteses da pesquisa, apresentando as relações esperadas entre os construtos investigados. Essa sistematização permite visualizar os caminhos diretos e indiretos a serem testados por meio da PLS-SEM, especialmente no que se refere à influência da alfabetização financeira, do autocontrole, da contabilidade mental, da atitude e do comportamento financeiro sobre o bem-estar financeiro.

Quadro 11 - Relações esperadas no modelo SEM

Relação Causal	Sinal Esperado	Hipótese	Referências
Conhecimento financeiro → BEF	Positivo (+)	H1	(Chu et al., 2017; Lusardi & Mitchell, 2014; Vieira et al., 2021)
Comportamento financeiro → BEF	Positivo (+)	H2	(Bai, 2023; Mende & van Doorn, 2015; Vieira et al., 2021)
Atitude financeira → BEF	Positivo (+)	H3	(Drever et al., 2015; OECD, 2023; Shim et al., 2009)
Habilidade de autocontrole → BEF	Positivo (+)	H4	(Bai, 2023; Haws et al., 2012; Ponchio et al., 2019; Strömbäck et al., 2017)
Conhecimento financeiro → Atitude financeira → BEF	Positivo (+)	H5a	(Joo & Grable, 2004; Lusardi & Mitchell, 2014; OECD, 2023)
Conhecimento financeiro → Habilidade de autocontrole → BEF	Positivo (+)	H5b	(Bai, 2023; Hamid, 2025)
Conhecimento financeiro → Comportamento financeiro → BEF	Positivo (+)	H5c	(Chu et al., 2017; Mende & van Doorn, 2015; Riitsalu & Murakas, 2019; Xiao et al., 2014; Younas et al., 2019)
Habilidade de autocontrole → Comportamento financeiro → BEF	Positivo (+)	H5d	(Bai, 2023; de Ridder et al., 2012; Stromback et al., 2017; Younas et al., 2019)
Habilidade de autocontrole → Atitude financeira → BEF	Positivo (+)	H5e	(Stromback et al., 2017)
Viés de contabilidade mental → BEF	Negativo (-)	H6	(Abeler & Marklein, 2008; Elgeka & Ma, 2020; Heath, 1995; Zhang & Sussman, 2018)

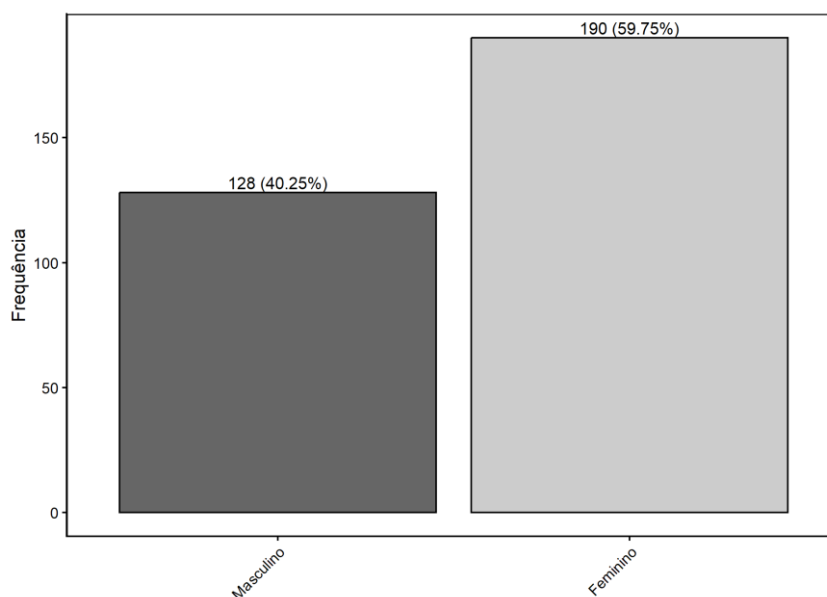
Fonte: Elaborado pela autora (2026).

4. ANÁLISE DOS RESULTADOS

4.1 Perfil da amostra

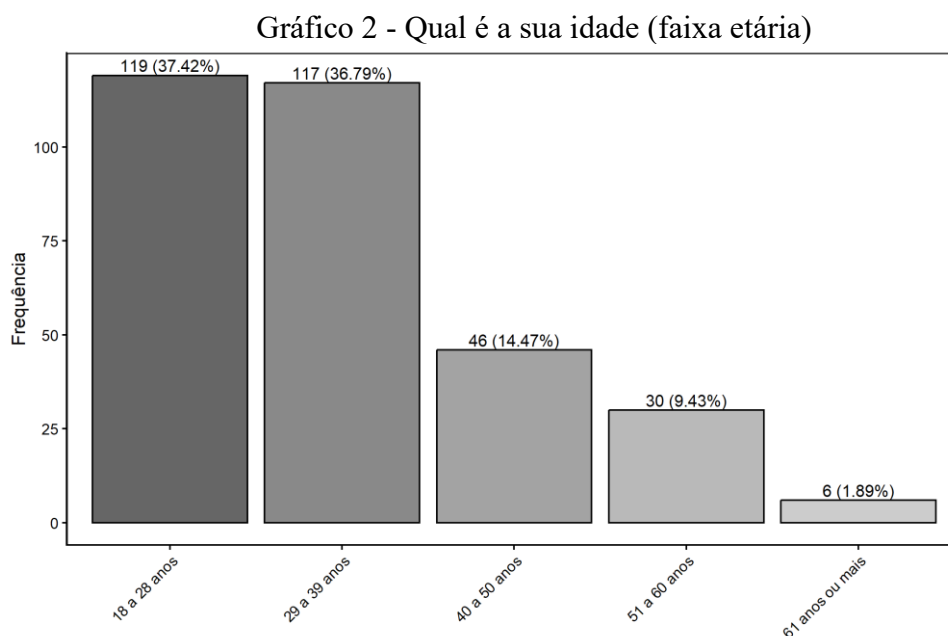
A amostra foi composta por 318 associados a uma cooperativa de crédito da região Centro-Oeste, provenientes de diferentes municípios. Observou-se predominância do sexo feminino, com 190 respondentes (59,75%), enquanto 128 (40,25%) declararam-se do sexo masculino, conforme é apresentado no gráfico 1:

Gráfico 1 - Indique o gênero (sexo) no qual você se identifica.



Fonte: Elaborado pela autora, 2026.

Referente à faixa etária, a amostra caracteriza-se por ser majoritariamente jovem: 74,21% dos participantes possuem menos de 40 anos, com uma divisão equilibrada entre o grupo de 18 a 28 anos (37,42%) e o de 29 a 39 anos (36,79%). As demais faixas etárias apresentaram menor participação: 40 a 50 anos, com 46 participantes (14,47%); 51 a 60 anos, com 30 respondentes (9,43%); e 61 anos ou mais, com 6 respondentes (1,89%).

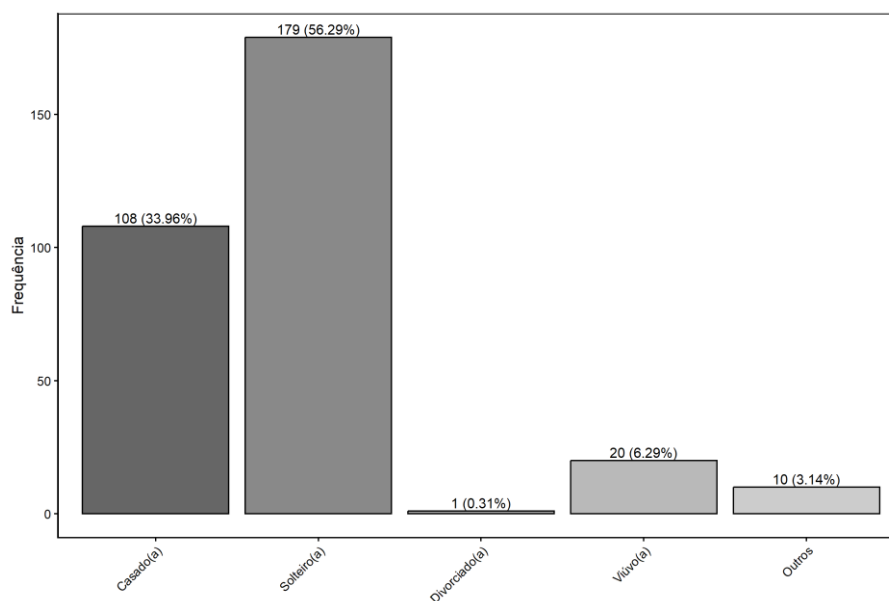


Fonte: Elaborado pela autora, 2026.

No que tange à caracterização sociodemográfica referente ao estado civil, os resultados apontam para uma predominância de indivíduos solteiros(as), que representam a

maior parcela dos respondentes (179 pessoas). Em seguida, os participantes casados(as) (108), seguidos por viúvos(as) (20), indivíduos que se auto classificaram na categoria outros (10) e apenas (1) respondente divorciado. O gráfico 3 demonstra o perfil da amostra referente ao estado civil.

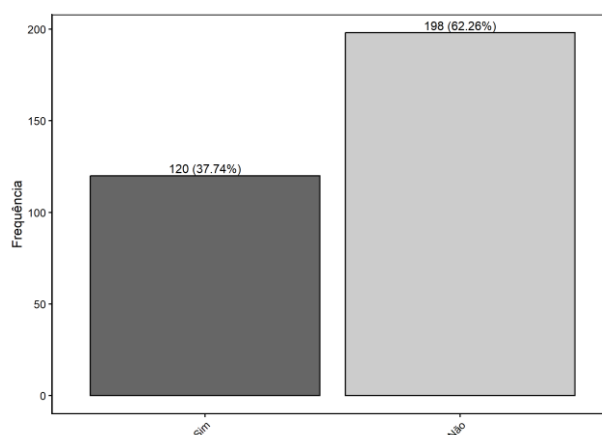
Gráfico 3 - Qual é o seu estado civil?



Fonte: Elaborado pela autora, 2026.

Referente à configuração familiar se possui dependentes, a análise da amostra revela que a maioria dos respondentes, totalizando 198 indivíduos (62,26%), declarou não possuir dependentes. Por outro lado, 120 participantes (37,74%) afirmaram possuir dependentes sob sua responsabilidade financeira.

Gráfico 4- Possui dependentes?

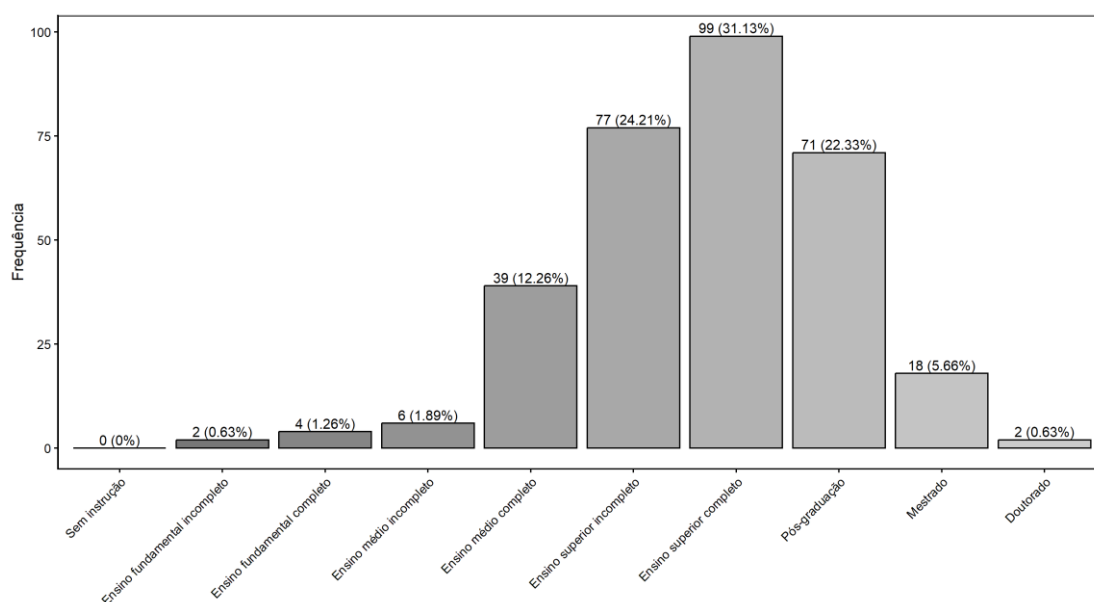


Fonte: Elaborado pela autora, 2026.

Essa distribuição é um fator relevante para a interpretação dos níveis de BEF, uma vez que a literatura, como o trabalho de Vieira et al. (2021), aponta que a existência de dependentes pode atuar como um fator de pressão sobre o orçamento, impactando negativamente a percepção de segurança e liberdade financeira.

Quanto ao nível de instrução, os dados revelam um perfil altamente qualificado, com 99 respondentes possuindo ensino superior completo e 71 possuindo pós-graduação. Entre os respondentes 77 declaram possuir ensino superior incompleto, entendido como graduação iniciada e não concluída, não sendo possível distinguir, a partir dessa categoria, entre estudantes em andamento e indivíduos que interromperam o curso.

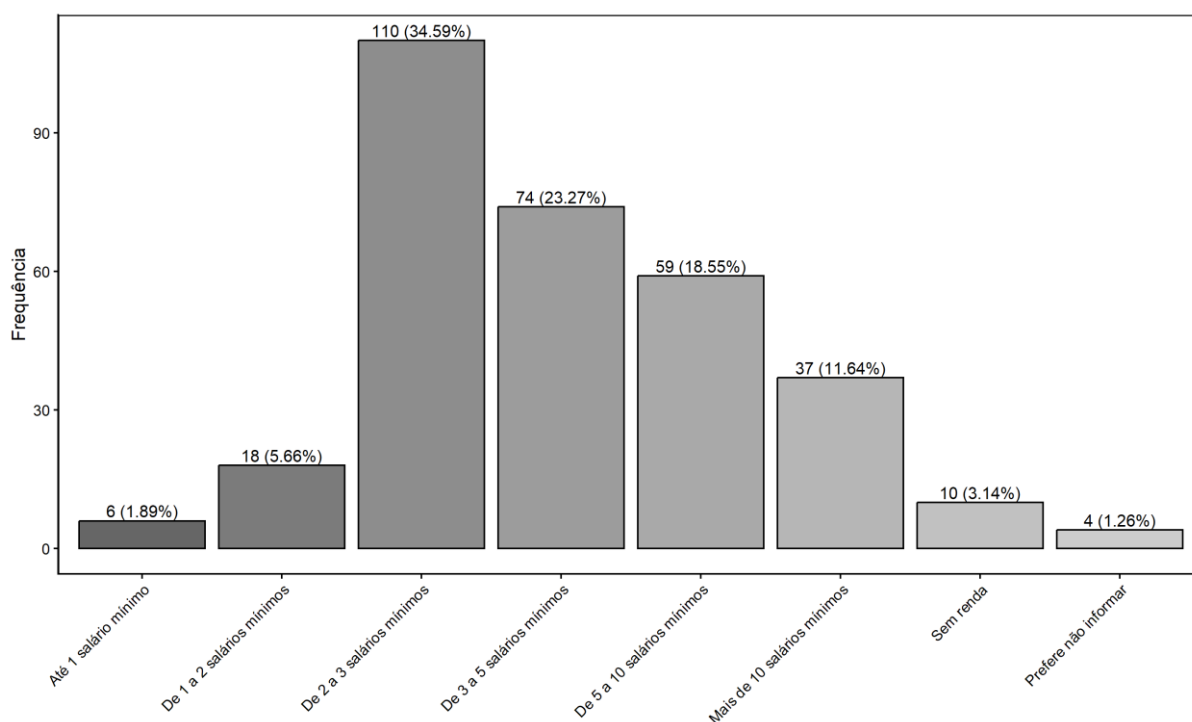
Gráfico 5 - Qual é o seu nível de escolaridade?



Fonte: Elaborado pela autora, 2026.

Entretanto, essa alta escolaridade contrasta com a realidade financeira declarada, uma vez que a maior concentração de renda se situa na faixa de 2 a 3 salários-mínimos, sendo esta faixa composta por 110 pessoas. O gráfico 6 apresenta os resultados completos referentes a renda mensal individual dos respondentes.

Gráfico 6 – Qual é a sua renda mensal individual, considerando todos os seus trabalhos e outras fontes de rendimento?



Fonte: Elaborado pela autora, 2026.

Esse cenário corrobora a literatura de Klapper e Lusardi (2020), que indicam que o conhecimento financeiro é fundamental mesmo em populações instruídas, pois o avanço nos níveis de escolaridade nem sempre se traduz em resiliência econômica imediata.

Concluída a análise do perfil da amostra, a próxima seção apresenta o mapeamento dos comportamentos e das demandas de orientação financeira dos associados, complementando a caracterização dos participantes antes da análise dos construtos do estudo.

4.2 Mapeamento de comportamentos e demandas de orientação financeira dos associados

Com o objetivo de identificar percepções e demandas dos associados relacionadas à orientação financeira, foram incorporadas ao instrumento de coleta de dados três questões autorais, referentes à capacidade percebida de compreender informações sobre produtos financeiros, à frequência de busca por informações financeiras e ao tipo de orientação que os participantes gostariam de receber da cooperativa. A análise dessas variáveis possibilita caracterizar, em perspectiva descritivo-exploratória, aspectos relevantes das necessidades informacionais e educativas da amostra. A Tabela 12 apresenta a distribuição de frequências das questões.

Tabela 1 – Distribuição de frequências

Variável	Categoria	N	Percentual (%)
CAP	Discordo totalmente	5	1,57
CAP	Discordo	15	4,72
CAP	Nem concordo nem discordo	39	12,26
CAP	Concordo	170	53,46
CAP	Concordo totalmente	89	27,99
FREQ	Nunca	12	13,77
FREQ	Raramente	49	15,41
FREQ	Às vezes	115	36,16
FREQ	Frequentemente	82	25,79
FREQ	Sempre	60	18,87
ORI	Nenhuma	5	1,57
ORI	Ajuda para sair de dívidas	19	5,97
ORI	Orientação sobre crédito e empréstimos	20	6,29
ORI	Informações sobre investimentos	123	38,68
ORI	Planejamento para aposentadoria	22	6,92
ORI	Orientação para organização do orçamento	30	9,43
ORI	Dicas de Economia e Controle de gastos	99	31,13

Fonte: Elaborado pela autora, 2026.

Nota: CAP corresponde à questão “Você se considera capaz de entender informações sobre produtos financeiros, como empréstimos ou investimentos?”; FREQ corresponde à questão “Com que frequência você busca informações ou tira dúvidas sobre finanças pessoais?”; ORI corresponde à questão “Que tipo de orientação financeira você gostaria de receber da cooperativa?”.

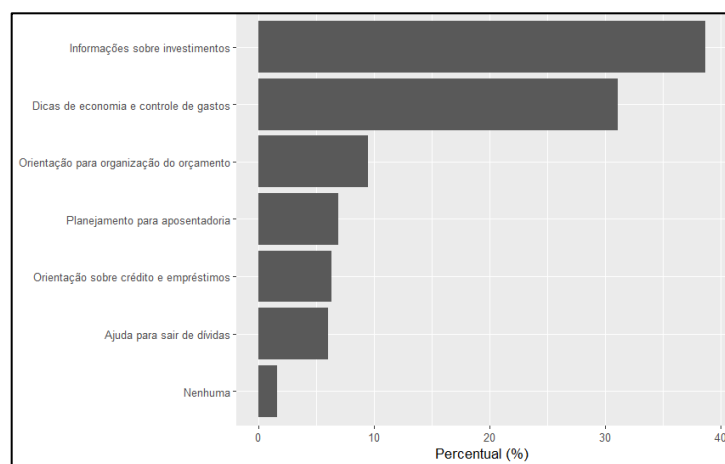
Conforme apresentado na Tabela 12, no que se refere à capacidade (CAP) percebida de compreender informações sobre produtos financeiros, observou-se predominância de respostas nas categorias de concordância, uma vez que 53,46% dos respondentes assinalaram “Concordo” e 27,99% “Concordo totalmente”. Esse resultado sugere que a maior parte da amostra se percebe capaz de compreender informações relacionadas a produtos financeiros, como empréstimos e investimentos.

Em relação à frequência (FREQ) com que os participantes buscam informações financeiras, verificou-se maior concentração nas categorias intermediárias, com destaque para “Às vezes” (36,16%) e “Frequentemente” (25,79%). Tal distribuição indica que, embora a busca por informações financeiras esteja presente na rotina dos respondentes, ela não ocorre de maneira uniforme ou contínua para toda a amostra.

Quanto ao tipo de orientação financeira (ORI) desejada, destacaram-se as categorias “Informações sobre investimentos” (38,68%) e “Dicas de economia e controle de gastos” (31,13%), seguidas por “Orientação para organização do orçamento” (9,43%) e “Planejamento para aposentadoria” (6,92%). Esses achados evidenciam maior interesse dos participantes por conteúdos voltados tanto à aplicação de recursos quanto ao planejamento e ao controle financeiro pessoal.

O Gráfico 7 ilustra com maior clareza a demanda por orientação financeira almejada pelos associados pertencentes a amostra analisada.

Gráfico 7 – “Que tipo de orientação financeira você gostaria de receber da cooperativa?”



Fonte: Elaborado pela autora, 2026.

Após a análise descritiva das variáveis apresentadas, buscou-se identificar associações entre essas variáveis e as características sociodemográficas dos respondentes. Para isso, utilizou-se o teste qui-quadrado de independência, considerado adequado para examinar relações entre variáveis categóricas, especialmente quando mensuradas em nível nominal ou ordinal (McHugh, 2013). Assim, o teste foi utilizado com o objetivo de identificar possíveis relações estatisticamente significativas entre as variáveis analisadas, a Tabela 2 apresenta os resultados obtidos.

Tabela 2 - Resultados do teste qui-quadrado variáveis x variáveis demográficas

Variável	Variáveis demográficas	Qui-quadrado	p-valor	Resultado
CAP	Gênero	17,1759	0,0012	Significativa
CAP	Idade	19,3352	0,2586	Não significativa
CAP	Estado Civil	24,4611	0,1124	Não significativa
CAP	Dependentes	1,8977	0,7656	Não significativa
CAP	Escolaridade	44,1439	0,131	Não significativa
CAP	Renda	66,185	0,0032	Significativa
FREQ	Gênero	5,3159	0,2664	Não significativa
FREQ	Idade	22,8093	0,1207	Não significativa
FREQ	Estado Civil	20,8746	0,1707	Não significativa
FREQ	Dependentes	0,381	0,9835	Não significativa
FREQ	Escolaridade	46,9726	0,05709	Não significativa
FREQ	Renda	50,7276	0,007899	Significativa
ORI	Gênero	5,97	0,4405	Não significativa
ORI	Idade	40,5516	0,0258	Significativa
ORI	Estado Civil	41,4588	0,0399	Significativa
ORI	Dependentes	3,5587	0,741	Não significativa
ORI	Escolaridade	76,5531	0,0339	Significativa
ORI	Renda	55,1015	0,1092	Não significativa

Fonte: Elaborado pela autora, 2026.

Nota: CAP corresponde à questão “Você se considera capaz de entender informações sobre produtos financeiros, como empréstimos ou investimentos?”; FREQ corresponde à questão “Com que frequência você busca informações ou tira dúvidas sobre finanças pessoais?”; ORI corresponde à questão “Que tipo de orientação financeira você gostaria de receber da cooperativa?”.

Observou-se que a variável CAP apresentou associação estatisticamente significativa com gênero ($p = 0,0012$) e renda ($p = 0,0032$). A variável FREQ apresentou associação significativa apenas com renda ($p = 0,007899$), enquanto a variável ORI apresentou associação com idade, estado civil e escolaridade. O teste qui-quadrado indica a existência de associação entre as variáveis, porém não permite identificar a direção ou a intensidade dessa relação, sendo necessária a análise das tabelas cruzadas para compreensão do padrão de distribuição das respostas. A Tabela 3 demonstra as relações entre gênero e CAP.

Tabela 3 - Capacidade declarada x Gênero

Gênero	Discordo Totalmente	Discordo	Nem concordo e nem discordo	Concordo	Concordo totalmente
Masculino	1.6%	3.9%	9.4%	44.5%	40.6%
Feminino	1.6%	5.3%	14.2%	59.5%	19.5%

Fonte: Elaborado pela autora, 2026.

Nota. $n = 318$ (masculino, $n = 128$; feminino, $n = 190$). Os percentuais referem-se à distribuição das respostas dentro de cada gênero (percentual por linha), em escala *Likert* de cinco pontos, ao item de autoavaliação da capacidade de gestão financeira.

A análise da distribuição das respostas da variável CAP segundo o gênero evidencia diferenças na intensidade da autopercepção de capacidade para compreender informações financeiras. Entre os homens, verifica-se maior concentração na categoria “Concordo totalmente” (40,6%), enquanto entre as mulheres predomina a categoria “Concordo” (59,5%), com menor proporção em “Concordo totalmente” (19,5%). As mulheres também apresentam percentuais ligeiramente mais elevados nas categorias intermediárias de resposta.

De modo geral, os resultados indicam que ambos os grupos avaliam positivamente sua capacidade percebida, embora os homens expressem essa percepção de forma mais intensa e as mulheres de maneira mais moderada. Tal padrão encontra respaldo em estudos anteriores que apontam que mulheres tendem a avaliar seus conhecimentos financeiros com maior cautela, à medida que homens frequentemente demonstram maior confiança em seu próprio julgamento financeiro (Barber & Odean, 2001; Lusardi & Mitchell, 2011).

A Tabela 4 apresenta os resultados de relação entre CAP e renda declarada, salário-mínimo (SM).

Tabela 4 - Capacidade declarada x Renda

Renda	Discordo totalmente	Discordo	Nem concordo e nem discordo	Concordo	Concordo totalmente
Nenhum rendimento	0.0%	0.0%	16.7%	66.7%	16.7%
Até 1 SM	5.6%	5.6%	33.3%	50.0%	5.6%
De 1 a 2 SM	0.9%	3.6%	20.0%	61.8%	13.6%
De 2 a 3 SM	2.7%	9.5%	2.7%	55.4%	29.7%
De 3 a 5 SM	1.7%	5.1%	5.1%	45.8%	42.4%
De 5 a 10 SM	0.0%	0.0%	10.8%	45.9%	43.2%
Mais de 10 SM	0.0%	0.0%	10.0%	10.0%	80.0%
Não sei dizer ou prefiro não dizer	0.0%	0.0%	0.0%	75.0%	25.0%

Fonte: Elaborado pela autora, 2026.

Nota. n = 318. SM = salário(s) mínimo(s). Os percentuais referem-se à distribuição das respostas dentro de cada faixa de renda (percentual por linha), em escala Likert de cinco pontos, ao item de autoavaliação da capacidade de gestão financeira.

A análise da variável CAP segundo a faixa de renda indica predominância de respostas positivas em todos os grupos, com maior concentração nas categorias “Concordo” e “Concordo totalmente”. Observa-se, contudo, que as faixas de renda mais elevadas apresentam maior intensidade de concordância, com destaque para os respondentes com mais de 10 salários-mínimos, entre os quais 80,0% assinalaram “Concordo totalmente”. Em contrapartida, as faixas de renda mais baixas concentram proporções mais elevadas nas categorias intermediárias, sugerindo que a percepção de capacidade tende a se intensificar à medida que aumenta a renda.

A variável FREQ apresentou associação significativa apenas com renda, a Tabela 5 apresenta os principais resultados.

Tabela 5 - Frequência de busca por informações financeiras x Renda

RENDA	Nunca	Raramente	Às vezes	Frequentemente	Sempre
Nenhum rendimento	0.0%	33.3%	66.7%	0.0%	0.0%
Até 1 SM	22.2%	22.2%	33.3%	11.1%	11.1%
De 1 a 2 SM	2.7%	18.2%	41.8%	19.1%	18.2%
De 2 a 3 SM	2.7%	18.9%	33.8%	31.1%	13.5%
De 3 a 5 SM	1.7%	8.5%	32.2%	33.9%	23.7%
De 5 a 10 SM	2.7%	5.4%	32.4%	32.4%	27.0%
Mais de 10 SM	10.0%	0.0%	20.0%	30.0%	40.0%
Não sei dizer ou prefiro não dizer	0.0%	50.0%	25.0%	25.0%	0.0%

Fonte: Elaborado pela autora, 2026.

Nota. n = 318. SM = salário(s) mínimo(s). Os percentuais referem-se à distribuição das respostas dentro de cada faixa de renda (percentual por linha), em escala de frequência de cinco pontos ("Nunca" a "Sempre"), ao item sobre a frequência de busca por informações financeiras.

A análise da variável FREQ segundo a faixa de renda revela que, embora a categoria “Às vezes” se destaque em diferentes grupos, as faixas de renda mais baixas concentram maior proporção de respostas nas categorias “Nunca” e “Raramente”, enquanto os grupos de maior renda apresentam percentuais mais elevados em “Frequentemente” e “Sempre”. Destaca-se que, entre os respondentes com mais de 10 SM, 40,0% afirmaram buscar informações financeiras sempre, sugerindo que essa frequência tende a aumentar à medida que a renda se eleva.

A variável ORI foi a que apresentou maior sensibilidade às características sociodemográficas, as tabelas são apresentadas no APÊNDICE A. Em relação à idade, constatou-se que a demanda por informações sobre investimentos foi predominante em praticamente todas as faixas etárias, com destaque para os grupos de 18 a 28 anos (41,2%), 40 a 50 anos (39,1%) e 51 a 60 anos (46,7%). Por outro lado, entre os respondentes com 61 anos ou mais, verificou-se maior interesse por planejamento para aposentadoria (33,3%), entretanto o grupo é composto por 6 respondentes, tamanho insuficiente para sustentar inferências estatísticas robustas ou comparações etárias confiáveis. As dicas de economia e controle de gastos apresentaram percentuais expressivos entre os mais jovens, especialmente nas faixas de 18 a 28 anos (35,3%) e 29 a 39 anos (34,2%), sugerindo maior preocupação com a gestão cotidiana dos recursos nas fases iniciais da vida financeira.

No que se refere ao estado civil, observou-se que o interesse por informações sobre investimentos foi predominante entre os diferentes grupos, com destaque para os casados(as) (47,2%) e separados(as) (40,0%). Entre os solteiros(as), embora essa também tenha sido a principal escolha (34,1%), verificou-se maior relevância das dicas de economia e controle de gastos (36,3%), indicando maior preocupação com a gestão financeira cotidiana. Além disso, entre os separados(as), observou-se maior proporção de respostas voltadas à organização do orçamento (20,0%), sugerindo demandas mais relacionadas ao reequilíbrio financeiro.

Quanto à escolaridade, observou-se predominância do interesse por informações sobre investimentos em diferentes níveis de formação, com destaque para os respondentes com ensino superior completo (41,4%), especialização, mestrado ou doutorado (44,4%) e ensino médio completo (38,5%). As dicas de economia e controle de gastos também apresentaram percentuais relevantes, especialmente entre os participantes com ensino superior completo (31,3%) e pós-graduação (33,8%). Ressalta-se que percentuais mais elevados em alguns grupos devem ser interpretados com cautela, em razão do reduzido número de respondentes em determinadas categorias.

Caracterizados o perfil e as demandas dos associados, a próxima seção trata da análise descritiva dos construtos do estudo. Essa etapa tem por finalidade examinar o comportamento das respostas e identificar padrões gerais de percepção dos participantes em relação às variáveis investigadas.

4.3 Estatística descritiva dos construtos

A estatística descritiva dos construtos foi realizada com o propósito de resumir o comportamento geral das dimensões analisadas no estudo. Para isso, foram calculadas as medidas de média, desvio-padrão, mediana, mínimo e máximo para os construtos BEF, autocontrole, contabilidade mental, comportamento financeiro, atitude financeira e conhecimento financeiro.

Tabela 6 - Estatística descritiva dos construtos

Construto	Média	Desvio-padrão	Mediana	Mínimo	Máximo
Bem-estar financeiro	2,16	0,73	2,2	0,1	4
Autocontrole	3,56	0,84	3,75	1	5
Contabilidade Mental	3,52	0,85	3,6	1	5
Comportamento Financeiro	3,53	0,89	3,56	1	5
Atitude Financeira	3,52	0,59	3,5	2,12	5
Conhecimento Financeiro	5,72	1,77	6	0	8

Fonte: Elaborado pela autora, 2026.

Nota. n = 318. As médias não são diretamente comparáveis entre os construtos, por estarem expressas em escalas distintas: o bem-estar financeiro foi mensurado em escala de 0 a 4; o autocontrole, a contabilidade mental, o comportamento financeiro e a atitude financeira, em escala Likert de 1 a 5; e o conhecimento financeiro, pelo número de acertos em escala de 0 a 8. Valores mais elevados indicam maior nível do respectivo construto.

O BEF apresentou média de 2,16, desvio-padrão de 0,73 e mediana de 2,20, com valores variando de 0,10 a 4,00. Considerando sua escala de mensuração, esse resultado indica que o construto se estabeleceu próximo ao ponto médio da escala, sugerindo nível intermediário de percepção dos participantes quanto ao seu BEF. Considerando a amplitude da escala utilizada, o desvio-padrão observado sugere variabilidade moderada das respostas, indicando que os participantes apresentaram certo grau de diferença entre si, embora sem grande dispersão.

No que se refere ao autocontrole, observou-se média de 3,56, mediana de 3,75, desvio-padrão de 0,84 e amplitude entre 1,00 e 5,00. Esses resultados indicam concentração das respostas em nível intermediário do construto, com discreta inclinação para valores mais elevados da escala. A proximidade entre média e mediana sugere relativa estabilidade na

distribuição das respostas, enquanto o desvio-padrão evidencia heterogeneidade moderada entre os participantes.

A contabilidade mental registrou média de 3,52, mediana de 3,60, desvio-padrão de 0,85 e valores entre 1,00 e 5,00. O padrão observado indica concentração das respostas em faixa intermediária do construto, com distribuição semelhante à verificada para o autocontrole. A pequena diferença entre média e mediana sugere distribuição relativamente equilibrada, ao passo que o desvio-padrão aponta variabilidade moderada entre os respondentes.

Em relação ao comportamento financeiro, a média observada foi de 3,53, com mediana de 3,56, desvio-padrão de 0,89 e amplitude entre 1,00 e 5,00. Esses resultados indicam concentração das respostas em nível intermediário do construto. A proximidade entre média e mediana sugere distribuição estável, enquanto o desvio-padrão, ligeiramente superior ao verificado em outros construtos mensurados na mesma faixa, indica maior heterogeneidade relativa entre os participantes quanto a essa dimensão.

A atitude financeira apresentou média de 3,52, mediana de 3,50, desvio-padrão de 0,59 e valores variando entre 2,12 e 5,00. Os resultados indicam posicionamento intermediário do construto, com distribuição bastante concentrada em torno da média. Nesse caso, o menor desvio-padrão observado sugere menor dispersão das respostas, indicando maior homogeneidade entre os respondentes.

Por sua vez, o conhecimento financeiro registrou média de 5,72, mediana de 6,00, desvio-padrão de 1,77 e valores entre 0 e 8. Considerando a amplitude da escala adotada para esse construto, os resultados sugerem desempenho relativamente elevado dentro de sua própria métrica de mensuração. Em contrapartida, o desvio-padrão mais alto indica maior variabilidade entre os respondentes, sugerindo coexistência de participantes com níveis mais altos e mais baixos de conhecimento financeiro.

De modo geral, a análise descritiva dos construtos indica que BEF, autocontrole, contabilidade mental, comportamento financeiro e atitude financeira apresentaram valores médios situados em faixas intermediárias de suas respectivas escalas, ainda que com diferentes níveis de dispersão. O conhecimento financeiro, por sua vez, apresentou resultado relativamente mais elevado em sua própria escala.

Considerando que os construtos foram mensurados por métricas distintas, a comparação direta entre os valores médios deve ser interpretada com cautela, privilegiando-se a análise de cada dimensão em relação à sua própria escala de mensuração. Essa cautela é

coerente com a atenção que Hair et al. (2021) dedica à natureza métrica dos indicadores e à interpretação dos resultados à luz da escala utilizada.

Concluída a análise descritiva dos construtos do estudo, a próxima seção direciona à atenção ao construto BEF, em razão de sua centralidade na presente pesquisa. Considerando que o objetivo é analisar a influência da alfabetização financeira e dos vieses comportamentais de autocontrole e contabilidade mental sobre o BEF percebido por associados de uma cooperativa de crédito no Centro-Oeste de Minas Gerais. O exame descritivo dos itens que compõem esse construto possibilita uma leitura mais detalhada das percepções dos respondentes.

4.4 Análise descritiva Bem-estar financeiro

A análise do BEF foi desenvolvida com base em estatísticas descritivas dos dois blocos de questões que compõem essa medida. Nesse contexto, a Tabela 7 apresenta as estatísticas descritivas relativas ao primeiro bloco do questionário.

Tabela 7 - Estatística descritiva do construto BEF (parte 1)

Variáveis	Média IC (95%)	Desvio Padrão	Completamente (%)	Muito bem (%)	Um pouco (%)	Muito pouco (%)	De modo Nenhum (%)
7.Você poderia lidar com uma grande despesa inesperada. *	1,65 [1.53;1.76]	1,06	3,5	17	37,4	25,2	17
8.Você está garantindo seu futuro financeiro. *	1,8 [1.68;1.91]	1,06	7,2	14,2	41,5	25,2	11,9
9. Por causa da sua situação financeira, você sente que nunca terá as coisas que quer na vida.	2,54 [2.42;2.67]	1,12	6,9	4,7	40,6	22,6	25,2
10. Você pode aproveitar a vida devido à maneira como está administrando seu dinheiro. *	2,25 [2.14;2.37]	1	10,7	29,2	39,6	15,7	4,7
11. Você está apenas sobrevivendo financeiramente.	2,33 [2.2; 2.46]	1,2	8,8	12,6	37,1	20,1	21,4
12. Você está preocupado(a) que o dinheiro que tem ou terá	1,68 [1.55;1.81]	1,18	22	16,4	40,6	13,5	7,5

economizado pode não ser suficiente.

Fonte: Elaborado pela autora, 2026

Nota. Itens da escala de bem-estar financeiro do CFPB (2015). Cada item foi respondido em escala de cinco pontos, pontuada de 0 a 4, em que valores mais altos indicam maior bem-estar financeiro. IC (95%) = intervalo de confiança de 95% da média. Os percentuais referem-se à distribuição das respostas pelas categorias originais do instrumento (de "Completamente" a "De modo nenhum"). *Escala invertidas.

A análise do primeiro bloco de questões do BEF apresenta concentrações nas categorias intermediárias da escala, sobretudo em “um pouco”, o que sugere percepções moderadas dos respondentes quanto às condições financeiras avaliadas. Dentre as variáveis estão “Você poderia lidar com uma grande despesa inesperada” e “Você está garantindo seu futuro financeiro”, escalas invertidas. Em ambas, nota-se concentração de respostas nas categorias mencionadas, sugerindo que uma parcela relevante dos respondentes apresenta limitações na capacidade de formar reservas e estruturar maior segurança financeira futura. Esses resultados indicam que os indivíduos não percebem, de forma consolidada, condições suficientes para enfrentar imprevistos ou garantir estabilidade ao longo da vida, o que pode intensificar preocupações e sensação de insegurança financeira, impactando assim no BEF.

O BCB (2025) apresenta resultados que complementam os achados, evidenciando a realidade brasileira, que apresenta fragilidade na resiliência financeira. No cenário nacional 65,1% dos respondentes não dariam conta de uma despesa inesperada sem pedir emprestado para a família ou amigos. Os dados da pesquisa também apontam que 63% da população ainda declara não realizar nenhum tipo de investimento, contribuindo para uma maior vulnerabilidade, já que a capacidade de formar uma reserva de emergência ou de se preparar para metas e necessidades futuras ficam limitadas.

Essa percepção de limitação também se manifesta na variável “Por causa da sua situação financeira, você sente que nunca terá as coisas que quer na vida”, na qual 40,6% dos respondentes assinalaram a opção “um pouco”. Considerando que o BEF envolve, entre outros aspectos, a possibilidade de escolha e de usufruto da vida a partir de uma gestão adequada dos recursos financeiros (CFPB, 2015), a afirmativa “Você pode aproveitar a vida devido à maneira como está administrando seu dinheiro” assume relevância central nessa análise. Nessa variável, 39,6% dos participantes também marcaram “um pouco”, evidenciando que parte expressiva da amostra percebe sua autonomia financeira de forma moderada. Em outras palavras, o gerenciamento dos recursos parece possibilitar algum aproveitamento do presente, mas ainda sem consolidar uma percepção plena de liberdade, tranquilidade e segurança econômica.

Esse cenário também é corroborado pelos dados nacionais que evidenciam a mesma tensão identificada na amostra. A dimensão liberdade financeira apresentou a menor pontuação com 50,9% no cenário nacional. Entre os fatores que sustentam essa condição esta que 80,8% dos brasileiros tendem a se preocupar com o pagamento das despesas correntes, ao passo que 44,8% afirmam que nunca ou raramente sobra dinheiro ao final do mês (BCB, 2025).

As duas últimas variáveis analisadas no primeiro bloco de afirmações referentes ao BEF seguem a tendência intermediária das respostas. Nos itens “Você está apenas sobrevivendo financeiramente” e “Você está preocupado(a) que o dinheiro que tem ou terá economizado pode não ser suficiente”, apresentaram respectivamente 37,1% e 40,6% de frequência das respostas na opção “um pouco”, representando assim a maior representatividade das respostas. Esses dados indicam níveis significativos de estresse financeiro atual e incerteza quanto à segurança futura, dimensões que, segundo a literatura, são determinantes cruciais para a percepção global de bem-estar do indivíduo. Em âmbito nacional, conforme o BCB (2025) 48,6% dos brasileiros declaram estar apenas “se virando” financeiramente, um percentual próximo ao resultado encontrado na amostra desta pesquisa.

Em uma análise resumida do primeiro bloco de afirmações, os resultados sugerem que os participantes se situam em um nível intermediário de BEF, marcado por relativa capacidade de administração da vida financeira, mas ainda acompanhado por limitações importantes no que se refere à formação de reservas, à confiança no futuro e à tranquilidade para usufruir a vida. Assim, o conjunto das respostas aponta para um cenário em que o BEF não se apresenta de forma consolidada, sofrendo intervenções por preocupações, restrições percebidas e inseguranças quanto à estabilidade econômica futura.

Em continuidade à análise do BEF, a Tabela 8 apresenta a estatística descritiva referente à segunda parte do construto.

Tabela 8- Estatística descritiva do construto BEF (parte 2)

Variáveis	Média IC (95%)	Desvio Padrão	Sempre (%)	Frequentemente (%)	Às vezes (%)	Raramente (%)	Nunca (%)
13. Dar um presente de casamento, aniversário ou outra ocasião colocaria em dificuldade suas finanças do mês.	2,74 [2.62;2.85]	1,07	5	5,3	27,4	35,5	26,7
14. Você tem dinheiro sobrando no final do mês.	2,21 [2.08;2.34]	1,19	17,9	21,7	31,8	20,4	8,2

15. Você NÃO está em dia com as suas finanças.	2,65 [2.5; 2.81]	1,4	11,6	10,7	18,6	18,9	40,3
16. Suas finanças controlam sua vida.	1,77 [1.64;1.89]	1,14	17,6	20,1	36,8	18,9	6,6

Fonte: Elaborado pela autora, 2026.

Nota. n = 318. Itens da escala de bem-estar financeiro do CFPB (2015). Cada item foi respondido em escala de cinco pontos, pontuada de 0 a 4, em que valores mais altos indicam maior bem-estar financeiro. IC (95%) = intervalo de confiança de 95% da média. Os percentuais referem-se à distribuição das respostas pelas categorias originais do instrumento (de "Sempre" a "Nunca").

A variável “Dar um presente de casamento, aniversário ou outra ocasião colocaria em dificuldade suas finanças do mês” apresentou média de 2,74 (IC95%: 2,62;2,85) e desvio-padrão de 1,07, indicando posicionamento entre as categorias “às vezes” e “raramente”, com maior proximidade desta última. Esse resultado sugere que, para a maior parte dos respondentes, esse tipo de gasto eventual não compromete de forma frequente o orçamento mensal.

Quanto à variável "Você tem dinheiro sobrando no final do mês", percebe-se maior concentração de respostas na categoria "às vezes" com 31,8%, seguida de "frequentemente" com 21,7% das respostas. Esse resultado indica que, para parcela expressiva dos respondentes, a existência de sobra financeira ao final do mês ocorre de forma ocasional, não configurando uma realidade estável e contínua. Esse aspecto é relevante do ponto de vista do BEF, uma vez que a disponibilidade de recursos excedentes constitui condição necessária para o planejamento, a formação de reservas e a redução da vulnerabilidade econômica (CFPB, 2015).

Esse resultado encontra respaldo em dados nacionais, onde 44,8% dos brasileiros afirmam que nunca ou raramente sobra dinheiro ao final do mês (BCB, 2025), ao passo que, na média internacional, apenas 38% dos adultos relatam dispor regularmente de recursos excedentes (OECD, 2023). Esses dados, em conjunto, reforçam que a ausência de sobra financeira sistemática representa um obstáculo à consolidação do BEF, mantendo os indivíduos em uma condição de equilíbrio frágil entre receitas e despesas.

Observa-se, ainda, um resultado favorável no item “Você NÃO está em dia com as suas finanças”, visto que a maior parte dos respondentes (40,3%) assinalou a categoria “nunca”. Considerando o caráter negativo da afirmativa, esse achado sugere que a maioria dos respondentes percebem estar em dia com suas obrigações financeiras.

Em relação ao item “Suas finanças controlam sua vida”, a maior concentração de respostas em “às vezes”, associada à média de 1,77, indica que essa percepção está presente de

forma moderada entre os associados, revelando que, embora não seja dominante, a influência das finanças sobre a vida cotidiana ainda se manifesta em alguma medida.

Em síntese, os resultados descritivos dos itens do BEF indicam predominância de respostas em categorias intermediárias da escala, sugerindo percepções moderadas dos respondentes acerca de sua situação financeira. Os padrões observados apontam para limitações relevantes na capacidade de formar reservas, garantir o futuro financeiro e usufruir da vida com tranquilidade, dimensões centrais do BEF conforme definido pelo CFPB (2015). Essa caracterização tem implicações diretas para o desenvolvimento dos produtos técnicos propostos, ao indicar que as ações educativas devem priorizar o fortalecimento da resiliência financeira e da capacidade de planejamento de longo prazo dos cooperados.

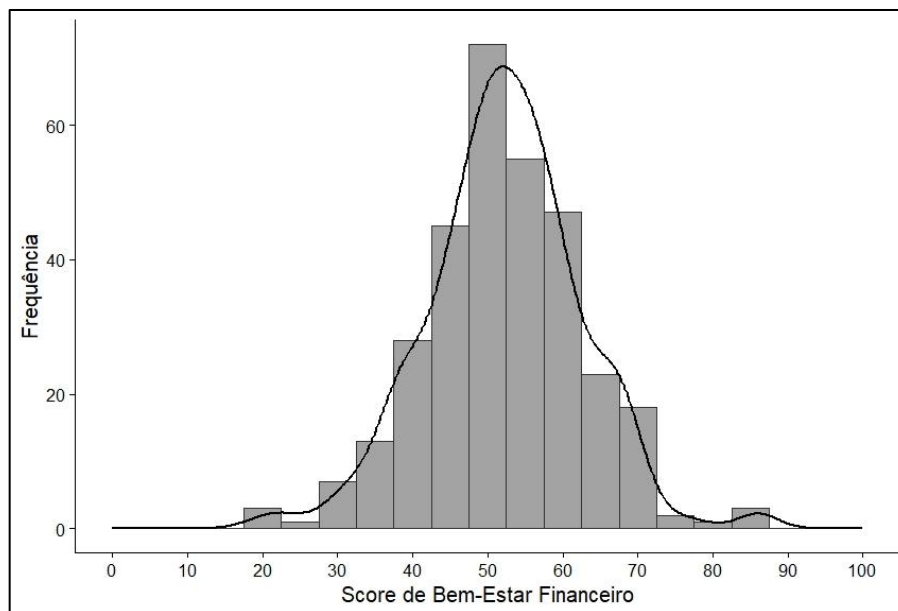
Ainda que esse padrão permita identificar tendências gerais, ele não é suficiente, por si só, para atestar a qualidade dos indicadores utilizados. Conforme Hair et al. (2021), essa verificação requer a avaliação do modelo de mensuração reflexivo, contemplando a confiabilidade dos indicadores, a consistência interna, a validade convergente e a validade discriminante. Antes de apresentar a avaliação do modelo de mensuração, a seção seguinte complementa a análise descritiva com a classificação do BEF dos cooperados conforme os critérios estabelecidos pelo CFPB (2015) e adotando o modelo de classificação da Vieira et al. (2021), permitindo caracterizar o nível de BEF da amostra estudada e contextualizar os resultados da análise estrutural subsequente.

4.5 Bem-estar financeiro conforme orientações do CFPB

A classificação dos escores de BEF foi realizada conforme as orientações do que determina duas tabelas distintas de conversão da pontuação inicial obtida pelo respondente, de acordo com a idade e o modo de aplicação do instrumento. No presente estudo, todos os questionários foram autoadministrados, de modo que foi utilizada exclusivamente a tabela referente a esta aplicação. Para os participantes com 18 a 61 anos, aplicou-se a tabela específica desse grupo etário, enquanto para os respondentes com 62 anos ou mais, utilizou-se a tabela correspondente ao grupo, conforme previsto pelo manual. Esse procedimento assegura que os escores padronizados apresentados reflitam adequadamente as diferenças esperadas entre faixas etárias e respeitem a metodologia original proposta pelo (CFPB, 2015).

A pontuação bruta de cada respondente, é obtida pela soma dos dez itens, com amplitude de 0 a 40 pontos, foi convertida para a escala padronizada de 0 a 100 mediante o manual (CFPB, 2015). A Figura 3 apresenta a distribuição do score.

Figura 2- Histograma do BEF



Fonte: Elaborado pela autora, 2026.

O nível médio de BEF dos associados foi de 52,21 pontos ($DP = 10,23$), com valor mínimo de 19 e máximo de 86, numa escala de 0 a 100. O teste de Kolmogorov-Smirnov não rejeitou a hipótese de distribuição normal do score BEF ($D = 0,072$; $p = 0,076$), validando o uso de técnicas paramétricas nas análises subsequentes. A Tabela 9 apresenta a distribuição dos respondentes segundo a classificação em seis níveis de BEF proposta por (Vieira et al., 2021), aplicada ao escore padronizado obtido pela metodologia do CFPB (2015).

Tabela 9 - Nível de BEF dos cooperados

Nível de BEF	Pontuação	18 a 61 anos		62 ou mais		Total		Qui-quadrado
		Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	
Muito baixo	0-29	6	1,9	0	0	6	1,9	Valor 7,7427 p-value 0,171
Baixo	30-37	17	5,4	1	16,7	18	5,7	
Médio baixo	38-49	95	30,4	1	16,7	96	30,2	
Médio alto	50-57	103	33	1	16,7	104	32,7	
Alto	58-67	69	22,1	1	16,7	70	22	
Muito alto	68-100	22	7,1	2	33,3	24	7,5	
Total		312	100	6	100	318	100	

Fonte: Elaborado pela autora, 2026.

Nota. BEF = Bem-estar financeiro, mensurado pela escala do (CFPB, 2015), convertida para o intervalo de 0 a 100. As faixas de classificação (Muito baixo a Muito alto) seguem o modelo de (Vieira et al., 2021). Os grupos etários estabelecidos conforme CFPB (2015). Freq. = frequência absoluta; % = frequência relativa. O teste qui-quadrado avalia a associação entre o nível de BEF e a faixa etária; valor = 7,7427; $p = 0,171$, indicando ausência de associação estatisticamente significativa ($p > 0,05$). $n = 318$.

Observa-se que a maioria dos associados se concentra nos níveis médio baixo (30,2%) e médio alto (32,7%), totalizando 62,9% da amostra, resultado semelhante ao encontrado por Vieira et al. (2021) para os beneficiários do Programa Minha Casa Minha Vida, em que 52% dos respondentes também se situaram nesses dois níveis intermediários. Uma parcela expressiva dos associados apresenta nível alto (22,0%) ou muito alto (7,5%) de BEF, ao passo que apenas 7,6% encontram-se nos dois níveis inferiores.

O teste qui-quadrado não indicou associação estatisticamente significativa entre o nível de BEF e o grupo etário dos cooperados. Esse resultado sugere que, nesta amostra, a distribuição dos níveis de BEF não apresentou variação estatisticamente significativa entre os grupos etários analisados. Contudo, ressalta-se que o grupo de associados com 62 anos ou mais é composto por apenas 6 respondentes, correspondendo a 1,9% da amostra, o que limita a robustez da comparação e recomenda cautela na interpretação dos resultados referentes a esse grupo específico.

Os resultados apresentados evidenciam que os associados da cooperativa apresentam predominantemente níveis médio baixo e médio alto de BEF. A fim de aprofundar a compreensão desse resultado, a seção seguinte analisa se as características sociodemográficas dos associados (gênero, idade, estado civil, dependentes, escolaridade e renda) estão associadas a diferenças no nível de BEF observado, seguindo o procedimento adotado por Vieira et al. (2021).

4.6 Diferenças no Bem-estar financeiro segundo variáveis sociodemográficas

Para verificar se as variáveis sociodemográficas exercem influência sobre o escore de BEF dos associados, utilizaram-se testes de diferença de média, seguindo o procedimento adotado por Vieira et al. (2021). Para variáveis com dois grupos (gênero e dependentes), aplicou-se o teste *t* de *Student* para amostras independentes. Para variáveis com três ou mais grupos (idade, estado civil, escolaridade e renda), utilizou-se a análise de variância (ANOVA)

one-way, complementada pelo teste *post hoc* de Tukey para identificação dos pares com diferenças significativas. A Tabela 10 apresenta os resultados dos testes para cada variável.

Tabela 10 - Testes de diferença de média do BEF segundo variáveis sociodemográficas

Variável	Teste	Valor	p-valor	Significativo
	t/F	(significância)		
Gênero	Teste t	1,769	0,078	Não
Dependentes	Teste t	-0,698	0,485	Não
Idade	ANOVA	0,972	0,423	Não
Estado civil	ANOVA	3,426	0,009**	Sim
Escolaridade	ANOVA	1,943	0,053	Não
Renda	ANOVA	5,319	<0,001***	Sim

Fonte: Elaborado pela autora, 2026.

Nota: BEF = Bem-estar financeiro. O teste t de *Student* foi aplicado a variáveis dicotômicas (gênero, presença de dependentes) e a análise de variância (ANOVA) a variáveis com três ou mais categorias (idade, estado civil, escolaridade, renda). Valor = estatística t (teste t) ou F (ANOVA). Considerou-se significativo $p \leq 0,05$. * $p \leq 0,05$; ** $p \leq 0,01$; *** $p \leq 0,001$. n = 318.

Observa-se que, das seis variáveis sociodemográficas analisadas, apenas estado civil e renda apresentaram associação significativa com o score de BEF. As demais variáveis não apresentaram diferenças estatisticamente significativas. A Tabela 11 apresenta as médias e desvios padrão do score de BEF para os grupos significativos.

Tabela 11 - Média do score de BEF por estado civil e renda

Variável	Categoria	N	Média	Desvio padrão
Estado civil	Casado	108	54,4	9,0
	Solteiro (a)	179	51,4	10,8
	Separado (a)	20	49,0	9,2
	Outros	10	47,2	10,0
	Viúvo (a)	1	69,0	-
Renda	Mais de 10 SM	10	63,5	11,8
	De 5 a 10 SM	37	55,9	10,3
	De 3 a 5 SM	59	54,3	7,8
	De 2 a 3 SM	74	50,8	10,8
	De 1 a 2 SM	110	51,0	10,0
	Até 1 SM	18	46,4	8,9
	Sem renda	6	47,5	11,7

Fonte: Elaborado pela autora, 2026.

Nota. BEF = Bem-estar financeiro, mensurado pela escala do CFPB, (2015), convertida para o intervalo de 0 a 100. n = número de respondentes na categoria; SM = salário(s) mínimo(s). O desvio padrão não é apresentado para a categoria "Viúvo(a)" por conter um único respondente (n = 1). n total = 318.

No que se refere ao estado civil, os associados casados apresentaram a maior média de BEF (54,4), seguidos pelos solteiros (51,4), separados (49,0) e pela categoria outros (47,2). A categoria viúva(o) apresentou média elevada (69,0), porém é composta por apenas um respondente, o que impede qualquer generalização para esse grupo. O teste *post hoc* de Tukey não identificou pares com diferença significativa isoladamente, resultado que pode ser atribuído

ao tamanho reduzido de algumas categorias. Ainda assim, o padrão observado é consistente com a literatura, que sugere que indivíduos casados podem apresentar maior BEF em função do compartilhamento de recursos, da possibilidade de múltiplas fontes de renda e das economias de escala associadas à divisão das despesas domésticas (Cherchye et al., 2020; Kapelle e Lersch, 2020; BCB, 2025).

No que se refere à renda, observa-se uma progressão clara entre as faixas: associados com renda de até 1 salário-mínimo apresentaram média de 46,4, enquanto aqueles com renda superior a 10 salários-mínimos alcançaram média de 63,5, a maior entre todos os grupos analisados. Essa diferença de 17 pontos entre os extremos da escala sinaliza que quanto maior a renda, maior o BEF, resultado corroborado pelo BCB (2025), que identificou relação positiva entre renda e BEF na população brasileira, com o índice crescente conforme o aumento da renda.

O teste post hoc de Tukey revelou que o grupo de maior renda (mais de 10 salários-mínimos; $n=10$) diferiu significativamente de todos os grupos com renda até 3 salários-mínimos: até 1 salário-mínimo ($p < 0,001$), de 1 a 2 salários-mínimos ($p = 0,003$) e de 2 a 3 salários-mínimos ($p = 0,003$). Adicionalmente, os grupos de 3 a 5 salários-mínimos ($p = 0,048$) e de 5 a 10 salários-mínimos ($p = 0,015$) também apresentaram BEF significativamente superior ao grupo de até 1 salário-mínimo. Esses resultados confirmam que a renda é o principal fator sociodemográfico associado ao BEF nesta amostra, corroborando as evidências já consolidadas na literatura (BCB, 2025; Vieira et al., 2021).

Complementando com a teoria Hipótese do Ciclo de Vida Comportamental, indivíduos com menor renda tendem a apresentar níveis mais baixos de BEF, uma vez que as necessidades imediatas consomem maior parte dos recursos disponíveis e reduzem a capacidade de planejamento financeiro de longo prazo. Nessa condição, poupar pode representar um esforço mais difícil ou até inviável, enquanto indivíduos com maior renda enfrentam menores restrições presentes, o que favorece o autocontrole, a acumulação de recursos e, consequentemente, níveis mais elevados de BEF, sendo os achados nesta amostra condizentes com a literatura (Shefrin & Thaler, 1988).

Os resultados apresentados nesta seção permitiram caracterizar o perfil sociodemográfico dos associados com maiores e menores níveis de BEF, evidenciando que renda e estado civil foram as variáveis com maior capacidade de discriminar os grupos analisados nesta amostra. Concluída a análise descritiva, inicia-se a avaliação do modelo de

mensuração e do modelo estrutural por meio da SEM, conforme apresentado anteriormente na metodologia da pesquisa.

4.7 Avaliação do modelo de mensuração

No presente estudo, após a etapa de coleta de dados, todas as respostas fornecidas pelos participantes foram convertidas em escores em uma planilha de Excel seguindo as orientações estabelecidas na literatura e previamente descritas na seção referente ao instrumento de mensuração. Essa etapa assegurou a padronização dos dados antes da análise.

Em seguida, os dados foram organizados e convertidos para o formato CSV, procedimento necessário para sua importação e manipulação no *software* R. A adoção do formato CSV atende as recomendações metodológicas de Hair et al. (2021), que enfatizam que esse tipo de arquivo, reduz a ocorrência de erros de leitura, permite verificar cabeçalhos, separadores e valores faltantes, além de assegurar maior integridade da base antes da análise estatística.

Na primeira estimação do modelo de mensuração, todas as escalas foram incluídas com o número original de indicadores: 10 itens para BEF (BEF1-BEF10), 4 itens para a habilidade de autocontrole (HA1-HA4), 5 itens para a contabilidade mental (CM1-CM5), 9 itens para o comportamento financeiro (COMPF1-COMPF9) e 8 itens para a atitude financeira (ATF1-ATF8). O conhecimento financeiro foi operacionalizado por meio da pontuação total obtida pelos respondentes nas oito questões objetivas do instrumento, atribuindo-se 1 ponto para cada acerto e 0 para cada erro, resultando em um indicador único denominado SCORE_CF. Os resultados dessa configuração inicial são apresentados na Tabela 12.

Tabela 12 - Confiabilidade e validade convergente do modelo de mensuração inicial

Construto	α	rhoA	rhoC	AVE
HA	0.846	0.851	0.846	0.580
CM	0.807	0.884	0.793	0.461*
COMPF	0.889	0.911	0.893	0.491*
ATF	0.722	0.818	0.735	0.297*
SCORE_CF	1.000	1.000	1.000	1.000
BEF	0.847	0.874	0.849	0.374*

Fonte: Elaborado pela autora, 2026.

Nota. Construtos: HA = Habilidade de autocontrole; CM = Viés de contabilidade mental; COMPF = Comportamento financeiro; ATF = Atitude financeira; SCORE_CF = Conhecimento financeiro; BEF = Bem-estar financeiro. Estatísticas: α = alfa de Cronbach; rhoA = confiabilidade de Dijkstra-Henseler; rhoC = confiabilidade composta; AVE = variância média extraída. Valores de referência: α , rhoA e rhoC > 0,70; AVE > 0,50 (Hair et al., 2021). *AVE abaixo do limiar mínimo recomendado de 0,50 (Hair et al., 2021). n = 318.

A avaliação inicial do modelo de mensuração, cujos resultados são apresentados na Tabela 7, revelou que quatro dos cinco construtos reflexivos não atingiram o limiar mínimo de variância média extraída (AVE) de 0,50 recomendado por Hair et al. (2021), indicando que os indicadores compartilhavam mais variância com o termo de erro do que com o próprio construto latente. Os índices de confiabilidade (α , rhoA e rhoC) foram satisfatórios para todos os construtos, superando o limiar de 0,70.

Diante desses resultados, foi necessário realizar o refinamento iterativo do modelo de mensuração com base na análise das cargas fatoriais individuais de cada indicador. O critério adotado foi a exclusão sequencial dos itens com cargas mais baixas, avaliando a cada etapa o impacto sobre a AVE do respectivo construto, até que todos os construtos atingissem o limiar mínimo de 0,50. As cargas fatoriais detalhadas do modelo inicial, com todos os itens originais, são apresentadas no Apêndice A para consulta.

Como resultado desse processo, foram excluídos os itens BEF3, BEF6, BEF7, BEF9 e BEF10 do construto de BEF; COMPF1 e COMPF2 do comportamento financeiro; e ATF1, ATF2, ATF3, ATF5, ATF7 e ATF8 da atitude financeira. Para o construto de contabilidade mental, a escala original de cinco itens apresentou problemas psicométricos que inviabilizaram sua utilização completa, sendo adotado o item CM3 como indicador único. O construto de habilidade de autocontrole (HA) não necessitou de ajustes, mantendo seus quatro itens originais. Os resultados do modelo de mensuração refinado são apresentados na Tabela 13.

Tabela 13 - Confiabilidade e validade convergente do modelo de mensuração final

Construto	α	rhoA	rhoC	AVE
HA	0,846	0,855	0,846	0,580
COMPF	0,891	0,906	0,896	0,556
ATF	0,665	0,690	0,675	0,512
BEF	0,842	0,852	0,843	0,521

Fonte: Elaborado pela autora, 2026.

Nota. Construtos: HA = Habilidade de autocontrole; CM = Viés de contabilidade mental; COMPF = Comportamento financeiro; ATF = Atitude financeira; SCORE_CF = Conhecimento financeiro; BEF = Bem-estar financeiro. Estatísticas: α = alfa de Cronbach; rhoA = confiabilidade de Dijkstra-Henseler; rhoC = confiabilidade composta; AVE = variância média extraída. Todos os construtos atendem aos critérios de confiabilidade e validade convergente recomendados por Hair et al. (2021): α , rhoA e rhoC > 0,70; AVE > 0,50 (Hair et al., 2021).

Após o refinamento iterativo, o modelo de mensuração final atendeu aos critérios de confiabilidade e validade convergente recomendados por Hair et al. (2021), conforme demonstrado na Tabela 8. Todos os construtos reflexivos com múltiplos indicadores apresentaram α , rhoA e rhoC acima de 0,70, e AVE superior a 0,50. O construto ATF, composto

por dois indicadores, apresentou $\alpha = 0,665$, valor levemente abaixo do limiar convencional, o que é aceitável no contexto do PLS-SEM para construtos com número reduzido de indicadores, uma vez que os demais critérios ($\rho C = 0,675$ e $AVE = 0,512$) foram satisfatoriamente atendidos (Hair et al., 2021). A avaliação da validade discriminante é apresentada na Tabela 14.

Tabela 14 - Validade discriminante (*Bootstrapped* HTMT)

Construto	SCORE_CF	HÁ	ATF	COMPF	BEF
SCORE_CF	-				
HA	0,171	-			
ATF	0,306	0,736	-		
COMPF	0,246	0,792	0,826	-	
BEF	0,252	0,713	0,816	0,835	-

Fonte: Elaborado pela autora, 2026.

Nota. Construtos: SCORE_CF = Conhecimento financeiro; HA = Habilidade de autocontrole; ATF = Atitude financeira; COMPF = Comportamento financeiro; BEF = Bem-estar financeiro. HTMT = *Heterotrait-Monotrait Ratio*. Valores abaixo de 0,90 indicam validade discriminante satisfatória (Hair et al., 2021). Estimação *bootstrap* com 10.000 reamostras ($n = 318$).

A validade discriminante foi avaliada pelo critério HTMT com estimação *bootstrap* de 10.000 reamostras (Hair et al., 2021). Todos os pares de construtos apresentaram valores abaixo do limiar máximo de 0,90, confirmando que os construtos medem fenômenos conceitualmente distintos. O par com maior proximidade foi COMPF e BEF (HTMT = 0,835), resultado suportado pela relação teórica entre comportamento financeiro positivo e BEF percebido, uma vez que melhores comportamentos financeiros implicam aumento significativo do BEF (Bai, 2023; Vieira et al., 2021), permanecendo dentro do critério estabelecido de 0,90 (Hair et al., 2021). O Quadro 12 sintetiza a composição final do modelo de mensuração após o refinamento.

Quadro 12 - Composição final do modelo de mensuração

Construto	Indicadores finais
Bem-estar financeiro (BEF)	BEF1, BEF2, BEF4, BEF5, BEF8
Habilidade de autocontrole (HA)	HA1, HA2, HA3, HA4
Contabilidade mental (CM)	CM3 (indicador único)
Comportamento financeiro (COMPF)	COMPF3, COMPF4, COMPF5, COMPF6, COMPF7, COMPF8, COMPF9
Atitude financeira (ATF)	ATF4, ATF6
Conhecimento financeiro (SCORE_CF)	SCORE_CF (indicador único)

Fonte: Elaborado pela autora, 2026.

4.8 Avaliação do modelo estrutural

4.8.1 Avaliação de Colinearidade

Para iniciar à análise dos caminhos estruturais, avaliou-se a colinearidade entre os construtos que predizem diretamente o BEF. A colinearidade ocorre quando dois ou mais construtos independentes são altamente correlacionados entre si, o que pode dificultar a identificação da contribuição individual de cada um para explicar a variável dependente (Hair et al., 2021).

O critério adotado foi o *Variance Inflation Factor* (VIF), calculado a partir dos escores latentes estimados pelo modelo. Conforme Hair et al. (2021) valores de VIF acima de 5,0 indicam colinearidade problemática, embora níveis inferiores, entre 3 e 5, também possam demandar atenção. Os resultados obtidos foram HA (VIF = 2,001), ATF (VIF = 1,784) e COMPF (VIF = 2,320), indicando níveis aceitáveis de colinearidade entre os construtos preditores do modelo estrutural. Isso indica que cada construto contribui com uma parcela própria e distinta para a explicação do BEF, permitindo a interpretação dos coeficientes de caminho com adequado nível de confiabilidade.

4.8.2 Avaliação de significância e relevância dos relacionamentos

A avaliação da significância e relevância dos caminhos estruturais foi realizada por meio da técnica *bootstrap* com 10.000 reamostras (Streukens & Leroi-Werelds, 2016), procedimento recomendado para obtenção de estimativas robustas em PLS-SEM. A técnica permitiu estimar os coeficientes padronizados (β), os t-values e os intervalos de confiança de 95% para cada relação do modelo. Um coeficiente foi considerado significativo quando o valor zero não esteve contido no intervalo de confiança de 95% (Hair et al., 2021). Os coeficientes padronizados indicam a intensidade e a direção das relações entre os construtos do modelo, sendo que valores absolutos mais elevados de β representam relações estruturais mais relevantes. A Tabela 15 demonstra os caminhos estruturais.

Tabela 15 - Caminhos estruturais do modelo PLS-SEM

Caminho	β	Média Boot.	DP Boot.	T-stat.	IC 2,5%	IC 97,5%	p-valor	Sig.
SCORE_CF → HA	0,168	0,168	0,065	2,577	0,039	0,295	0,009	**
SCORE_CF → COMPF	0,103	0,103	0,044	2,367	0,017	0,190	0,021	*
SCORE_CF → ATF	0,183	0,183	0,052	3,492	0,080	0,285	0,001	***
SCORE_CF → BEF	0,018	0,014	0,051	0,341	-0,093	0,108	0,737	ns

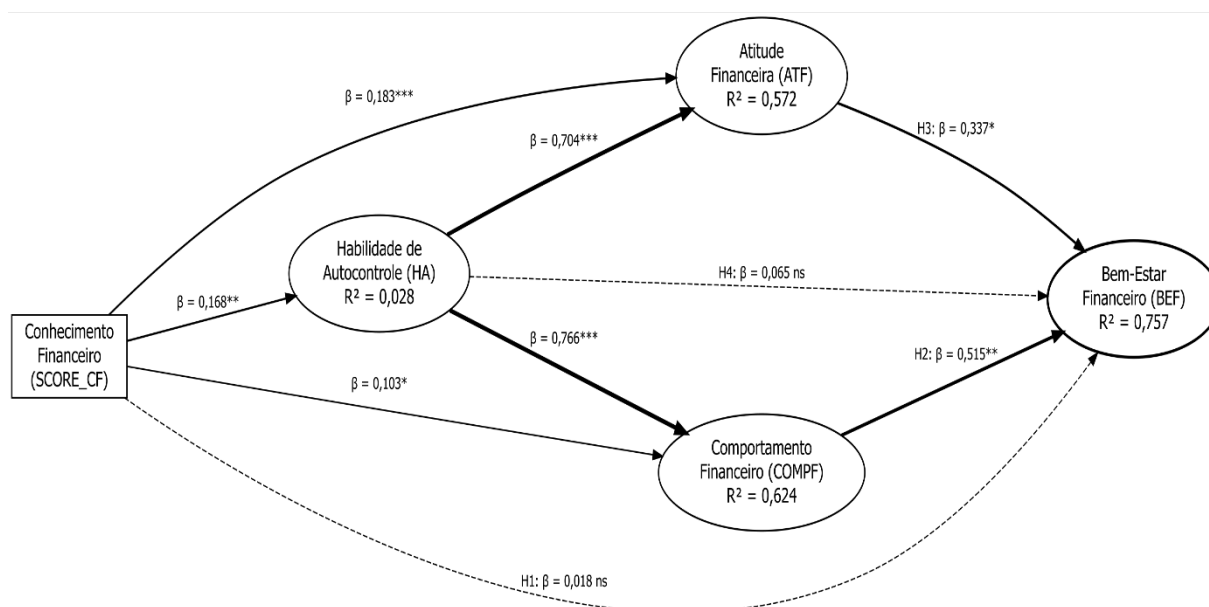
Caminho	β	Média Boot.	DP Boot.	T-stat.	IC 2,5%	IC 97,5%	p-valor	Sig.
HA → COMPF	0,766	0,767	0,035	22,018	0,696	0,832	<0,001	***
HA → ATF	0,704	0,705	0,054	12,920	0,595	0,807	<0,001	***
HA → BEF	0,065	0,051	0,111	0,585	-0,178	0,250	0,597	ns
COMPF → BEF	0,515	0,502	0,154	3,352	0,191	0,751	0,010	**
ATF → BEF	0,337	0,365	0,194	1,732	0,074	0,785	0,011	*

Fonte: Elaborado pela autora, 2026.

Nota. Construtos: SCORE_CF = Conhecimento financeiro; HA = Habilidade de autocontrole; COMPF = Comportamento financeiro; ATF = Atitude financeira; BEF = Bem-estar financeiro. Estatísticas: β = coeficiente de caminho padronizado; Média Boot. = média *bootstrap*; DP Boot. = desvio padrão *bootstrap*; T-stat. = estatística t; IC = intervalo de confiança. *Bootstrap* com 10.000 reamostras (*seed* = 1). n = 318.

* p < 0,05; ** p < 0,01; *** p < 0,001; ns = não significativo.

Figura 3 - Modelo estrutural estimado



Fonte: Elaborado pela autora, 2026.

Nota. Linhas contínuas indicam caminhos estatisticamente significativos e linhas tracejadas, caminhos não significativos. β = coeficiente de caminho padronizado; *p < 0,05; **p < 0,01; ***p < 0,001; ns = não significativo (*bootstrap*, 10.000 reamostras; n = 318). As hipóteses de mediação (H5a a H5e) correspondem a combinações dos caminhos exibidos e são avaliadas na Tabela 11. As cargas fatoriais do modelo de mensuração constam nas Tabelas 7 a 9. O construto viés de contabilidade mental (H6) foi excluído do modelo por inadequação psicométrica.

Os resultados indicam que sete dos nove caminhos estruturais testados foram estatisticamente significativos ao nível de 5%, com intervalos de confiança *bootstrap* de 95% não cruzando o zero (Hair et al., 2021), conforme detalhado na Tabela 10. Os dois caminhos não significativos, HA → BEF e SCORE_CF → BEF, evidenciam que a habilidade de autocontrole e o conhecimento financeiro não exercem efeitos diretos sobre o BEF.

Considerando que as hipóteses postulam que a habilidade de autocontrole e o conhecimento financeiro influenciam o BEF por meio da atitude e do comportamento

financeiros, procedeu-se ao exame dos efeitos indiretos específicos, conduzido via *bootstrap* com 10.000 reamostras (Hair et al., 2021), conforme apresentado na Tabela 16.

Tabela 16 - Efeitos diretos, indiretos e totais sobre o BEF.

Tipo	Caminho	B	IC 2,5%	IC 97,5%	p-valor	Sig.
Direto	HA → BEF	0,065	-0,178	0,250	0,597	ns
Indireto	HA → COMPF → BEF	0,394	0,148	0,587	0,010	**
Indireto	HA → ATF → BEF	0,237	0,051	0,603	0,011	*
Total	HA → BEF	0,696	0,603	0,781	-	***
Direto	SCORE_CF → BEF	0,018	- 0,093	0,108	0,737	ns
Indireto	SCORE_CF → COMPF → BEF	0,053	0,005	0,108	0,030	*
Indireto	SCORE_CF → ATF → BEF	0,062	0,010	0,167	0,012	*
Total	SCORE_CF → BEF	0,249	0,132	0,364	-	***

Fonte: Elaborado pela autora, 2026.

Nota. Construtos: HA = Habilidade de autocontrole; COMPF = Comportamento financeiro; ATF = Atitude financeira; BEF = Bem-estar financeiro; SCORE_CF = Conhecimento financeiro. β = coeficiente de caminho padronizado; IC = intervalo de confiança de 95%. Estimação por *bootstrap* com 10.000 reamostras (seed = 1); n = 318. O efeito indireto de cada caminho corresponde ao produto dos coeficientes diretos que o compõem, e o efeito total resulta da soma dos efeitos direto e indiretos. No caso do conhecimento financeiro, o efeito total contempla, além dos efeitos indiretos especificados na tabela, os caminhos seriais mediados pela habilidade de autocontrole (SCORE_CF → HA → BEF; SCORE_CF → HA → COMPF → BEF; SCORE_CF → HA → ATF → BEF). Para os efeitos totais, a significância é inferida pelo IC 95% não cruzar o zero. ns = não significativo; *p < 0,05; **p < 0,01; ***p < 0,001.

O modelo estrutural estimado buscou responder à questão central desta pesquisa: de que forma a alfabetização financeira e os vieses comportamentais de autocontrole e contabilidade mental influenciam a percepção de BEF entre associados de uma cooperativa de crédito, e como esses fatores podem subsidiar ações educativas mais eficazes? Por meio do teste de dez hipóteses, que contemplam os efeitos diretos dos construtos sobre o BEF (H₁ a H₄ e H₆) e os caminhos de mediação entre eles (H_{5a} a H_{5e}). Os coeficientes estimados, intervalos de confiança e níveis de significância encontram-se nas Tabelas 10 e 11; a interpretação dos achados é apresentada na sequência, conectando os resultados empíricos aos pressupostos teóricos e às evidências discutidas na revisão da literatura.

Cabe, inicialmente, um esclarecimento metodológico sobre a mensuração do autocontrole. A escala adotada de Tangney et al. (2004) em sua versão validada no Brasil por Ponchio et al. (2019) operacionaliza a habilidade de autocontrole, a capacidade disposicional de regular pensamentos, emoções e impulsos; de modo que escores mais elevados indicam maior capacidade de autorregulação. O viés de autocontrole, por sua vez, constitui a manifestação da falha dessa habilidade, manifesta-se quando a capacidade de autorregulação é insuficiente para conter a preferência pela gratificação imediata (Pompian, 2012). Habilidade e viés expressam, assim, dimensões distintas de um mesmo processo comportamental.

Essa distinção também é observada no estudo de Hamid (2025), que utilizaram itens dos trabalhos de Strömbäck et al. (2017) e Tangney et al. (2004), pontuado na direção do viés onde escores mais altos indicaram maior propensão à falha de autocontrole, constatou que o viés de autocontrole se associa a maior risco de superendividamento entre detentores de crédito, desfecho que compromete o BEF. Assim, embora esta pesquisa não tenha mensurado o viés diretamente, os resultados permitem inferir, por complementaridade conceitual, que sua manifestação, isto é, baixos níveis de habilidade de autocontrole, está associada a atitudes e comportamentos financeiros menos adequados e, por essa via, a menor percepção de BEF entre os cooperados.

Em relação à H1, que previa efeito direto positivo do conhecimento financeiro sobre o BEF, os resultados não suportaram a hipótese: o coeficiente foi próximo de zero e não significativo. Esse resultado, contudo, não indica que o conhecimento financeiro seja irrelevante para o bem-estar, uma vez que seu efeito total sobre o BEF foi positivo e significativo ($\beta = 0,249$), mas que sua influência se materializa integralmente por caminhos indiretos. O achado converge com evidências na literatura, Xiao et al. (2014) constataram que o conhecimento financeiro objetivo perde significância sobre a satisfação financeira em análises multivariadas; Riitsalu e Murakas (2019) demonstraram que o comportamento financeiro prudente é preditor mais forte do BEF do que o conhecimento objetivo; e, no contexto brasileiro, Ponchio et al. (2019) identificaram que o conhecimento financeiro perde significância na presença de variáveis psicológicas e comportamentais. Dessa forma, H1 não foi confirmada em sua formulação direta.

Em relação à H2, que previa efeito direto positivo do comportamento financeiro sobre o BEF, os resultados confirmaram a hipótese. O comportamento financeiro apresentou o efeito direto mais expressivo sobre o BEF dentre todos os preditores do modelo, resultado consistente com Vieira et al. (2021), que identificaram o comportamento financeiro como o principal determinante do BEF entre beneficiários de programa habitacional brasileiro, e com Das e Mahapatra (2023), para quem práticas como o orçamento e a poupança constituem o pilar da alfabetização financeira com maior impacto sobre o bem-estar. O achado também se alinha às evidências longitudinais de Mende e van Doorn (2015), que demonstraram a precedência temporal dos comportamentos financeiros sobre a melhora do BEF objetivo e subjetivo. Dessa forma, H2 é confirmada.

No teste da H3, que previa efeito direto positivo da atitude financeira sobre o BEF, os resultados confirmaram a hipótese. Cooperados com disposições mais favoráveis ao

planejamento e à orientação para o futuro percebem maior BEF, em conformidade com Shim et al. (2009), que posicionam as atitudes financeiras entre os antecedentes centrais do BEF de adultos, e com a perspectiva de Drever et al. (2015), segundo a qual as atitudes traduzem capacidades latentes em disposições que sustentam a percepção de segurança financeira. Dessa forma, H3 é confirmada.

Em relação à H4, que previa efeito direto positivo da habilidade de autocontrole sobre o BEF, os resultados não suportaram a relação direta. Em contrapartida, os efeitos da habilidade de autocontrole sobre o comportamento financeiro ($\beta = 0,766$) e sobre a atitude financeira ($\beta = 0,704$) foram os mais expressivos de todo o modelo, e esses construtos, por sua vez, determinam o BEF. O efeito total da habilidade de autocontrole sobre o BEF ($\beta = 0,696$) confirma sua influência expressiva sobre o BEF, ainda que integralmente mediada. Esse achado é coerente com a Hipótese do Ciclo de Vida Comportamental (Shefrin & Thaler, 1988), onde conflito entre o planejador, orientado à utilidade de longo prazo, e o executor, voltado à gratificação imediata, o autocontrole não produz bem-estar por si só, mas pela sua capacidade de moldar decisões financeiras concretas, como poupar e planejar, o que explica por que seu efeito se manifesta por meio do comportamento e da atitude financeira. Dessa forma, H4 não foi confirmada em sua formulação direta.

As hipóteses de mediação foram confirmadas, sugerindo que a influência do conhecimento financeiro e do autocontrole sobre o BEF ocorre de forma indireta, por meio de atitudes e comportamentos financeiros. Em relação a H5a, o efeito indireto do conhecimento financeiro sobre o BEF por meio da atitude financeira foi positivo e significativo, confirmando que o domínio de conceitos financeiros favorece disposições mais orientadas ao planejamento, as quais sustentam o bem-estar (Joo & Grable, 2004; OECD, 2023). Em relação a H5c, o efeito indireto via comportamento financeiro também foi significativo, evidenciando que o conhecimento se converte em bem-estar quando traduzido em práticas adequadas de gestão dos recursos (Mende & van Doorn, 2015; Riitsalu & Murakas, 2019; Xiao et al., 2014; Younas et al., 2019).

Os resultados da relação proposta em H5b, comprovou que o conhecimento financeiro influenciou positivamente a habilidade de autocontrole, confirmando seu papel de antecedente da capacidade de autorregulação (Bai, 2023; Grohmann & Hamdan, 2021; Hamid, 2025). Como o efeito do autocontrole sobre o BEF se mostrou integralmente mediado, essa influência se propaga por caminhos seriais: o conhecimento fortalece o autocontrole, que

aprimora o comportamento e a atitude financeira, os quais conduzem ao BEF, parcela igualmente capturada pelo efeito total do conhecimento sobre o bem-estar.

Em relação a H5d, o efeito indireto da habilidade de autocontrole sobre o BEF por meio do comportamento financeiro foi o mais expressivo dentre as mediações testadas ($\beta = 0,394$). Esse resultado responde diretamente à agenda de pesquisa proposta por Strömbäck et al. (2017), que sugeriram investigar se o efeito do autocontrole sobre o BEF é imediato ou decorre de sua influência sobre o comportamento financeiro, e replica, no contexto brasileiro entre associados a uma cooperativa de crédito, o padrão de mediação total identificado por Younas et al. (2019), que, utilizando as mesmas escalas de autocontrole Tangney et al. (2004) e de BEF (CFPB, 2015) adotadas nesta pesquisa, constataram que o efeito do autocontrole sobre o bem-estar ocorre exclusivamente por meio do comportamento financeiro. Em relação a H5e, o efeito indireto via atitude financeira também foi significativo, indicando que a capacidade de autorregulação favorece disposições orientadas ao futuro que sustentam a percepção de bem-estar (Strömbäck et al., 2017). Dessa forma, H5a, H5b, H5c, H5d e H5e são confirmadas.

Em relação à H6, que previa efeito direto negativo do viés de contabilidade mental sobre o BEF, não foi possível testar a hipótese no modelo estrutural final. A escala de contabilidade mental de Muehlbacher e Kirchler (2019) não apresentou adequação psicométrica satisfatória nesta amostra, conforme detalhado na seção de avaliação do modelo de mensuração, sobretudo em razão da ausência de validade discriminante: os itens do construto apresentaram sobreposição conceitual com as dimensões de comportamento e atitude financeira, indicando que mensuravam, em parte, o mesmo fenômeno já capturado por esses construtos. Diante da impossibilidade de assegurar que a contabilidade mental constituísse um construto empiricamente distinto, optou-se por sua exclusão do modelo estrutural.

Uma observação realizada durante a pesquisa é que a literatura recente apresenta evidências mistas quanto à direção do efeito desse construto: enquanto estudos clássicos associam a contabilidade mental a decisões financeiras subótimas (Abeler & Marklein, 2008; Heath, 1995), investigações recentes identificam efeito protetor, ao constatar que a categorização mental dos recursos favorece a disciplina orçamentária e reduz o risco de superendividamento (Hamid, 2025; Zhang & Sussman, 2018). Essa ambivalência reforça duplamente a necessidade de instrumentos psicométricos adaptados ao contexto nacional, capazes de distinguir a contabilidade mental das demais dimensões do comportamento financeiro e de capturar suas facetas funcionais e disfuncionais. Dessa forma, H6 não pôde ser testada, constituindo uma limitação do estudo e uma oportunidade para investigações futuras.

Em síntese, os resultados apontam para uma mediação total, na qual o conhecimento financeiro e a habilidade de autocontrole influenciam o BEF apenas indiretamente. Essa relação ocorre por meio da atitude e do comportamento financeiro, que aproximam essas capacidades do BEF percebido. A decomposição da alfabetização financeira em seus três componentes (Lusardi & Mitchell, 2014; OCDE, 2023) permitiu identificar que não basta o cooperado deter conhecimento financeiro: é necessário que esse conhecimento se traduza em atitudes e comportamentos adequados para que o BEF seja alcançado, reforçando os achados de Ponchio et al. (2019) e Xiao e Porto (2017). Do ponto de vista prático, esse padrão tem implicação direta para as ações educativas das cooperativas de crédito, desenvolver programas centrados exclusivamente na transmissão de conteúdo tendem a apresentar eficácia limitada sobre o bem-estar dos cooperados, devendo ser complementados por estratégias que estimulem a mudança de comportamentos e o fortalecimento de atitudes e da capacidade de autorregulação.

O Quadro 13 apresenta as hipóteses e os resultados desta pesquisa de forma objetiva e sucinta:

Quadro 13 - Teste das hipóteses

Hipótese	Relação testada	Sinal esperado	Resultado	Decisão
H1	Conhecimento financeiro → BEF (efeito direto)	(+)	$\beta = 0,018$; ns	Não confirmada
H2	Comportamento financeiro → BEF	(+)	$\beta = 0,515^{**}$	Confirmada
H3	Atitude financeira → BEF	(+)	$\beta = 0,337^*$	Confirmada
H4	Habilidade de autocontrole → BEF (efeito direto)	(+)	$\beta = 0,065$; ns	Não confirmada
H5a	Conhecimento → Atitude → BEF	(+)	$\beta = 0,062^*$	Confirmada
H5b	Conhecimento → Autocontrole → BEF	(+)	SCORE_CF → HA: $\beta = 0,168^{**}$; propagação por caminhos seriais	Confirmada
H5c	Conhecimento → Comportamento → BEF	(+)	$\beta = 0,053^*$	Confirmada
H5d	Autocontrole → Comportamento → BEF	(+)	$\beta = 0,394^{**}$	Confirmada
H5e	Autocontrole → Atitude → BEF	(+)	$\beta = 0,237^*$	Confirmada
H6	Viés de contabilidade mental → BEF	(-)	Construto excluído do modelo por inadequação psicométrica	Não testável

Fonte: Elaborado pela autora, 2026.

Nota. β = coeficiente de caminho padronizado (efeito direto, para H1 a H4) ou efeito indireto específico (para H5a, H5c, H5d e H5e), conforme Tabelas 10 e 11. Em H5b, reporta-se o caminho Conhecimento → Autocontrole; como o efeito do autocontrole sobre o BEF é integralmente mediado pelo comportamento e pela atitude financeira, a mediação se completa por caminhos seriais (SCORE_CF → HA → COMPF/ATF → BEF). A escala de contabilidade mental (Muehlbacher & Kirchler, 2019) foi excluída do modelo estrutural por ausência de validade discriminante, impossibilitando o teste de H6. * $p < 0,05$; ** $p < 0,01$; ns = não significativo.

4.8.3 Avaliação do poder explicativo do modelo

O poder explicativo do modelo estrutural foi avaliado por meio do coeficiente de determinação R^2 , que indica a proporção da variância de cada construto endógeno explicada pelos seus preditores no modelo (Hair et al., 2021). Valores de R^2 acima de 0,75 são considerados substanciais, acima de 0,50 moderados e acima de 0,25 fracos (Hair et al., 2021). Os resultados são apresentados na Tabela 12.

Tabela 17 - Coeficiente de determinação (R^2) dos construtos endógenos

Construto	R^2	R^2 Ajustado	Classificação
HA	0,028	0,025	Fraco
ATF	0,572	0,569	Moderado
COMPF	0,624	0,622	Moderado
BEF	0,757	0,755	Substancial

Fonte: Elaborado pela autora, 2026.

Nota. Construtos: HA = Habilidade de autocontrole; ATF = Atitude financeira; COMPF = Comportamento financeiro; BEF = Bem-estar financeiro. R^2 = coeficiente de determinação; R^2 Ajustado = coeficiente de determinação ajustado pelo número de preditores. Classificação conforme Hair et al. (2021): $R^2 > 0,75$ = substancial; $R^2 > 0,50$ = moderado; $R^2 > 0,25$ = fraco. n = 318.

O construto BEF apresentou $R^2 = 0,757$, classificado como substancial, indicando que os construtos de atitude financeira, comportamento financeiro e habilidade de autocontrole explicam conjuntamente 75,7% da variância do BEF percebido dos cooperados. Esse resultado evidencia o elevado poder explicativo do modelo e confirma que as dimensões da alfabetização financeira e o autocontrole são determinantes relevantes do BEF no contexto estudado.

Os construtos COMPF ($R^2 = 0,624$) e ATF ($R^2 = 0,572$) apresentaram valores moderados, indicando que o conhecimento financeiro e a habilidade de autocontrole, em conjunto, explicam 62,4% das diferenças no comportamento financeiro e 57,2% das diferenças na atitude financeira dos cooperados. Isso indica que cooperados com maior conhecimento financeiro e maior habilidade de autocontrole tendem a apresentar comportamentos e atitudes financeiras mais positivos. Esses resultados reforçam que o conhecimento e o autocontrole são antecedentes relevantes e complementares das atitudes e comportamentos financeiros, e que por esse caminho, contribuem indiretamente para o BEF dos cooperados.

O construto HA apresentou $R^2 = 0,028$, classificado como fraco, indicando que o conhecimento financeiro explica apenas 2,8% da variância da habilidade de autocontrole. Esse resultado é esperado e não representa uma limitação do modelo, o autocontrole é uma característica predominantemente individual e comportamental, influenciada por fatores psicológicos, cognitivos e de personalidade que vão além do conhecimento financeiro (Haws

et al., 2012). O baixo R^2 de HA indica que o conhecimento financeiro, embora contribua significativamente para o autocontrole ($\beta = 0,168$; $p = 0,009$), não é seu principal determinante.

Concluída a avaliação dos modelos de mensuração e estrutural, a seção seguinte apresenta as conclusões do estudo.

5 CONCLUSÃO

O BEF é um construto central para compreender a saúde financeira dos indivíduos, pois expressa segurança no presente, capacidade de enfrentar imprevistos e planejamento de longo prazo (CFPB, 2015). Sua relevância decorre do reconhecimento de que as decisões financeiras são influenciadas por fatores cognitivos, emocionais e comportamentais. Considerando a importância do BEF, o objetivo deste estudo foi analisar a influência da alfabetização financeira e dos vieses comportamentais de autocontrole e contabilidade mental sobre o BEF percebido por associados de uma cooperativa de crédito no Centro-Oeste de Minas Gerais. Para tanto empregou-se a Modelagem de Equações Estruturais por mínimos quadrados parciais (PLS-SEM), com estimação conduzida no *software* R, a partir de uma amostra de 318 associados.

Os resultados indicaram que a maioria dos cooperados apresenta níveis intermediários de BEF e que o perfil típico dos respondentes com maiores níveis de BEF corresponde a indivíduos casados e com maior renda, únicas variáveis sociodemográficas que discriminaram significativamente os grupos analisados. A decomposição da alfabetização financeira em seus três componentes permitiu compreender de que forma cada dimensão se relaciona com o BEF. O comportamento financeiro apresentou o efeito direto mais expressivo de todo o modelo, e a atitude financeira também influenciou positivamente o bem-estar, enquanto o conhecimento financeiro não exerceu efeito direto significativo, atuando como antecedente das atitudes e dos comportamentos financeiros. Esse padrão confirmou as hipóteses relativas ao comportamento e à atitude, bem como as relações de mediação que conectam o conhecimento ao bem-estar por vias indiretas, e indicou que o conhecimento financeiro, isoladamente, não se traduz em maior BEF.

Quanto à habilidade de autocontrole, os resultados revelaram que sua influência sobre o BEF ocorre na direção esperada, porém de forma integralmente mediada. Embora o efeito direto sobre o BEF não tenha apresentado significância estatística, os efeitos do autocontrole sobre a atitude e o comportamento financeiro destacaram-se entre os mais expressivos do modelo, e foi por meio desses mediadores que sua influência se converteu em bem-estar percebido. As hipóteses de mediação associadas ao autocontrole foram, assim, confirmadas, reforçando a compreensão de que a capacidade de autorregulação favorece o BEF na medida em que se materializa em disposições e práticas financeiras mais adequadas.

Cabe esclarecer que a habilidade de autocontrole e o viés de autocontrole constituem polos opostos de um mesmo fenômeno: o viés se manifesta justamente quando a capacidade de autorregulação falha diante da preferência pela gratificação imediata (Pompian, 2012). Assim, ainda que esta pesquisa tenha mensurado a habilidade, seus resultados permitem inferir, por complementaridade conceitual, que a presença do viés, isto é, a baixa capacidade de autocontrole, tende a comprometer a formação de atitudes e comportamentos financeiros adequados e, por essa via, a reduzir o BEF percebido pelos cooperados.

A hipótese relativa ao viés de contabilidade mental não pôde ser testada. A escala de (Muehlbacher & Kirchler, 2019) não apresentou adequação psicométrica satisfatória nesta amostra, sobretudo pela ausência de validade discriminante. Diante da impossibilidade de assegurar que a contabilidade mental constituísse um construto empiricamente distinto, optou-se por sua exclusão do modelo estrutural.

Teoricamente, este estudo demonstra como a Economia Comportamental oferece uma visão mais realista do BEF ao considerar fatores cognitivos e emocionais em vez de uma racionalidade plena. Fundamentada na Hipótese do Ciclo de Vida Comportamental, a pesquisa explorou o conflito interno entre o "planejador" focado no futuro e o "executor" atraído pelo consumo imediato. Os resultados revelam que o conhecimento financeiro e o autocontrole não geram bem-estar de forma direta; eles precisam ser convertidos em atitudes e comportamentos práticos para produzir efeitos concretos. Essa leitura permite compreender o BEF como resultado de uma relação comportamental, na qual saber sobre finanças e possuir maior capacidade de autorregulação só produzem efeitos concretos quando convertidos em planejamento, disciplina, controle dos gastos e práticas financeiras sustentáveis.

Nesse contexto, a proposta de inovação deste estudo consiste no desenvolvimento de um protótipo de aplicativo voltado ao diagnóstico e ao acompanhamento longitudinal do BEF dos cooperados, permitindo que a cooperativa monitore, ao longo do tempo, não apenas o nível de conhecimento financeiro, mas também aspectos comportamentais identificados como relevantes na pesquisa, especialmente a atitude financeira, o comportamento financeiro e a habilidade de autocontrole. Ao possibilitar avaliações periódicas e orientações personalizadas, a ferramenta pode auxiliar a cooperativa na formulação de ações educativas mais aderentes às necessidades reais dos associados. Dessa forma, a inovação proposta reforça o papel social das cooperativas de crédito na comunidade, não apenas como instituições de acesso a produtos e serviços financeiros, mas também como agentes capazes de promover autonomia, segurança financeira e melhoria do bem-estar dos indivíduos. Em complemento ao protótipo, propõe-se

um conjunto de ações inovadoras derivadas dos resultados e voltadas à promoção do BEF (Apêndice B).

Reconhecem-se as limitações deste estudo. O recorte empírico restrito a uma única cooperativa de crédito do Centro-Oeste de Minas Gerais limita a generalização dos achados para outros contextos institucionais e regionais. Além disso, a aplicação do questionário de forma *online* e autoadministrada pode ter restringido a participação de associados com menor familiaridade com recursos digitais, menor acesso à internet ou menor disposição para responder sem mediação presencial, o que pode ter limitado a captação de realidades importantes do público investigado. Por adotar delineamento transversal, o estudo captura o BEF em um único ponto no tempo, limitação relevante dado o caráter dinâmico desse construto, sujeito a oscilações contínuas por fatores internos e externos ao indivíduo. Recomenda-se, para pesquisas futuras, o acompanhamento longitudinal dos participantes, de modo a verificar a estabilidade das relações identificadas e a evolução do BEF ao longo do tempo.

Soma-se também a exclusão da contabilidade mental do modelo estrutural, decorrente da inadequação psicométrica do instrumento nesta amostra, o que impossibilitou avaliar integralmente o conjunto de relações inicialmente proposto sob a perspectiva da economia comportamental. Outra agenda para pesquisas futuras, seria ampliar a investigação para outras cooperativas, regiões e perfis de associados, bem como empregar ou desenvolver instrumentos capazes de distinguir empiricamente a contabilidade mental das demais dimensões do comportamento financeiro.

REFERÊNCIAS

Abeler, J., & Marklein, F. (2008). Fungibility, labels, and consumption.

Alevy, J. E., Landry, C. E., & List, J. A. (2015). Field experiments on the anchoring of economic valuations. *Economic Inquiry*, 53(3), 1522–1538.

<https://doi.org/10.1111/ecin.12201>

Allen, F., Demirguc-Kunt, A., Klapper, L., & Martinez Peria, M. S. (2016). The foundations of financial inclusion: Understanding ownership and use of formal accounts. *Journal of Financial Intermediation*, 27, 1–30. <https://doi.org/10.1016/j.jfi.2015.12.003>

ANBIMA. (2026). *Raio X do investidor brasileiro: 9ª edição*.

https://www.anbima.com.br/pt_br/especial/raio-x-do-investidor-brasileiro.htm

Antonides, G., de Groot, I. M., & van Raaij, W. F. (2011). Mental budgeting and the management of household finance. *Journal of Economic Psychology*, 32(4), 546–555.

<https://doi.org/10.1016/j.joep.2011.04.001>

Antonides, G., & Ranyard, R. (2018). Mental accounting and economic behaviour.

<https://doi.org/10.1002/9781118926352.ch8>

Ariely, D., & Wertenbroch, K. (2002). Procrastination, deadlines, and performance: Self-control by precommitment. *Psychological Science*, 13(3).

Bai, R. (2023). Impact of financial literacy, mental budgeting and self-control on financial wellbeing: Mediating impact of investment decision making. *PLOS ONE*, 18(11).

<https://doi.org/10.1371/journal.pone.0294466>

Baker, H. K., Kumar, S., Goyal, N., & Gaur, V. (2018). Financial literacy among youth.

International Journal of Social Economics, 45(1), 173–186. <https://doi.org/10.1108/IJSE-11-2016-0303>

Banco Central do Brasil. (2023). *Global Findex: O Brasil na comparação internacional* (Série Cidadania Financeira, No. 7). <https://www.bcb.gov.br/cidadaniafinanceira>

Banco Central do Brasil. (2025). *Panorama do Sistema Nacional de Crédito Cooperativo: Data-base dezembro/2024*.

https://www.bcb.gov.br/content/estabilidadefinanceira/coopcredpanorama/Panorama_Cooperativas_SNCC_FINAL_dez2024.pdf

Banco Central do Brasil. (2025). *Relatório de cidadania financeira 2025*.

https://www.bcb.gov.br/content/cidadaniafinanceira/documentos_cidadania/RIF/relatorio_de_cidadania_financeira_2025.pdf

Banco Mundial. (2022). *Brasil: Visão geral*. <https://www.worldbank.org/pt/country/brazil>

Barber, B. M., & Odean, T. (2001). Boys will be boys: Gender, overconfidence, and common stock investment. *The Quarterly Journal of Economics*, 116(1), 261–292.

<https://doi.org/10.1162/003355301556400>

- Bashir, I., & Qureshi, I. H. (2023). A systematic literature review on personal financial well-being: The link to key sustainable development goals 2030. *FIIB Business Review*, 12(1), 31–48. <https://doi.org/10.1177/23197145221106862>
- Biljanovska, N., & Palligkinis, S. (2018). Control thyself: Self-control failure and household wealth. *Journal of Banking and Finance*, 92, 280–294. <https://doi.org/10.1016/j.jbankfin.2016.10.010>
- Brüggen, E. C., Hogreve, J., Holmlund, M., Kabadayi, S., & Löfgren, M. (2017). Financial well-being: A conceptualization and research agenda. *Journal of Business Research*, 79, 228–237. <https://doi.org/10.1016/j.jbusres.2017.03.013>
- Cherchye, L., De Rock, B., Surana, K., & Vermeulen, F. (2020). Marital matching, economies of scale, and intrahousehold allocations. *The Review of Economics and Statistics*, 102(4), 823–837. https://doi.org/10.1162/rest_a_00829
- Chu, Z., Wang, Z., Xiao, J. J., & Zhang, W. (2017). Financial literacy, portfolio choice and financial well-being. *Social Indicators Research*, 132(2), 799–820. <https://doi.org/10.1007/s11205-016-1309-2>
- Consumer Financial Protection Bureau. (2015). *Measuring financial well-being: A guide to using the CFPB financial well-being scale*.
- Costa, M. F. da, Silva, D. W. O. da, & Campos, P. de O. (2020). Percepção de preço, autocontrole e arrependimento pós-compra: Um estudo com consumidores de compra coletiva. *Revista Interdisciplinar de Marketing*, 10(2), 121–137. <https://doi.org/10.4025/rimar.v10i2.51975>
- Das, S., & Mahapatra, S. K. (2023). The big three of financial literacy: Analyzing its influences on financial well-being. *FWU Journal of Social Sciences*, 17(2), 1–23. <https://doi.org/10.51709/19951272/Summer2023/1>
- De Brito Araújo, F. B., Rogers, P., Peixoto, F. M., & Rogers, D. (2022). Diversificação de ativos, bem-estar financeiro, qualidade de vida e saúde mental: Estudo no Brasil. *Revista Contabilidade & Finanças*, 33(90). <https://doi.org/10.1590/1808-057x20221470.pt>
- de Ridder, D. T. D., Lensvelt-Mulders, G., Finkenauer, C., Stok, F. M., & Baumeister, R. F. (2012). Taking stock of self-control. *Personality and Social Psychology Review*, 16(1), 76–99. <https://doi.org/10.1177/1088868311418749>
- Drever, A. I., Odders-White, E., Kalish, C. W., Else-Quest, N. M., Hoagland, E. M., & Nelms, E. N. (2015). Foundations of financial well-being: Insights into the role of executive function, financial socialization, and experience-based learning in childhood and youth. *Journal of Consumer Affairs*, 49(1), 13–38. <https://doi.org/10.1111/joca.12068>
- du Plessis, L., Jordaan, Y., & van der Westhuizen, L. M. (2024). Psychological needs and financial well-being: The role of consumer spending self-control. *Journal of Financial Services Marketing*. <https://doi.org/10.1057/s41264-024-00270-y>

- Elgeka, H. W. S., & Ma, J. (2020). Mental budgeting and the malleability of decision-making. *Psikohumaniora*, 5(2), 139–154. <https://doi.org/10.21580/pjpp.v5i2.5759>
- Faleiros, F., K  ppler, C., Pontes, F. A. R., Silva, S. S. da C., de Goes, F. dos S. N., & Cucick, C. D. (2016). Use of virtual questionnaire and dissemination as a data collection strategy in scientific studies. *Texto e Contexto Enfermagem*, 25(4). <https://doi.org/10.1590/0104-07072016003880014>
- Federa  o Brasileira de Bancos. (2024). *A saúde financeira do brasileiro:   ndice de Saúde Financeira do Brasileiro (I-SFB) 2024*. https://pefmbddiag.blob.core.windows.net/cdn/downloads/A_Saude_Financeira_do_Brasileiro_2024.pdf
- Frederick, S. (2005). Cognitive reflection and decision making. <https://doi.org/10.1257/089533005775196732>
- Grohmann, A., & Hamdan, J. S. (2021). *The effect of self-control and financial literacy on impulsive borrowing: Experimental evidence*. <https://ssrn.com/abstract=3864924>
- Hair, J. F., Ringle, C. M., & Sarstedt, M. (2011). PLS-SEM: Indeed a silver bullet. *Journal of Marketing Theory and Practice*, 19(2), 139–152. <https://doi.org/10.2753/MTP1069-6679190202>
- Hair, J. F., Hult, G. T. M., Ringle, C. M., Sarstedt, M., Danks, N. P., & Ray, S. (2021). *Partial least squares structural equation modeling (PLS-SEM) using R*. Springer International Publishing. <https://doi.org/10.1007/978-3-030-80519-7>
- Hamid, F. S. (2025). Behavioral biases and over-indebtedness in consumer credit: Evidence from Malaysia. *Cogent Economics & Finance*, 13(1). <https://doi.org/10.1080/23322039.2024.2449191>
- Hashmi, F., Aftab, H., Martins, J. M., Nuno Mata, M., Qureshi, H. A., Abreu, A., & Mata, P. N. (2021). The role of self-esteem, optimism, deliberative thinking and self-control in shaping the financial behavior and financial well-being of young adults. *PLOS ONE*, 16(9), e0256649. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0256649>
- Haws, K. L., Bearden, W. O., & Nenkov, G. Y. (2012). Consumer spending self-control effectiveness and outcome elaboration prompts. *Journal of the Academy of Marketing Science*, 40(5), 695–710. <https://doi.org/10.1007/s11747-011-0249-2>
- Heath, C. (1995). Escalation and de-escalation of commitment in response to sunk costs: The role of budgeting in mental accounting. *Organizational Behavior and Human Decision Processes*, 62(1), 38–54. <https://doi.org/10.1006/obhd.1995.1029>
- Heath, C., & Soll, J. B. (1996). Mental budgeting and consumer decisions. *Journal of Consumer Research*, 23.
- Hener, T. (2017). Effects of labeled child benefits on family savings. *Review of Economics of the Household*, 15(3), 759–777. <https://doi.org/10.1007/s11150-015-9291-z>

- Hodgkinson, G. P., Bown, N. J., Maule, A. J., Glaister, K. W., & Pearman, A. D. (1999). Breaking the frame: An analysis of strategic cognition and decision making under uncertainty. *Strategic Management Journal*, 20(10), 977–985. [https://doi.org/10.1002/\(SICI\)1097-0266\(199910\)20:10<977::AID-SMJ58>3.0.CO;2-X](https://doi.org/10.1002/(SICI)1097-0266(199910)20:10<977::AID-SMJ58>3.0.CO;2-X)
- Huston, S. J. (2010). Measuring financial literacy. *The Journal of Consumer Affairs*.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2023). *Em 2023, pobreza no país cai ao menor nível desde 2012*. <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/42043-em-2023-pobreza-no-pais-cai-ao-menor-nivel-desde-2012>
- Iram, T., Bilal, A. R., & Latif, S. (2024). Is awareness that powerful? Women's financial literacy support to prospects behaviour in prudent decision-making. *Global Business Review*, 25(5), 1356–1381. <https://doi.org/10.1177/0972150921996185>
- Joo, S., & Grable, J. E. (2004). An exploratory framework of the determinants of financial satisfaction. *Journal of Family and Economic Issues*, 25(1), 25–50. <https://doi.org/10.1023/B:JEEI.0000016722.37994.9f>
- Kahneman, D. (2003a). A perspective on judgment and choice: Mapping bounded rationality. *American Psychologist*, 58(9), 697–720. <https://doi.org/10.1037/0003-066X.58.9.697>
- Kahneman, D. (2003b). Maps of bounded rationality: Psychology for behavioral economics. *The American Economic Review*, 93, 1449–1475.
- Kahneman, D., & Tversky, A. (1979). Prospect theory: An analysis of decision under risk. *Econometrica*, 47(2).
- Kapelle, N., & Lersch, P. M. (2020). The accumulation of wealth in marriage: Over-time change and within-couple inequalities. *European Sociological Review*, 36(4), 580–593. <https://doi.org/10.1093/esr/jcaa006>
- Karlsson, N., Gärling, T., & Selart, M. (n.d.). Effects of mental accounting on intertemporal choice. <http://ssrn.com/abstract=2341080>
- Klapper, L., & Lusardi, A. (2020). Financial literacy and financial resilience: Evidence from around the world. *Financial Management*, 49(3), 589–614. <https://doi.org/10.1111/fima.12283>
- Kock, N., & Hadaya, P. (2018). Minimum sample size estimation in PLS-SEM: The inverse square root and gamma-exponential methods. *Information Systems Journal*, 28(1), 227–261. <https://doi.org/10.1111/isj.12131>
- Kuchciak, I., & Wiktorowicz, J. (2021). Empowering financial education by banks: Social media as a modern channel. *Journal of Risk and Financial Management*, 14(3). <https://doi.org/10.3390/jrfm14030118>
- LeBoeuf, R. A., & Shafir, E. (2003). Deep thoughts and shallow frames: On the susceptibility to framing effects. *Journal of Behavioral Decision Making*, 16(2), 77–92. <https://doi.org/10.1002/bdm.433>

- Lusardi, A., & Mitchell, O. S. (2011). Financial literacy and retirement planning in the United States. *Journal of Pension Economics and Finance*, 10(4), 509–525. <https://doi.org/10.1017/S147474721100045X>
- Lusardi, A., & Mitchell, O. S. (2014). The economic importance of financial literacy: Theory and evidence. *Journal of Economic Literature*, 52(1), 5–44. <https://doi.org/10.1257/jel.52.1.5>
- Lusardi, A., & Streeter, J. L. (2023). Financial literacy and financial well-being: Evidence from the US. *Journal of Financial Literacy and Wellbeing*, 1(2), 169–198. <https://doi.org/10.1017/flw.2023.13>
- Mahapatra, M. S., Raveendran, J., & De, A. (2019). Building a model on influence of behavioural and cognitive factors on personal financial planning: A study among Indian households. *Global Business Review*, 20(4), 996–1009. <https://doi.org/10.1177/0972150919844897>
- Mahapatra, M. S., Raveendran, J., & Mishra, R. K. (2022). Role of mental accounting in personal financial planning: A study among Indian households. *Psychological Studies*, 67(4), 568–582. <https://doi.org/10.1007/s12646-022-00683-6>
- Mahendru, M. (2021). Financial well-being for a sustainable society: A road less travelled. *Qualitative Research in Organizations and Management*, 16(3–4), 572–593. <https://doi.org/10.1108/QROM-03-2020-1910>
- Maital, S., & Maital, S. L. (n.d.). Is the future what it used to be? A behavioral theory of the decline of saving in the West. *The Journal of Socio-Economics*, 23(2), 1–32.
- McHugh, M. L. (2013). The chi-square test of independence. *Biochemia Medica*, 143–149. <https://doi.org/10.11613/BM.2013.018>
- Mende, M., & van Doorn, J. (2015). Coproduction of transformative services as a pathway to improved consumer well-being: Findings from a longitudinal study on financial counseling. *Journal of Service Research*, 18(3), 351–368. <https://doi.org/10.1177/1094670514559001>
- Mineiro, M. (2020). Pesquisa de survey e amostragem: Aportes teóricos elementares. *Survey and Sampling Research: Elementary Theoretical Contributions*, 284–306.
- Mountain, T. P., Kim, N., Serido, J., & Shim, S. (2021). Does type of financial learning matter for young adults' objective financial knowledge and financial behaviors? A longitudinal and mediation analysis. *Journal of Family and Economic Issues*, 42(1), 113–132. <https://doi.org/10.1007/s10834-020-09689-6>
- Mpaata, E., Koske, N., & Saina, E. (n.d.). Does self-control moderate financial literacy and savings behavior relationship? A case of micro and small enterprise owners. <https://doi.org/10.1007/s12144-021-02176-7>
- Muehlbacher, S., & Kirchler, E. (2019). Individual differences in mental accounting. *Frontiers in Psychology*, 10. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2019.02866>

- Nanda, A. P., & Banerjee, R. (2021). Consumer's subjective financial well-being: A systematic review and research agenda. *International Journal of Consumer Studies*, 45(4), 750–776. <https://doi.org/10.1111/ijcs.12668>
- Nitzl, C., Roldan, J. L., & Cepeda, G. (2016). Mediation analysis in partial least squares path modeling. *Industrial Management & Data Systems*, 116(9), 1849–1864. <https://doi.org/10.1108/IMDS-07-2015-0302>
- Norvilitis, J. M., Merwin, M. M., Osberg, T. M., Roehling, P. V., Young, P., & Kamas, M. M. (2006). Personality factors, money attitudes, financial knowledge, and credit-card debt in college students. *Journal of Applied Social Psychology*, 36(6), 1395–1413. <https://doi.org/10.1111/j.0021-9029.2006.00065.x>
- OCDE. (2023). *OECD economic surveys: Brazil 2023*. <https://www.oecd.org/economy/surveys/brazil-economic-snapshot/>
- OECD/INFE. (2020). *2020 international survey of adult financial literacy*. https://www.oecd.org/en/publications/oecd-infe-2020-international-survey-of-adult-financial-literacy_145f5607-en.html
- Organisation for Economic Co-operation and Development. (2023). *OECD/INFE 2023 international survey of adult financial literacy*. OECD Publishing. <https://doi.org/10.1787/56003a32-en>
- Peón, D., & Antelo, M. (2021). The effect of behavioral biases on financial decisions. *Revista Estrategia Organizacional*, 10(2). <https://doi.org/10.22490/25392786.4963>
- Pompian, M. (2012). *Behavioral finance and wealth management: How to build investment strategies that account for investor biases*. <https://doi.org/10.1002/9781119202400>
- Ponchio, M. C., Cordeiro, R. A., & Gonçalves, V. N. (2019). Personal factors as antecedents of perceived financial well-being: Evidence from Brazil. *International Journal of Bank Marketing*, 37(4), 1004–1024. <https://doi.org/10.1108/IJBM-03-2018-0077>
- Ponchio, M. C., Rohden, S. F., & Mette, F. B. (2023). Perceived financial well-being as antecedent of psychological well-being: Evidence from Brazil. *ReMark - Revista Brasileira de Marketing*, 21(5), 1631–1676. <https://doi.org/10.5585/remark.v21i5.21579>
- Potrich, A. C. G., Vieira, K. M., & Mendes-Da-Silva, W. (2016). Development of a financial literacy model for university students. *Management Research Review*, 39(3), 356–376. <https://doi.org/10.1108/MRR-06-2014-0143>
- Potrich, A. C. G., Vieira, K. M., & Kirch, G. (2018). How well do women do when it comes to financial literacy? Proposition of an indicator and analysis of gender differences. *Journal of Behavioral and Experimental Finance*, 17, 28–41. <https://doi.org/10.1016/j.jbef.2017.12.005>
- Prodanov, C. C., & Freitas, E. C. (2013). Metodologia do trabalho científico: Métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico (2a ed.). Feevale. <https://www.feevale.br/Comum/midias/0163c988-1f5d-496f-b118-a6e009a7a2f9/E-book%20Metodologia%20do%20Trabalho%20Cientifico.pdf>

- R Core Team. (2025). R: A language and environment for statistical computing. R Foundation for Statistical Computing. <https://www.R-project.org/>
- Ray, S., Danks, N., & Calero Valdez, A. (2026). *seminr: Building and estimating structural equation models (Versão 2.4.2)* [Software]. <https://doi.org/10.32614/CRAN.package.seminr>
- Rieger, M. O., Wang, M., Huang, P. K., & Hsu, Y. L. (2022). Survey evidence on core factors of behavioral biases. *Journal of Behavioral and Experimental Economics*, 100. <https://doi.org/10.1016/j.socec.2022.101912>
- Riitsalu, L., & Murakas, R. (2019). Subjective financial knowledge, prudent behaviour and income: The predictors of financial well-being in Estonia. *International Journal of Bank Marketing*, 37(4), 934–950. <https://doi.org/10.1108/IJBM-03-2018-0071>
- Riitsalu, L., & van Raaij, W. F. (2022). Current and future financial well-being in 16 countries. *Journal of International Marketing*, 30(3), 35–56. <https://doi.org/10.1177/1069031X221095076>
- Sahi, S. K. (2017). Psychological biases of individual investors and financial satisfaction. *Journal of Consumer Behaviour*, 16(6), 511–535. <https://doi.org/10.1002/cb.1644>
- Shefrin, H. M., & Thaler, R. H. (1988). The behavioral life-cycle hypothesis. *Economic Inquiry*, 26(4), 609–643. <https://doi.org/10.1111/j.1465-7295.1988.tb01520.x>
- Shim, S., Xiao, J. J., Barber, B. L., & Lyons, A. C. (2009). Pathways to life success: A conceptual model of financial well-being for young adults. *Journal of Applied Developmental Psychology*, 30(6), 708–723. <https://doi.org/10.1016/j.appdev.2009.02.003>
- Souza, G. H. D., Bressan, V. G. F., & Carrieri, A. de P. (2023). Desenvolvimento comunitário e cooperativismo de crédito: Influências nos modos de vida da comunidade chapadense. *Administração Pública e Gestão Social*. <https://doi.org/10.21118/apgs.v15i1.14299>
- Streukens, S., & Leroi-Werelds, S. (2016). Bootstrapping and PLS-SEM: A step-by-step guide to get more out of your bootstrap results. *European Management Journal*, 34(6), 618–632. <https://doi.org/10.1016/j.emj.2016.06.001>
- Strömbäck, C., Lind, T., Skagerlund, K., Västfjäll, D., & Tinghög, G. (2017). Does self-control predict financial behavior and financial well-being? *Journal of Behavioral and Experimental Finance*, 14, 30–38. <https://doi.org/10.1016/j.jbef.2017.04.002>
- Strömbäck, C., Skagerlund, K., Västfjäll, D., & Tinghög, G. (2020). Subjective self-control but not objective measures of executive functions predicts financial behavior and well-being. *Journal of Behavioral and Experimental Finance*, 27. <https://doi.org/10.1016/j.jbef.2020.100339>
- Tam, L., Yoon, S., & Wong, N. (2015). *The ant and the grasshopper: Understanding personal saving orientation of consumers*. <http://ssrn.com/abstract=2706943>

Tangney, J. P., Baumeister, R. F., & Boone, A. L. (2004). High self-control predicts good adjustment, less pathology, better grades, and interpersonal success. *Journal of Personality*, 72(2).

Teixeira, J. C., Nascimento, M. C. R., & Antonialli, L. M. (2013). Perfil de estudos em Administração que utilizaram triangulação metodológica: Uma análise dos anais do EnANPAD de 2007 a 2011. *Revista de Administração*, 48(4), 800–812.
<https://doi.org/10.5700/rausp1122>

Thaler, R. (1985). Mental accounting and consumer choice. *Marketing Science*, 4(3).
<http://www.jstor.org/stable/183904>

Thaler, R. H. (1990). Anomalies: Saving, fungibility, and mental accounts. *Journal of Economic Perspectives*, 4.

Thaler, R. H. (1999). Mental accounting matters. *Journal of Behavioral Decision Making*, 12(3), 183–206. [https://doi.org/10.1002/\(SICI\)1099-0771\(199909\)12:3<183::AID-BDM318>3.0.CO;2-F](https://doi.org/10.1002/(SICI)1099-0771(199909)12:3<183::AID-BDM318>3.0.CO;2-F)

Thaler, R. H., & Shefrin, H. M. (1981). An economic theory of self-control. *Journal of Political Economy*, 89(2), 392–406. <https://doi.org/10.1086/260971>

Tversky, A., & Kahneman, D. (1974). Judgment under uncertainty: Heuristics and biases. *Science*. <https://www.science.org>

Tversky, A., & Kahneman, D. (1981). The framing of decisions and the psychology of choice. *Science*. <https://www.science.org>

Tversky, A., & Kahneman, D. (1992). Advances in prospect theory: Cumulative representation of uncertainty. *Journal of Risk and Uncertainty*, 5.

Vieira, K. M., Bressan, A. A., & Fraga, L. S. (2021). Financial well-being of the beneficiaries of the Minha Casa Minha Vida program: Perception and antecedents. *Revista de Administração Mackenzie*, 22(2). <https://doi.org/10.1590/1678-6971/ERAMG210115>

Vieira, K. M., Potrich, A. C. G., & Bressan, A. A. (2020). A proposal of a financial knowledge scale based on item response theory. *Journal of Behavioral and Experimental Finance*, 28. <https://doi.org/10.1016/j.jbef.2020.100405>

Willis, L. E. (2011). The financial education fallacy. *American Economic Review*, 101(3), 429–434. <https://doi.org/10.1257/aer.101.3.429>

World Bank. (2023). *Brazil equity report: Gini coefficient trends and drivers*. <https://documents1.worldbank.org/curated/en/099072023134526692/pdf/BOSIB0bf484b270d508c2809049f2fffead.pdf>

Xiao, J. J., Chen, C., & Chen, F. (2014). Consumer financial capability and financial satisfaction. *Social Indicators Research*, 118(1), 415–432. <https://doi.org/10.1007/s11205-013-0414-8>

Xiao, J. J., & Porto, N. (2017). Financial education and financial satisfaction: Financial literacy, behavior, and capability as mediators. *International Journal of Bank Marketing*, 35(5), 805–817. <https://doi.org/10.1108/IJBM-01-2016-0009>

Younas, W., Javed, T., Kalimuthu, K. R., Farooq, M., Khalil, F., & Raju, V. (2019). Impact of self-control, financial literacy and financial behavior on financial well-being. *The Journal of Social Sciences Research*, 51, 211–218. <https://doi.org/10.32861/jssr.51.211.218>

Zhang, C. Y., & Sussman, A. B. (2018). Perspectives on mental accounting: An exploration of budgeting and investing. *Financial Planning Review*, 1(1–2). <https://doi.org/10.1002/cfp2.1011>

APÊNDICE A

Tabela 18 – Orientação financeira x Idade

Idade	Ne nh um a	Ajuda para sair de dívidas	Orientação sobre crédito e empréstimos	Informaçõ es sobre investimen tos	Planejame nto para aposentado ria	Orientação para organização do orçamento	Dicas de economia e controle de gastos
De 18 a 28 anos	0.8 %	5.9%	4.2%	41.2%	5.0%	7.6%	35.3%
De 29 a 39 anos	1.7 %	3.4%	4.3%	35.9%	6.8%	13.7%	34.2%
De 40 a 50 anos	2.2 %	13.0%	10.9%	39.1%	6.5%	6.5%	21.7%
De 51 a 60 anos	0.0 %	6.7%	13.3%	46.7%	10.0%	3.3%	20.0%
Igual ou superior a 61 anos	16.7 %	0.0%	16.7%	0.0%	33.3%	16.7%	16.7%

Fonte: Dados da pesquisa, 2026.

Tabela 19 – Orientação financeira x Estado civil

Estado Civil	Nenh uma	Ajuda para sair de dívidas	Orientação sobre crédito e empréstimos	Informações sobre investimentos	Planejamento para aposentadoria	Orientação para organização do orçamento	Dicas de economia e controle de gastos
Casado (a)	2.8%	2.8%	8.3%	47.2%	8.3%	5.6%	25.0%
Solteiro (a)	1.1%	8.4%	3.9%	34.1%	5.0%	11.2%	36.3%
Viúvo(a)	0.0%	0.0%	0.0%	0.0%	100.0%	0.0%	0.0%
Separado(a)	0.0%	0.0%	15.0%	40.0%	5.0%	20.0%	20.0%
Outros	0.0%	10.0%	10.0%	30.0%	20.0%	0.0%	30.0%

Tabela 20 – Orientação Financeira x Escolaridade

Escolaridade	Nenhum a	Ajuda para sair de dívidas	Orientaçã o sobre crédito e emprésti mos	Informações sobre investimentos	Planejame nto para aposentad oria	Orientação para organização do orçamento	Dicas de economia e controle de gastos
Ensino fundamental incompleto	0.0%	0.0%	0.0%	50.0%	0.0%	0.0%	50.0%
Ensino fundamental completo	25.0%	0.0%	25.0%	25.0%	25.0%	0.0%	0.0%
Ensino médio incompleto	0.0%	0.0%	0.0%	83.3%	0.0%	0.0%	16.7%
Ensino médio completo	0.0%	15.4%	5.1%	38.5%	7.7%	2.6%	30.8%
Ensino superior incompleto	1.3%	9.1%	7.8%	36.4%	6.5%	7.8%	31.2%
Ensino superior completo	1.0%	2.0%	5.1%	41.4%	4.0%	15.2%	31.3%
Pós-graduação	2.8%	4.2%	5.6%	33.8%	8.5%	11.3%	33.8%
Especialização, mestrado ou doutorado	0.0%	5.6%	11.1%	44.4%	5.6%	0.0%	33.3%
Outros	0.0%	0.0%	0.0%	0.0%	100.0%	0.0%	0.0%

Quadro 14 - Cargas fatorias do modelo de mensuração inicial (todos os itens)

Construto	Item	Carga fatorial (λ)
Bem-estar financeiro (BEF)	BEF1	0,714
	BEF2	0,794
	BEF3	0,561*

Construto	Item	Carga fatorial (λ)
	BEF4	0,647
	BEF5	0,606
	BEF6	0,452*
	BEF7	0,572*
	BEF8	0,827
	BEF9	0,395*
	BEF10	0,359*
Habilidade de autocontrole (HA)	HA1	0,703
	HA2	0,855
	HA3	0,754
	HA4	0,725
Contabilidade mental (CM)	CM1	0,541*
	CM2	0,453*
	CM3	0,702
	CM4	0,473*
	CM5	1,043**
Comportamento financeiro (COMPF)	COMPF1	0,445*
	COMPF2	0,507*
	COMPF3	0,691
	COMPF4	0,606
	COMPF5	0,611
	COMPF6	0,762
	COMPF7	0,855
	COMPF8	0,864
	COMPF9	0,828
Atitude financeira (ATF)	ATF1	0,440*
	ATF2	0,235*
	ATF3	0,568*
	ATF4	0,686
	ATF5	0,107*
	ATF6	0,872
	ATF7	0,607*
	ATF8	0,438*

Construto	Item	Carga fatorial (λ)
Conhecimento financeiro (SCORE_CF)	SCORE_CF	1,000

Fonte: Elaborado pela autora, 2026.

Nota. Estimação via PLS-SEM com 1.000 reamostras bootstrap ($n = 318$). SCORE_CF é operacionalizado como indicador único (carga = 1,000 por definição).

* Item excluído no processo de refinamento iterativo do modelo de mensuração.

** Carga superior à unidade, indicando multicolinearidade entre os indicadores do construto - item excluído no modelo refinado.

APÊNDICE B – PROPOSTA DE AÇÕES INOVADORAS A PARTIR DOS RESULTADOS

Os resultados do estudo empírico indicaram que o bem-estar financeiro (BEF) dos cooperados depende menos do conhecimento financeiro isolado e mais de sua conversão em atitudes e comportamentos financeiros consistentes, com a habilidade de autocontrole atuando de forma indireta sobre o BEF. A partir desses achados, propõem-se, a seguir, ações inovadoras que complementam o protótipo de diagnóstico desenvolvido e que podem orientar a atuação da cooperativa de crédito na promoção do BEF de seus associados.

Quadro 15 - Ações inovadoras propostas a partir dos resultados

Resultado da pesquisa	Ação inovadora proposta
O comportamento financeiro foi o principal preditor direto do bem-estar financeiro, enquanto o conhecimento financeiro atuou de forma indireta.	Substituir ações centradas apenas na transmissão de conteúdo por intervenções comportamentais integradas ao protótipo de aplicativo, como metas automáticas de poupança, lembretes de pagamento e estímulos à formação de hábitos.
A habilidade de autocontrole influenciou o bem-estar financeiro de forma totalmente mediada pela atitude e pelo comportamento financeiro.	Incorporar ao protótipo de aplicativo recursos de apoio à autorregulação, como cofrinhos digitais com metas, desafios de poupança e elementos de gamificação do controle de gastos.
O estado civil e a renda foram os únicos fatores sociodemográficos que diferenciaram significativamente os grupos.	Segmentar a comunicação e as trilhas de orientação por faixa de renda e situação familiar, personalizando metas, conteúdos e devolutivas.
A maioria dos cooperados apresentou nível intermediário de bem-estar financeiro, com limitações na formação de reservas e no planejamento de longo prazo.	Disponibilizar no protótipo de aplicativo uma trilha de resiliência financeira, voltada à constituição de reserva de emergência e ao planejamento de longo prazo.
A escala de contabilidade mental não apresentou adequação psicométrica, limitando a mensuração desse viés.	Testar, em versões futuras do protótipo, instrumentos alternativos de contabilidade mental, validando-os em coleta longitudinal junto aos cooperados.
O protótipo de aplicativo permite reavaliação a cada seis meses e mantém histórico individual de resultados.	Institucionalizar um ciclo semestral de diagnóstico e devolutiva, com painel gerencial agregado e anonimizado para orientar as políticas da cooperativa.

Fonte: Elaborado pela autora, 2026.

Em conjunto, essas ações posicionam o protótipo de aplicativo “Diagnóstico de Bem-Estar Financeiro” como porta de entrada de uma estratégia mais ampla de inovação social, na qual a cooperativa de crédito deixa de atuar apenas como provedora de produtos financeiros e passa a promover, de forma contínua e baseada em evidências, a autonomia e a segurança financeira de seus associados.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE MINAS
GERAIS – CAMPUS FORMIGA
MESTRADO PROFISSIONAL EM ADMINISTRAÇÃO

Andréa Rocha Pereira

PARTE 4 – RELATO DE PRODUTO TÉCNICO TECNOLÓGICO (PTT)⁴

Formiga – MG

2026

⁴ Produto técnico desenvolvido com apoio do Programa Inova-Pós/IFMG, conforme Edital nº 447/2024.

RELATO DE PRODUTO TÉCNICO TECNOLÓGICO (PTT)

Produto: Protótipo de aplicativo

Autores: Andréa Rocha Pereira; Lélis Pedro de Andrade; Bruno César de Melo Moreira.

Linha de Atuação: Finanças Comportamentais e Tomada de Decisão.

Projeto de Pesquisa: INFLUÊNCIA DA ALFABETIZAÇÃO FINANCEIRA E DOS VIESES DE AUTOCONTROLE E CONTABILIDADE MENTAL NO BEM-ESTAR FINANCEIRO: proposta de inovação para uma cooperativa de crédito do Centro-Oeste de Minas Gerais.

1. INTRODUÇÃO

O bem-estar financeiro (BEF) tem ocupado espaço relevante nas ações de cidadania financeira do Banco Central do Brasil (BCB), uma vez que a educação financeira é apresentada como meio para promover comportamentos que contribuem para o exercício da cidadania financeira e para o BEF das pessoas (BCB, 2026). O BEF pode ser compreendido como a capacidade do indivíduo de honrar seus compromissos atuais, sentir-se seguro com o futuro financeiro e fazer escolhas que permitam aproveitar a vida (CFPB, 2015). No Brasil, a Estratégia Nacional de Educação Financeira (ENEF) e as iniciativas de Cidadania Financeira do BCB evidenciam a relevância de ações e instrumentos voltados à compreensão e orientação das práticas financeiras da população, especialmente no que se refere à administração consciente dos recursos e à promoção do BEF (BCB, 2026).

Apesar do crescimento das pesquisas sobre alfabetização financeira, autocontrole e contabilidade mental (Bai, 2023; Lusardi & Mitchell, 2014; Muehlbacher & Kirchler, 2019; Vieira et al., 2021a), ainda são escassas as soluções tecnológicas, gratuitas e em língua portuguesa, que integrem essas três dimensões em um único diagnóstico aplicável ao cotidiano de cooperativas de crédito. As ferramentas existentes geralmente concentram-se em dimensões de orçamento, endividamento ou conhecimento financeiro, o que limita a compreensão sistêmica do BEF.

Nesse contexto, o presente Produto Técnico Tecnológico (PTT) consiste em um protótipo de aplicativo *web* responsivo, denominado “Diagnóstico de Bem-Estar Financeiro”, que avalia, de forma integrada e individualizada, quatro dimensões: (i) BEF percebido (CFBB, 2015; Vieira et al., 2021); (ii) habilidade de autocontrole financeiro (Ponchio et al., 2019); (iii) contabilidade mental (Muehlbacher & Kirchler, 2019); e (iv) alfabetização financeira

(conhecimento, atitude e comportamento) (Vieira et al., 2021a). O instrumento foi construído a partir das escalas utilizadas na dissertação da autora, vinculada ao projeto de pesquisa do PPGA/IFMG, e operacionalizado em uma plataforma de uso gratuito para os cooperados.

O objetivo do protótipo é disponibilizar à sociedade, em especial aos cooperados, gestores de cooperativas e pesquisadores, um instrumento prático, científico e acessível para diagnosticar o BEF, gerar orientações personalizadas com base nas diretrizes do BCB e acompanhar a evolução do cooperado a cada seis meses, contribuindo, assim, para a aplicação prática dos resultados da pesquisa e para o avanço das finanças comportamentais no Brasil.

Para alcançar esse propósito, foram realizadas quatro ações principais. A primeira, foi criar um repositório na plataforma GitHub, reunindo os códigos, dados e arquivos necessários à transparência, reprodutibilidade e funcionamento do protótipo. O repositório, apresentado no Apêndice 1, também permite que atualizações realizadas nos arquivos sejam refletidas automaticamente na aplicação, estando disponível em: <https://github.com/andrearochaedu/behavioral-finance-questions.git>

A segunda consistiu na modelagem do instrumento a partir das escalas científicas adotadas na dissertação, garantindo validade teórica e rigor metodológico. A terceira consistiu no desenvolvimento do protótipo na plataforma Lovable, com banco de dados, autenticação e versionamento integrados, e armazenamento dos dados em ambiente seguro (Lovable Cloud / Supabase), com *Row-Level Security*. E a quarta ação consistiu na publicação do protótipo em URL pública, vinculada à institucionalidade do projeto, com interface responsiva para *desktop* e dispositivos móveis, conforme APÊNDICE B. O protótipo do aplicativo pode ser acessado pelo link: <https://seu-verde-bemestar.lovable.app/dashboard>

2. ADERÊNCIA

O Produto Técnico, protótipo do aplicativo “Diagnóstico de Bem-Estar Financeiro”, oferece aos cooperados um diagnóstico individual e o acompanhamento longitudinal do BEF, contemplando dimensões da alfabetização financeira e aspectos comportamentais associados ao autocontrole e à contabilidade mental. O produto apresenta os instrumentos coletados, as escalas e as análises desenvolvidas no âmbito da pesquisa “INFLUÊNCIA DA ALFABETIZAÇÃO FINANCEIRA E DOS VIESES DE AUTOCONTROLE E CONTABILIDADE MENTAL NO BEM-ESTAR FINANCEIRO: proposta de inovação para uma cooperativa de crédito do Centro-Oeste de Minas Gerais”, e

relaciona-se, portanto, com a linha de Finanças Comportamentais e Tomada de Decisões, do Programa de Pós-Graduação em Administração do IFMG – Campus Formiga.

A proposta segue aos objetivos dessa linha, ao apresentar uma solução tecnológica que opera diretamente sobre vieses e habilidades comportamentais envolvidos no processo de tomada de decisão financeira do indivíduo. O produto também responde à necessidade de aproximar os achados teóricos e empíricos sobre o BEF em aplicações práticas capazes de apoiar o diagnóstico, o acompanhamento e a orientação financeira dos indivíduos. Essa proposta encontra respaldo na literatura, que destaca a relevância de indicadores de BEF para monitorar a evolução do bem-estar e orientar focos de atuação em programas de educação financeira, bem como a importância de considerar fatores como alfabetização financeira, autocontrole, contabilidade mental e outros aspectos comportamentais na promoção de melhores decisões e resultados financeiros (Bai, 2023; Ponchio et al., 2019; Stromback et al., 2017; Vieira et al., 2021a).

Adicionalmente, o produto foi desenvolvido no âmbito do projeto de pesquisa conduzido pela autora e seus orientadores, fundamentado na revisão da literatura, na análise empírica realizada e nos objetivos do programa. Para a construção da solução digital, utilizou-se a plataforma Lovable como ferramenta de apoio ao desenvolvimento do protótipo.

3. IMPACTO

A demanda para o desenvolvimento do protótipo foi do tipo espontânea, originada a partir da necessidade de transformar os resultados da dissertação em um instrumento aplicável ao público, principalmente aos associados da cooperativa, ampliando o acesso a um diagnóstico personalizado de BEF fundamentado em escalas científicas validadas e nas recomendações do BCB (2026).

O objetivo do produto é ofertar um acompanhamento mais próximo sobre o BEF e utilizar as dimensões de alfabetização financeira, do autocontrole e da contabilidade mental para ofertar ao cooperado um plano de ação prático e personalizado de modo a auxiliar na melhoria da sua percepção de BEF, com a possibilidade de reavaliação a cada seis meses para acompanhamento longitudinal da evolução.

O produto impacta, principalmente, três áreas. (i) Social: amplia o acesso da população cooperada a um instrumento gratuito de educação financeira, com potencial de redução de comportamentos de superendividamento e melhoria da qualidade de vida. (ii)

Econômica: contribui para a saúde financeira dos cooperados e, indiretamente, para a sustentabilidade da cooperativa de crédito, ao apoiar decisões mais conscientes sobre crédito, poupança e investimento. (iii) Acadêmica: fortalece a pesquisa em finanças comportamentais ao tornar disponível um instrumento de coleta longitudinal, com dados estruturados que podem subsidiar novos estudos e replicações.

4. APLICABILIDADE

O protótipo do aplicativo é diretamente aplicável em três contextos. No primeiro, a cooperativa de crédito pode oferecê-lo aos seus associados como ferramenta gratuita de autoavaliação financeira, integrando-o a programas internos de educação financeira e de relacionamento. No segundo, instituições de ensino podem utilizá-lo como recurso didático em disciplinas de finanças pessoais e comportamentais, permitindo que estudantes vivenciem, na prática, a aplicação de escalas validadas. No terceiro, pesquisadores podem utilizar o instrumento como base para coleta de dados primários e estudos longitudinais sobre BEF.

O acesso ocorre por meio do link público <https://seu-verde-bemestar.lovable.app>, sem custo para o usuário final. O cadastro é realizado com *e-mail* e senha, em ambiente protegido por autenticação e por políticas de Row-Level Security. O cooperado responde ao questionário em cerca de dez minutos e recebe, ao final, um relatório completo com diagnóstico por dimensão, plano de ação prioritário, pilares do BCB (2026) e próximos passos, com opções de exportação em PDF e compartilhamento via *WhatsApp*. A cada seis meses, é possível refazer o diagnóstico e visualizar a evolução em relação à avaliação anterior, com destaque para pontos de atenção.

5. INOVAÇÃO

Do ponto de vista de inovação, o produto se diferencia das soluções existentes em três frentes. (i) Integração de quatro dimensões: ao reunir, em um único instrumento, BEF, habilidade de autocontrole, contabilidade mental e alfabetização financeira, o protótipo oferece uma visão sistêmica raramente disponível em ferramentas gratuitas em língua portuguesa. (ii) Acompanhamento longitudinal: o ciclo de seis meses, com cálculo automático de evolução e identificação de pontos de atenção, transforma o diagnóstico em um instrumento contínuo de educação financeira, alinhado às práticas recomendadas pelo BCB (2026) (iii) Personalização

baseada em evidências: o plano de ação é gerado dinamicamente a partir dos escores obtidos, vinculando recomendações práticas aos pilares de educação financeira do BCB (2026), o que aproxima o cooperado dos conceitos teóricos sem exigir conhecimento prévio.

6. COMPLEXIDADE

O protótipo “Diagnóstico de Bem-Estar Financeiro” pode ser classificado como um produto de média complexidade, pois foi desenvolvido a partir da integração entre conhecimentos consolidados em finanças comportamentais, bem-estar financeiro, análise de dados e desenvolvimento de soluções digitais. Embora sua elaboração tenha ocorrido no âmbito do projeto de pesquisa conduzido pela autora e seus orientadores, sem participação formal de empresas ou instituições externas, sua construção exigiu a articulação de fundamentos teóricos, resultados empíricos e competências técnicas voltadas à implementação da ferramenta.

Entre as etapas fundamentais do desenvolvimento do protótipo, destacam-se: a definição dos construtos e indicadores vinculados ao BEF, à alfabetização financeira, ao autocontrole e à contabilidade mental; a estruturação do instrumento de diagnóstico com base no referencial teórico adotado e nos resultados empíricos da dissertação; a organização das dimensões avaliadas e dos critérios de interpretação dos resultados; e a construção da solução digital com apoio da plataforma Lovable. Também foi necessário estruturar o conteúdo do protótipo, definir suas páginas, organizar o fluxo de navegação e elaborar as mensagens de devolutiva ao usuário, priorizando uma apresentação clara, funcional e acessível, capaz de favorecer a compreensão individual do diagnóstico de BEF pelos cooperados.

REFERÊNCIAS

- Bai, R. (2023). Impact of financial literacy, mental budgeting and self control on financial wellbeing: Mediating impact of investment decision making. *PLOS ONE*, 18(11). <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0294466>
- Banco Central do Brasil. (2026). *Caderno de Educação Financeira: conteúdo básico*. <https://www.bcb.gov.br/cidadaniafinanceira>
- Consumer Financial Protection Bureau. (2015). *Measuring financial well-being: A guide to using the CFPB financial well-being scale*.
- Lusardi, A., & Mitchell, O. S. (2014). The economic importance of financial literacy: Theory and evidence. *Journal of Economic Literature*, 52(1), 5–44. <https://doi.org/10.1257/jel.52.1.5>
- Muehlbacher, S., & Kirchler, E. (2019). Individual Differences in Mental Accounting. *Frontiers in Psychology*, 10. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2019.02866>
- Ponchio, M. C., Cordeiro, R. A., & Goncalves, V. N. (2019). Personal factors as antecedents of perceived financial well-being: evidence from Brazil. *INTERNATIONAL JOURNAL OF BANK MARKETING*, 37(4, SI), 1004–1024. <https://doi.org/10.1108/IJBM-03-2018-0077>
- Stromback, C., Skagerlund, K., Vastfjall, D., & Tinghog, G. (2017). Subjective self-control but not objective measures of executive functions predicts financial behavior and well-being. *JOURNAL OF BEHAVIORAL AND EXPERIMENTAL FINANCE*, 27. <https://doi.org/10.1016/j.jbef.2020.100339>
- Vieira, K. M., Bressan, A. A., & Fraga, L. S. (2021). Financial well-being of the beneficiaries of the minha casa minha vida program: Perception and antecedents. *Revista de Administracao Mackenzie*, 22(2). <https://doi.org/10.1590/1678-6971/ERAMG210115>

APÊNDICE A – Imagens do repositório na plataforma GitHub

The screenshot shows the GitHub repository page for 'perguntas-de-financas-comportamentais' by 'andrearochaedu'. The repository is public and has 16 commits. The main content area displays a list of files and folders, including 'componentes', 'ganchos', 'serviços', '.env.exemplo', '.gitignore', 'App.tsx', 'README.md', 'constantes.ts', 'regras do firestore', 'index.html', and 'index.tsx'. The right sidebar shows the repository's description, a link to the Vercel deployment, and the release section, which indicates that no version has been published yet.

andrearochaedu/perguntas-sobre-financas-comportamentais: Questionários - Google Chrome

github.com/andrearochaedu/behavioral-finance-questions

andrearochaedu / perguntas-de-financas-comportamentais

Digite para pesquisar

< Código Problemas Solicitações de pull Ações Projetos Wiki Segurança e qualidade Percepções Configurações

perguntas-de-financas-comportamentais Público

Alfinete Assistir 0 Garfo 0 Estrela 0

principal 1 filial 0 Etiquetas

Acesse o arquivo Adicionar arquivo Código

andrearochaedu Atualizar FinancialAssessment.tsx f695a98 · por 16 Commits

componentes	Atualizar FinancialAssessment.tsx	por
ganchos	Funcionalidade: implementar módulos principais e estrutura ...	por
serviços	Funcionalidade: implementar módulos principais e estrutura ...	por
.env.exemplo	Tarefa: configurar a documentação do projeto e o Firebase.	por
.gitignore	Funcionalidade: implementar módulos principais e estrutura ...	por
App.tsx	Recurso: reformulação da aplicação para avaliação financeira	por
README.md	Atualizar README.md	por
constantes.ts	Funcionalidade: implementar módulos principais e estrutura ...	por
regras do firestore	Tarefa: configurar a documentação do projeto e o Firebase.	por
index.html	Recurso: reformulação da aplicação para avaliação financeira	por
index.tsx	Funcionalidade: implementar módulos principais e estrutura ...	por

Sobre

Questionário

behavioral-finance-questions.vercel.a...

Leia-me

Atividade

0 estrelas

0 pessoas assistindo

0 garfos

Lançamentos

Nenhuma versão publicada

[Criar uma nova versão](#)

Implantações 14

Produção por

+ 13 implantações

Pacotes

index.html

Recurso: reformulação da aplicação para avaliação financeira

por

index.tsx

Funcionalidade: implementar módulos principais e estrutura ...

por

metadata.json

Recurso: reformulação da aplicação para avaliação financeira

por

arquivo package-lock.json

[Funcionalidade: implementar módulos principais e estrutura ...](#)

por

package.json

Funcionalidade: implementar módulos principais e estrutura ...

por

tsconfig.json

Funcionalidade: implementar módulos principais e estrutura ...

por

tipos.ts

Funcionalidade: implementar módulos principais e estrutura ...

por

vercel.json

Tarefa: atualizar a configuração e a documentação do projeto.

por

vite.config.ts

Tarefa: atualizar a configuração e a documentação do projeto.

por

LEIA-ME

[+ 13 implantações](#)

Pacotes

Nenhum pacote publicado.
[Publique seu primeiro pacote.](#)

Colaboradores 1

andrearochaedu

Línguas

TypeScript 98,7%

HTML 1,3%

Gerado a partir do [modelo google-gemini/aistudio-repository-template](#)

LEIA-ME



Plataforma Cooperativa de Diagnóstico de Bem-Estar Financeiro

Esta plataforma consiste em uma aplicação inteligente projetada para o diagnóstico de hábitos, comportamento e bem-estar financeiro de membros de cooperativas de crédito. O sistema une a precisão cibernética moderna ao calor humano nobre, aproximando teorias de relevância científica e referências de políticas públicas nacionais de uma jornada prática, acolhedora e livre de julgamentos orçamentários agressivos.

Fundação Científica e Didática

O diagnóstico da plataforma está estruturado sob dois pilares integrados de fundamentação: a literatura de psicologia econômica internacional e as diretrizes oficiais de Cidadania Financeira brasileiras.

1. O Índice de Saúde Financeira do Brasileiro (I-SFB 2024)

Aferido em colaboração técnica entre a FEBRABAN e o Banco Central do Brasil, o I-SFB 2024 estabelece uma escala de aferição de 0 a 100 pontos divididos em sete faixas de equilíbrio dinâmico de contas. A plataforma adota rigorosamente essa classificação científica para dar o posicionamento global ao cooperado de forma cortês e motivadora, alterando termos punitivos por diagnósticos restauradores:

- De 83 a 100 — **Saúde Financeira Ótima:** Vida financeira com ampla liberdade e segurança futura.
- De 69 a 82 — **Saúde Financeira Muito Boa:** Domínio do cotidiano, com margem ideal para o salto para as investimentos regulares.
- De 61 a 68 — **Saúde Financeira Boa:** O básico muito bem executado, mantendo contas estruturadas.

Gerado a partir do [modelo google-gemini/aistudio-repository-template](#)

Fluxos de trabalho sugeridos

Com base na sua pilha de tecnologias.

**Datadog Synthetic**

Configurar

Execute testes sintéticos do Datadog no seu fluxo de trabalho do GitHub Actions.

**Gerador genérico SLSA**

Configurar

Gere a proveniência SLSA3 para seus fluxos de trabalho de lançamento existentes.

**Deno**

Configurar

Teste seu projeto Deno

[Mais fluxos de trabalho](#) [Descartar sugestões](#)

LEIA-ME



Plataforma Cooperativa de Diagnóstico de Bem-Estar Financeiro

Esta plataforma consiste em uma aplicação inteligente projetada para o diagnóstico de hábitos, comportamento e bem-estar financeiro de membros de cooperativas de crédito. O sistema une a precisão cibernética moderna ao calor humano nobre, aproximando teorias de relevância científica e referências de políticas públicas nacionais de uma jornada prática, acolhedora e livre de julgamentos orçamentários agressivos.

O desenvolvimento da pesquisa assim como o produto técnico foi desenvolvido com apoio do Programa Inova-Pós/IFMG, conforme Edital nº 447/2024.



Fundação Científica e Didática

O diagnóstico da plataforma está estruturado sob dois pilares integrados de fundamentação: a literatura de psicologia econômica internacional e as diretrizes oficiais de Cidadania Financeira brasileiras.

1. O Índice de Saúde Financeira do Brasileiro (I-SFB 2024)

Aferido em colaboração técnica entre a FEBRABAN e o Banco Central do Brasil, o I-SFB 2024 estabelece uma escala de aferição de 0 a 100 pontos divididos em sete faixas de equilíbrio dinâmico de contas. A plataforma adota rigorosamente essa classificação científica para dar o posicionamento global ao cooperado de forma cortês e motivadora, alterando termos punitivos por diagnósticos restauradores:

- De 83 a 100 — Saúde Financeira Ótima: Vida financeira com ampla liberdade e segurança futura.
- De 69 a 82 — Saúde Financeira Muito Boa: Domínio do cotidiano, com margem ideal para o salto para as investimentos regulares.

Fluxos de trabalho sugeridos

Com base na sua pilha de tecnologias.



Webpack

Configurar

Crie um projeto NodeJS com npm e webpack.



Gerador genérico SLSA

Configurar

Gere a proveniência SLSA3 para seus fluxos de trabalho de lançamento existentes.



Deno

Configurar

Teste seu projeto Deno

[Mais fluxos de trabalho](#) [Descartar sugestões](#)

2. Autocontrole de Gastos (CSSC)

- **Teórico Referencial:** *Ponchio, MC, Cordeiro, RA, & Gonçalves, VN (2019).*
- **Abordagem Didática (Comportamento):** O modelo demonstra que o conhecimento técnico isolado não cega o orçamento da ansiedade de consumo. O verdadeiro amortecedor regulatório é o **CSSC (Consumer Spending Self-Control)** — uma habilidade de impor limites internos de segurança e resistir a gatilhos imediatistas.
- **Tradução Prática (Módulo 1 e Módulo 4 do Banco Central):** O relatório detalhado caminhos personalizados (*Sólido , Moderado ou A Ser Desenvolvido*) e sugere ferramentas testadas pelo BCB, como a **regra de adiamento de 24 horas para compras flexíveis** e estratégias para esvaziar os efeitos do "marketing de sedução" (como anúncios ancorados e impulsos alimentados por estômago vazio).

3. Contabilidade Mental

- **Teórico Referencial:** *Muehlbacher, S., & Kirchler, E. (2019).*
- **Abordagem Didática (Organização):** A contabilidade mental analisa como os indivíduos rotulam e segregam o dinheiro cognitivamente. Utilizar "aulas mentais" específicas de especificação, violando o princípio clássico da fungibilidade, sendo um forte pilar da autodisciplina.
- **Tradução Prática (Módulo 2 do Banco Central):** Ensina as **quatro etapas pedagógicas para o orçamento do BCB** : 1) Planejamento (estimativas), 2) Registro Diário (anotação detalhada), 3) Agrupamento Temático (alimentação, habitação, lazer) e 4) Avaliação Mensal de metas de curto, médio e longo prazo compartilhados harmoniosamente com a família.

andrearochaedu/perguntas-sobre-financas-comportamentais: Questionários - Google Chrome

github.com/andrearochaedu/behavioral-finance-questions

LEIA-ME

4. Uso de Crédito e Cidadania Monetária (Módulos 3, 5 e 6 do Banco Central)

A plataforma fornece clareza conceitual em finanças aplicadas:

- **Crédito:** Desmistifica os juros como "o aluguel do dinheiro no tempo". Oriente o participante a pechinchar e compare o **Custo Efetivo Total (CET)**, entendendo o impacto real do tempo exponencial dos juros compostos.
- **Poupança Ativa:** Enfatiza a direção do Banco Central sobre a importância de "**Pagar-se Primeiro**" (guardar a parcela reservada do futuro e segurança antes de iniciar o pagamento de despesas operacionais voluntárias), diminuindo significativamente o estresse e preparando o futuro de forma consistente.

Detalhamento Técnico e de Arquitetura

A aplicação foi desenvolvida com padrões industriais, garantindo alto desempenho, elegante responsiva e tipagem estática rigorosa.

```
├─ public/                # Vetores gráficos e metadados
├─ src/
│   ├── components/
│   │   ├── Auth.tsx      # Login sofisticado de cooperados
│   │   ├── FinancialAssessment.tsx  # Motor principal do questionário de 50 questões
│   │   └─ ...
│   ├── services/
│   │   ├── firebase.ts   # Integração e regras persistentes de Auth e Firestore
│   │   ├── storageService.ts  # Gestão de persistência offline (Local Storage)
│   │   └─ questionnaireData.ts  # Árvore de perguntas científicas (Q01-Q50)
│   ├── App.tsx           # Orquestrador SPA e transições com Framer Motion
│   ├── types.ts          # Tipagem integral estática de dados e scores de usuários
│   ├── index.css          # Estilização global via Tailwind CSS
│   └─ metadata.json       # Definição e escopos do aplicativo
└─ ...
```

andrearochaedu/perguntas-sobre-financas-comportamentais: Questionários - Google Chrome

github.com/andrearochaedu/behavioral-finance-questions

LEIA-ME

questionnaireData.ts# Árvore de perguntas científicas (Q01-Q50)

App.tsx# Orquestrador SPA e transições com Framer Motion

types.ts# Tipagem integral estática de dados e scores de usuários

index.css# Estilização global via Tailwind CSS

metadata.json# Definição e escopos do aplicativo

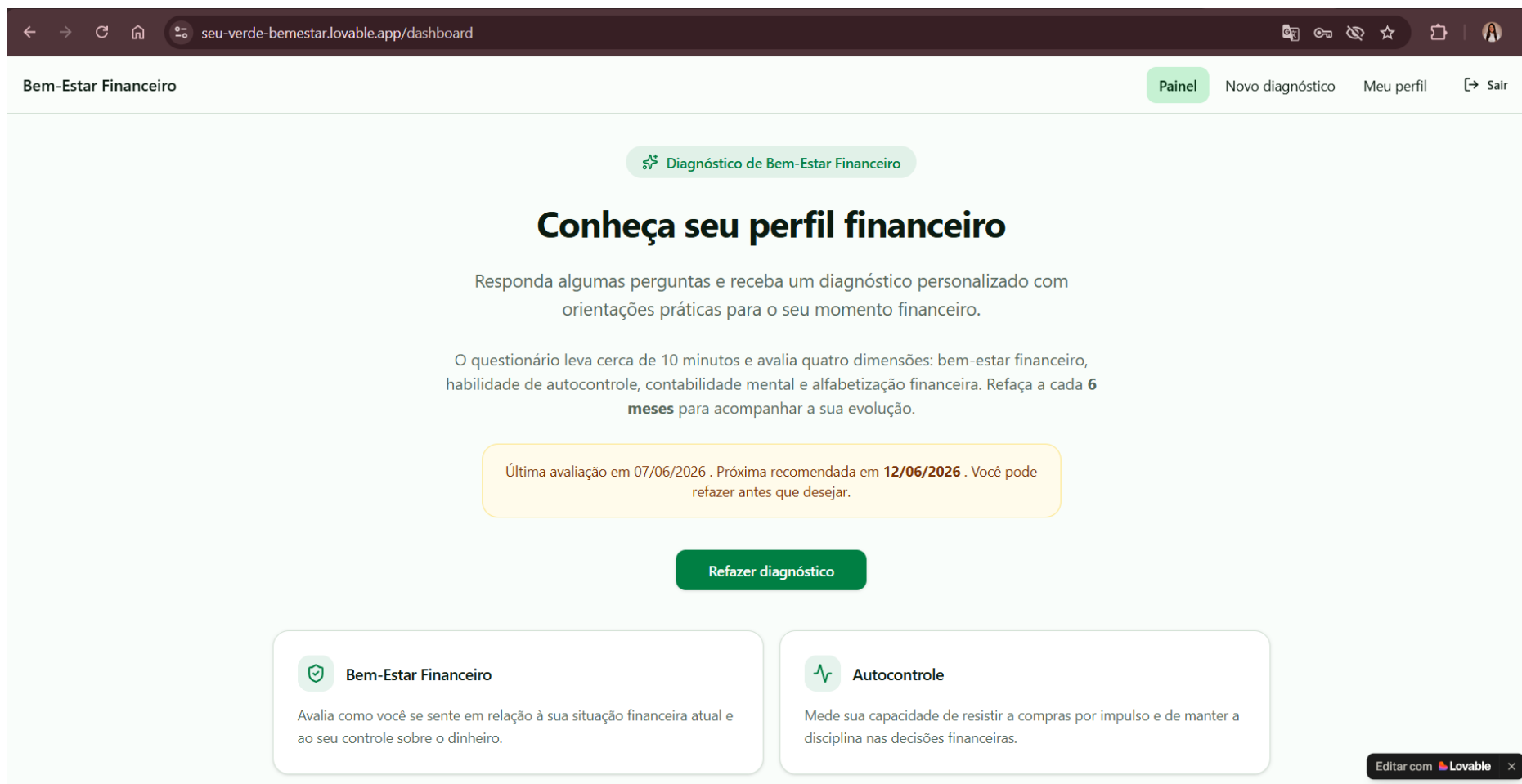
package.json# Scripts de build bundler (esbuild + vite)

Principais Componentes Técnicos

- Frontend SPA Moderno (React 18 + Vite):** Interface SPA ágil sem carregamento de páginas desnecessárias, proporcionando fluidez absoluta em transições de questionário e gráficos.
- Visual Inteligente (Tailwind CSS):** Estética refinada com tema escuro de alto contraste ("Ambiente Ardósia/Slate"), que confere adição de aplicação bancária premium. Curvas circulares amplas e tipografia bem distribuída.
- Conversão de Algoritmo Científico (SCORE_LOOKUP):** O sistema obtém a árvore de respostas das questões de bem-estar financeiro (Q07-Q16) e, através de um mapeamento científico específico no arquivo de comportamento, traduz a pontuação bruta em notas na escala I-SFB 24 (de 14 a 86 pontos).
- Sistema Híbrido de Persistência:**
 - Offline-First (Local Storage):** Sincronização imediata no navegador protegendo os dados nos turnos do diagnóstico se conexão falha.
 - Integração Firebase:** Sincronização em nuvem do progresso e resultados históricos de exames do cooperado, protegidos pelas regras integradas do Google Cloud.

Este projeto sintetiza e materializa o propósito das finanças cooperativas: colocar a engenharia de software de ponta a favor do letramento didático, da equidade de tratamento e do cuidado integral com a saúde financeira real de seus parceiros e membros.

APÊNDICE B – Imagens do protótipo do aplicativo na plataforma Lovable



Bem-Estar Financeiro

Painel Novo diagnóstico Meu perfil [\[→ Sair\]](#)

Última avaliação em 07/06/2026 . Próxima recomendada em **12/06/2026** . Você pode refazer antes que desejar.

Refazer diagnóstico

**Bem-Estar Financeiro**

Avalia como você se sente em relação à sua situação financeira atual e ao seu controle sobre o dinheiro.

**Autocontrole**

Mede sua capacidade de resistir a compras por impulso e de manter a disciplina nas decisões financeiras.

**Contabilidade Mental**

Identifique como você organiza, rotula e separa mentalmente seus recursos financeiros no dia a dia.

**Alfabetização Financeira**

Avalia seu conhecimento, atitude e comportamento em relação a conceitos e práticas financeiras.

 **Meus diagnósticos** [Novo diagnóstico](#)

07/06/2026, 23:40:26
BEF: 66 · Alto

Editar com  Lovable [×](#)

07/06/2026, 22:49

Diagnóstico de Bem-Estar Financeiro

C

Diagnóstico de Bem-Estar Financeiro

Cooperativa de Crédito · Centro-Oeste de Minas Gerais

100%

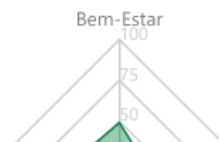
COMECE POR AQUI**Desenvolver autocontrole nas decisões financeiras**

Esta é a dimensão com a menor pontuação no seu perfil (**Autocontrole: 31/100**). Priorize as ações abaixo nos próximos 30 dias para gerar mais impacto.

- 1 Automatize sua poupança no dia do salário (pré-compromisso).
- 2 Adote a regra das 24h antes de qualquer compra não essencial.
- 3 Antes de comprar, pergunte-se: "isto é necessidade ou desejo?".

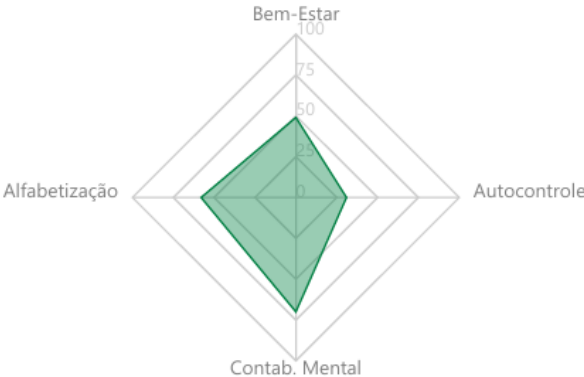
Seu perfil em 4 dimensões

Todas as dimensões na mesma escala (0 a 100) para você comparar seus pontos fortes e os que merecem mais atenção.



Seu perfil em 4 dimensões

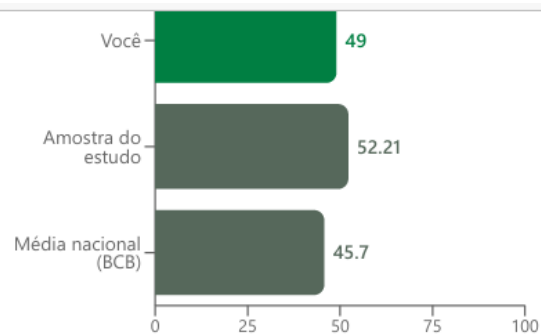
Todas as dimensões na mesma escala (0 a 100) para você comparar seus pontos fortes e os que merecem mais atenção.



Bem-Estar	49/100	Autocontrole	31/100
Contab. Mental	70/100	Alfabetização	58/100

Seu BEF comparado a referências

Bem-Estar Financeiro (escala CFPB, 0 a 100). Compare seu resultado com a média da amostra do estudo e a média nacional do BCB (2025).



Você está **3.3 pontos acima** da média nacional e **3.2 abaixo** da média da amostra do estudo.

DIAGNÓSTICO CONCLUÍDO

Seu Diagnóstico Financeiro

Quatro dimensões que, juntas, explicam sua relação com o dinheiro.



Bem-Estar Financeiro: Médio baixo

Você administra o essencial, mas falta margem para imprevistos e planos futuros. Aplique as

Habilidade de Autocontrole

Capacidade de adiar gratificação, resistir a impulsos de consumo e seguir metas financeiras de longo prazo. É um dos preditores mais fortes do bem-estar financeiro futuro.

31/100
Baixo

<https://lovable.dev/projects/a8171ca1-f94d-4a16-8ea1-fc79b8ca630c>

2/8

07/06/2026, 22:49

Diagnóstico de Bem-Estar Financeiro

Você tem dificuldade em resistir a tentações e manter metas financeiras de longo prazo, o que costuma gerar arrependimento pós-compra e endividamento. O BCB recomenda começar por "pré-compromissos": automatize a poupança no dia do salário, separe contas para gastos fixos e variáveis, e use a pergunta-chave do Caderno antes de cada compra — "isto é necessidade ou desejo?". Pequenos hábitos repetidos fortalecem o autocontrole.

Contabilidade Mental

Escala adaptada de Muehlbacher e Kirchler (2019). Avalia a tendência declarada à utilização de práticas de acompanhamento, registro, categorização e organização das atividades financeiras.

Escore geral (1,00 a 5,00)

3.80/5,00

1,00

2,33

3,66

5,00

Alta Tendência à Contabilidade Mental

Sua tendência à contabilidade mental é alta.

Sua pontuação sugere que você utiliza com maior frequência práticas de acompanhamento e

https://lovable.dev/projects/a8171ca1-f94d-4a16-8ea1-fc79b8ca630c

7/8

07/06/2026, 22:49

Diagnóstico de Bem-Estar Financeiro

- Comece o planejamento da aposentadoria o quanto antes — quanto mais cedo, menor o esforço mensal.
- Mantenha documentos, senhas e informações financeiras organizadas e seguras.

Conteúdo das orientações finais inspirado no Caderno de Educação Financeira – Conteúdo Básico (Banco Central do Brasil, Departamento de Promoção da Cidadania Financeira, 2ª edição, 2026). Disponível em bcb.gov.br/cidadaniafinanceira.

Próximos passos

Este diagnóstico tem caráter educativo e serve como ponto de partida para refletir sobre sua relação com o dinheiro. Se surgirem dúvidas ou se você deseja aprofundar alguma das orientações apresentadas, recomendamos buscar o apoio de um **profissional de educação financeira** ou conversar com o **gerente da sua conta na cooperativa**. Ele poderá esclarecer questões específicas, apresentar soluções adequadas à sua realidade e acompanhar seu progresso ao longo do tempo.

Bem-Estar Financeiro

Painel **Novo diagnóstico** Meu perfil [↗ Sair](#)

C

Diagnóstico de Bem-Estar Financeiro
Cooperativa de Crédito - Centro-Oeste de Minas Gerais

20 %

SEÇÃO 1 DE 5

Perfil

†

☐ De 18 a 28 anos

☐ De 29 a 39 anos

☐ De 40 a 50 anos

☐ De 51 a 60 anos

☐ Igual ou superior a 61 anos

Gênero

☐ feminina

Editar com  Lovable ✕